

SOMOS SEIS



FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

CAIO RAMACCIOTTI

ESPÍRITOS DIVERSOS

A juventude expressa o amanhecer no dia da existência terrestre. E, neste livro, colhemos impressões e notícias de companheiros que regressaram à Espiritualidade Superior, nesse momento super-iluminado de quantos se encontram no Plano Físico.

Ainda assim, eles não escrevem unicamente para os corações aquecidos na primavera das forças corpóreas, mas se dirigem a quantos se localizam nas variadas faixas do tempo, no *tempo terrestre*.

(DO PREFÁCIO DE EMMANUEL)

SOMOS SEIS

Ficha Catalográfica

(Preparada pelo Centro de
Catalogação-na-fonte, Câmara
Brasileira do Livro, SP)

Xavier, Francisco Cândido, 1910-
X19s Somos seis (por) Francisco Cân-
dido Xavier, Caio Ramacciotti (e) espí-
ritos diversos. São Bernardo do Campo,
SP, Grupo Espírita Emmanuel, 1976.
p. ilustr.

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Ramac-
ciotti, Caio. 1942- II. Espíritos diversos.
III. Título.

76-0636

CDD-133.9
-133.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritos Psicografados: Espi-
ritismo 133.91
2. Espiritismo 133.9
3. Espíritos : Comunicações
mediúnicas : Espiritismo
133.91
4. Psicografia : Espiritismo 133.91

Direitos Autorais cedidos ao

GEEM

GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL
Sociedade Civil Editora
Filiado à
Câmara Brasileira do Livro
Av. Humberto de Alencar Castelo
Branco, 1.666
Telefone: PBX 443-5888
Caixa Postal 888
Telegramas: EMMANUEL
09700 - São Bernardo do Campo
SÃO PAULO - BRASIL
(Inscrição no C.G.C.M.F.
N.º 59.141.085/0001-70)

FRANCISCO
CÂNDIDO
XAVIER

CAIO
RAMACCIOTTI

PELOS
ESPÍRITOS
DE

*Volquimar Carvalho dos Santos/Augusto César Netto/Carlos Alberto da
Silva Lourenço/Jair Presente/Wady Abrahão Filho/Wilson William Garcia*

GRUPO
ESPÍRITA
EMMANUEL
SOCIEDADE
CIVIL
EDITORIA

São Bernardo do Campo - S.P.

Reforma Ortográfica

Utilizamos nesta obra a ortografia oficial regulamentada pela lei n.º 5.765 de 18 de dezembro de 1971, sancionada pelo Exmo. Sr. Presidente da República e baseada no parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, exarado a 22 de abril de 1971.



1.^a Edição — 1976

Capa e Diagramação
Décio Ambrosio

I - Prefácio

II - A Volta dos Jovens

III - VOLQUIMAR CARVALHO DOS SANTOS

- 18 - O Incêndio do Joelma
- 23 - Quem é Volquimar
- 27 - O Reencontro
- 30 - Mãezinha, Estou Bem!
- 37 - Não Chore Mais, Mamãe! Eu Não Morri!
- 42 - Os Irmãos de Fevereiro
- 49 - Encontro Sem Fronteiras

IV - AUGUSTO CÉSAR NETTO

- 55 - Reapresentação
- 59 - Tempo de Paz
- 65 - O Esquema da Paz
- 68 - Falei e Penso que Falei Jóiá
- 75 - Sugestões Práticas
- 79 - A Volta do Astronauta-Mirim
- 85 - Como não dar Aquelas de vila diogo
- 89 - Balão Apagado
- 93 - O Banho de Loja Nova
- 94 - O Melhor Programa
- 97 - Complemento
- 99 - Carta ao Amigo Anônimo
- 105 - Sobre o Pifa e a Boleta

V - CARLOS ALBERTO DA SILVA LOURENÇO

- 111 - A Volta do Jovem Santista
- 114 - O Resseguro de Deus
- 121 - Outros Investimentos
- 124 - Aniversário de Renascimento
- 133 - O Pedido do Pequeno Alexandre
- 136 - Telerrecados
- 145 - Palavras do Além

VI - JAIR PRESENTE

- 151 - A Presença do Jair
- 157 - As Dicas do Fantasma-Sorriso
- 163 - Irineu ou Pirineu?
- 166 - Papo Informal
- 173 - Papo no Diálogo
- 178 - Bilhete de Irmão
- 182 - Abraço em Campinas

VII - WADY ABRAHÃO FILHO

- 187 - A Visão do Sr. Wady
- 190 - Presente de Aniversário
- 197 - O Sonho e a Rosa
- 200 - Palavras aos Pais
- 206 - Samaritanos do Além
- 208 - Jesus é o Nosso Programa
- 214 - O Filho Reconhecido

VIII - WILSON WILLIAM GARCIA

- 219 - Traços Biográficos
- 223 - A Família Garcia e Chico Xavier
- 227 - Renasci das Chamas
- 235 - A Emoção do Retorno

IX - Entrevistando Chico Xavier

PREFÁCIO

VOTOS DE AMIGO

A juventude expressa o amanhecer no dia da existência terrestre. E, neste livro, colhemos impressões e notícias de companheiros que regressaram à Espiritualidade Superior, nesse momento super-iluminado de quantos se encontram no Plano Físico.

Ainda assim, eles não escrevem unicamente para os corações aquecidos na primavera das forças corpóreas, mas se dirigem a quantos se localizem nas variadas faixas do tempo, no *tempo terrestre*.

Amigos do progresso e da elevação, fornecem a todos os espíritos vinculados à Terra a alegria da criatividade na Seara do Bem e a certeza da imortalidade, acima das provas e experiências que burilam os homens.

Nas entrelinhas de cada mensagem confortadora, esclarecem que as regiões etárias da estância humana, quaisquer que sejam, se caracterizam de muita importância para a alma e que, do alvorecer à noite, no *dia da existência planetária*, somos convidados pela verdade ao plantio do amor, visando a colheita de felicidade e de luz, nos campos da Vida Maior.

Que as palavras desses construtores de renovação nos auxiliem a formar, com segurança, nas falanges do bem e da paz, do aperfeiçoamento e da alegria, de que os autores deste volume se fazem integrantes operosos e felizes, são os nossos votos.

EMMANUEL

Uberaba, 1.º de julho de 1976

Os jovens estão de volta!

Após o lançamento de JOVENS NO ALÉM, em outubro de 1975, ressurgem os rapazes, como que varando extensa cortina de cinzas, com novas mensagens. E vêm acompanhados de outros dois autores que trazem o seu testemunho, de certa forma semelhante, pois ambos faleceram no incêndio do Edifício Joelma, em São Paulo.

Voltam bem à vontade, sem rodeios, pois a limpidez da transmissão mediúnica lhes permite a expressão natural, com suas palavras próprias, muitas vezes calcadas em gíria gostosa e clara, abordando com os jovens da Terra importantes problemas.

Nas páginas deste livro, você, prezado leitor, terá oportunidade de observar repetidas referências a JOVENS NO ALÉM face à necessidade de esclarecermos fatos ou identificarmos citações já mencionados naquela obra.

Ao anotarmos o nosso agradecimento a muitos companheiros, particularizamos nossa gratidão ao querido amigo Francisco Cândido Xavier, a quem tudo devemos, na estruturação deste trabalho, aos pais e familiares dos jovens, pela simpatia e atenção com que forneceram os fundamentais elementos de identificação e ao amigo e companheiro de Doutrina Espírita, José da Fonseca, de quem obtivemos valiosas informações a respeito do incêndio do Joelma.

Desejamos que as surpreendentes revelações sobre a sobrevivência do espírito, que com tanta clareza os jovens nos trazem, representem para todos nós a oportunidade de estudo e meditação sobre a vida além da morte. E, sobretudo, aos amigos, que carregam a dor da separação dos filhos queridos, esperamos que estas páginas signifiquem a possibilidade de reencontro das mais caras afeições, transitoriamente separadas de seu convívio pela morte física.

Caio Ramacciotti

São Bernardo do Campo, 1.º de julho de 1976

A VOLTA DOS JOVENS

VOLQUIMAR CARVALHO DOS SANTOS

— Guaratinguetá — 1.º de julho de 1952

— São Paulo — 1.º de fevereiro de 1974

Filha de Geraldo Avelino dos Santos e Walkyria Carvalho dos Santos

Irmãos: — Volnelita dos Santos Foguel, casada com Wilson Foguel,
residentes em Araras — SP — Volnéia dos Santos Augusto, casada com
José Augusto, residentes em São Paulo — Capital — Álvaro Avelino
Carvalho dos Santos.



Para o paulistano, habituado às dimensões arquitetônicas de sua megalópolis, não é hábito particularizar esse ou aquele edifício, essa ou aquela construção mais ou menos soberba, porquanto, vive-se na capital paulista entre rochedos de concreto, perdendo-se, já em passado mais remoto, o tempo em que se admirava a altura, então, descomunal do Edifício Martinelli, do Banco do Estado ou mesmo do Edifício Esplanada.

Hoje, apenas a idéia do Metrô quebra a rotina da população operosa que de sol a sol constrói a maior cidade da América Latina.

Um edifício há, contudo, que, a despeito de não apresentar muito de diferente em relação aos outros, há dois anos permanece vivo na retina de todos nós

que da Grande São Paulo presenciamos a eclosão de catástrofe de inusitadas proporções. Falamos do Joelma.

Com seus 26 andares, alinhados em arquitetura moderna, em que a forma convexa de sua fachada se abre em leque para a Avenida 9 de Julho, descortinando a extensão toda da grande avenida que se perde nos Jardins, fica o Joelma situado em posição estratégica. Logo no início da 9 de Julho, próximo à Praça das Bandeiras e do Vale do Anhangabaú, voltando suas costas para a Avenida 23 de Maio, semelha-se, mesmo, o Joelma a um guardião do miolo da cidade, onde se depositam as tradições primeiras de sua história, com o antigo Anhangabaú sepultado pela canalização de concreto, correndo no sopé das colinas onde se construiu, por determinação de Manoel da Nóbrega, o Colégio de São Paulo de Piratininga.

Pouco antes das 9 horas da manhã daquela sexta-feira, no primeiro dia do mês de fevereiro de 1974, línguas de fogo, nascendo do meio do Edifício, começaram a crescer, alcançando em poucos minutos proporções que lembravam o trágico Andrauss, de dois anos antes.

Com a combustão de materiais diversos que se imolavam ao poder destruidor do fogo, volutas de fumaça negra, em rolos intermináveis, alternavam-se ou conviviam com as chamas ciclópicas.

O INCÊNDIO DO JOELMA

Muitas das pessoas que se encontravam naquela manhã no Joelma conseguiram descer as escadarias até o Térreo e salvar-se. Mas muitas, também, não tiveram o mesmo destino: à medida em que o fogo queimava, chamas e fumaça subiam pelo vão das escadas, impedindo de qualquer modo a descida de quem se encontrava nos andares superiores. Elevadores lotados se perdiam na ausência de eletricidade, transformando-se em fornos crematórios a carbonizar os infelizes passageiros que acreditaram na possibilidade de atingir o Térreo, através daquelas gaiolas de aço.

Sem possibilidades de descer, muitos subiram até o topo do Edifício, na idéia de que se repetiria o mesmo processo de salvamento do Andrauss em que dezenas de pessoas foram salvas pelos helicópteros. Não sabiam, e não adiantava saber, que o Joelma não tinha heliporto. Na cobertura, os muitos que lá chegaram, começaram a correr, como um bando desorientado, fugindo para cá e para lá das lâminas de chamas aterradoras e dos rolos de fumaça que a todos intoxicava.

O oxigênio, rarefeito pela combustão, atraído pelo sorvedouro do fogo, como que acabava, toda vez que as chamas mais ousadas varriam os cimos do Joelma, retornando escassamente quando as chamas recuavam, para com parcimônia ser sorvido a longos haustos pela multidão em desespero. No interior do prédio o panorama não era mais alentador, posto que a fumaça penetrava onde não chegava o fogo, asfixiando a muitos. As laterais do Edifício foram as mais poupadas, ali concentrando-se a maior parte das pessoas que foram recolhidas com vida.

No desespero de salvar-se, na confusão generalizada, corpos eram pisados ou, quais tochas vivas,

impiedosamente carbonizados; alguns não poucos, no paroxismo da dor e do desespero, pularam para estatelar-se perto do povo que assustado, acompanhava a tragédia, entre atônito e inerte.

O heroísmo estava presente; mais uma vez páginas de coragem indômita foram escritas; a generosidade irmanou muitos naquelas poucas horas e espíritos valorosos deixaram seus corpos para alçar vôos maiores, já sem os helicópteros que os não puderam salvar, mas, com o apoio, talvez, de aparelhos outros, invisíveis para nós, que levavam as vítimas fatais para regiões diferentes...

Entre esses passageiros, em viagem compulsória para um novo destino, estavam dois dos autores deste livro: Wilson William Garcia e Volquimar Carvalho dos Santos.

QUEM É VOLQUIMAR

Embora o irmão Álvaro a tenha reconhecido no Instituto Médico Legal, ocultou o fato à progenitora. O dia havia sido exaustivo; apenas àquela hora, perto das seis da tarde é que a longa busca chegava ao fim. Desde os primeiros momentos do incêndio, Álvaro esgotara todas as possibilidades de encontrar Volquimar.

Os dois trabalhavam no Joelma; Álvaro Avelino Carvalho dos Santos, o filho caçula de 19 anos e Volquimar, de 21 anos, eram funcionários da Crefisul; o rapaz trabalhava no Térreo e Vólqui, como era carinhosamente chamada, no 23.º, como gravadora de processamento de dados.

Tão-logo deflagrado o incêndio, Álvaro ficou aguardando a cada chegada de colegas dos andares de cima, a presença da irmã. Como até às 10 horas e meia ainda não conseguira localizá-la, encarregou alguns amigos de continuarem na procura, enquanto ia em casa tranquilizar a mãe.

D. Walkyria se encontrava no Pronto Socorro Infantil Santa Generosa, acompanhando a filha de uma vizinha que lá estava internada. Até perto das 11 horas daquela manhã, de nada sabia: foi informada do incêndio por uma serviçal que procedendo aos cuidados rotineiros de limpeza no quarto da criança, comentou que um prédio na cidade pegava fogo. Curiosa, D. Walkyria desceu para maiores informações na secretaria do Pronto Socorro e soube tratar-se do Joelma. Enquanto tentava inutilmente ligação telefônica para os filhos, o Álvaro chega, coloca a mãezinha a par da situação e volta até o Joelma para localizar a irmã.

As buscas exaustivas em volta do prédio, nas outras agências da Organização Crefisul, mais próximas, onde se elaboravam listas das pessoas que conseguiam salvar-se, foram infrutíferas.

Voltou para casa, e com D. Walkyria e o auxílio de um amigo motorizado partiram à tarde para novas tentativas de localização de Volquimar, tentativas que os levaram, por fim, ao Instituto Médico Legal.

Deixando a mãezinha no carro, Álvaro entrou com o amigo no Instituto e ao encontrar o corpo da irmã, julgou prudente ocultar o fato ao coração materno, até que chegassem a um Pronto Socorro Cardiológico, onde, junto de um médico, daria a notícia; D. Walkyria poderia não resistir ao impacto.

Entrando no carro, disse a ela que a Vólqui não estava no Instituto e, em piedosa desculpa, falou que iriam a um hospital próximo, onde talvez a jovem estivesse; mas, aqui começam as participações do Além que não permitiram a D. Walkyria manter ilusões a respeito do destino da filha.

Assim que o Álvaro deu a desculpa e o carro já rolava pelo asfalto da Teodoro Sampaio, bem em frente ao vetusto edifício do Instituto Oscar Freire, Volquimar apareceu em espírito para a mãe.

Sem que o irmão e o amigo a vissem, ela disse:

— “Mãe, o Álvaro já me achou e identificou o meu corpo.”

— Álvaro, meu filho, perguntou, então, D. Walkyria, você já localizou sua irmã, não é verdade?, sem dizer como estava recebendo a informação.

— Não, mamãe, retrucou o Álvaro, confuso, não a encontrei.

Continuava, contudo, o diálogo invisível da filha com a mãe.

— “Mamãe, falou a Volquimar sorrindo, ele já me encontrou, sim, e está ocultando a verdade da senhora.”

D. Walkyria tocou os ombros do filho, no banco da frente do carro e repetiu:

— Álvaro, fale-me a verdade, a Vólqui está no Instituto Médico Legal, não é mesmo?

Já que o filho continuasse ocultando a realidade, D. Walkyria silenciou e teve apenas confirmada a certeza do falecimento da filha em um Pronto Socorro, onde, de imediato lhe foram ministradas poções calmantes.

O episódio que envolve o aparecimento da filha, pós-mortem, à sensibilidade da genitora, na tarde do mesmo dia do incêndio, foi confirmado pela Volquimar em sua primeira mensagem psicografada pelo Chico, como veremos mais adiante.

Fato consumado, voltaram para casa e à uma da manhã chegava o corpo de Volquimar já liberado; na manhã seguinte foi sepultada no Cemitério Nova Cachoeirinha.

Filha de Walkyria Carvalho dos Santos e de Geraldo Avelino dos Santos, Volquimar nasceu em Guaratinguetá — SP a 1.º de julho de 1952, vindo a falecer no dia 1.º de fevereiro de 1974, com 21 anos.

Em 1969, residindo em Pirassununga, no interior paulista, Volquimar forma-se professora primária, junto com outra irmã, a Volnéia, e, em seguida, a família muda-se para São Paulo. Em outubro de 1973, após passar por algumas organizações comerciais, foi levada pelo irmão que já era funcionário da Crefisul para trabalhar junto dele no Edifício Joelma, onde desencarnaria quatro meses depois.

Exercia as funções de gravadora em processamento de dados e sua secção, situada no 23º andar, foi severamente castigada pelo incêndio.

Na véspera da morte, Vólqui faltara no serviço para preparar a documentação necessária à matrícula na Universidade de São Paulo, onde fora aprovada nos exames vestibulares recém-realizados, na cadeira de letras.

O REENCONTRO

A bênção do esclarecimento espírita foi muito importante para a família de Volquimar, no período de adaptação após a partida da filha para o Plano Espiritual. A dor, contudo, não deixava o coração saudoso de D. Walkyria, que, a despeito de convicta da sobrevivência da filha, tendo-a visto, inclusive, em espírito na tarde de seu falecimento, como vimos anteriormente, não se acostumava com a ausência daquele anjo meigo, companheira de tantos sofrimentos e lutas, amiga inseparável.

Mas a vida nos empurra invariavelmente para frente, com a renovação dos valores a nos cobrar a readaptação às circunstâncias, por mais adversas que sejam. E D. Walkyria sabia que não poderia fugir ao imperativo da renovação.

Conhecia Francisco Cândido Xavier das apresentações do Pinga-Fogo do Canal 4 de São Paulo, as célebres participações de julho e dezembro de 1971, em que Chico ampliou consideravelmente a legião de seus admiradores, sobretudo entre os não-espíritas que naquelas memoráveis horas de magnetização total, através do vídeo, puderam avaliar a sua majestática dimensão de discípulo de Jesus.

Sendo informada pelo genro, residente em Araras — SP, de que Chico Xavier lá estaria no mês de março, eis que quarenta dias depois do incêndio do Joelma, no dia 10 de março de 1974, D. Walkyria era a primeira pessoa da fila para abraçar o querido médium.

Tão-logo pôde cumprimentá-lo, disse-lhe que perdera a filha no incêndio do Joelma, sem mais informações, tendo o Chico solicitado que esperasse até o fim da reunião, o que ocorreu madrugada a dentro, dada a multidão que aguardava a oportunidade do abraço a Chico Xavier.

Às despedidas, Chico falou-lhe da filha, identificando-a por Volquimar, sem nunca ter tido qualquer informação a respeito da jovem. Aliás, Volquimar, é nome pouco comum e, convenhamos, nada fácil de ser sacado...

Dois meses depois, em maio de 1974, D. Walkyria se encontrava em Uberaba e, em meio a uma conversa informal, Chico contou-lhe que o espírito da Volquimar estava dizendo a ele que deixara em casa algo que permitiria a comunicação mediúnica entre ela e a mãezinha.

D. Walkyria negou a existência de qualquer coisa que a filha tivesse deixado e que pudesse servir de intercâmbio com o Plano Espiritual. Como Chico Xavier insistisse, lembrando que a Volquimar confirmava a existência de uma cartolina com letras e números, com as palavras SIM, NÃO e ADEUS e com um pequeno cartão móvel acoplado, o filho Álvaro lembrou-se de que realmente a Vólqui havia feito um cartão semelhante.

Voltando a São Paulo, identificaram a cartolina guardada entre as coisas da filha e esse meio incipiente de comunicação com os mortos passou a ser utilizado com frequência por D. Walkyria.

A cartolina é citada nas mensagens de Volquimar, como veremos mais adiante: ressalte-se nesse episódio a autenticidade da intervenção mediúnica de Chico Xavier, que de nada sabia. Aliás, nem os familiares da jovem se lembravam de que a filha deixara semelhante cartão em casa.

A comunicação com os espíritos pelo mecanismo do abecedário é conhecida, com as restrições devidas à incipiência do método e à inconveniência, no mais das vezes, de estabelecermos comunicação com o Além, à nossa própria vontade, com o risco de

perturbações decorrentes do intercâmbio, sem o adequado preparo espiritual de nossa parte.

Consiste na disposição sobre um pedaço de cartolina, ou cartão grosso, das letras do alfabeto, dos algarismos arábicos, e de palavras simples, mas de utilidade no diálogo mais rápido, como SIM e NÃO. Um copo ou, como no caso, uma pequena peça de cartolina cortada ao meio, é que vai designando, durante a reunião, as letras e números que o espírito comunicante determina. Uma pessoa as anota, formando, assim, as frases desejadas.

É necessária a presença de um médium de efeitos físicos, pois o copo ou o pequeno cartão cortado ao centro se move espontaneamente, à leve aproximação dos dedos do médium. Pessoalmente já presenciamos semelhantes sessões em que o copo utilizado para identificar as letras desejadas circulava com tamanha velocidade que chegava a cair, sem que os dedos do médium estivessem nele tocando. Trata-se de um fenômeno de efeitos físicos, com a utilização do ectoplasma do médium para a ação psicocinética sobre o copo ou o cartão.

Não se recomenda, no geral, a realização desse tipo de reunião mediúnica. Apenas nos ocupamos de sua descrição para a ilustração de fatos ocorridos, com a família da Volquimar. Desse episódio da cartolina e do abc destaca-se realmente a impressionante intervenção de Chico Xavier que, desconhecendo tudo, transmitiu o recado da filha à progenitora.

Após essa visita de maio, D. Walkyria voltou a Uberaba em julho de 1974, dois meses depois, recebendo a primeira mensagem psicográfica da filha. A segunda surgiu um ano mais tarde.

Querida mãezinha, meu querido Álvaro⁽¹⁾. Primeiro a bênção que peço a Deus em nosso auxílio e a bênção que rogo à querida mamãe para que as forças não me faltem, agora que tomo o lápis com o auxílio de meu avô⁽²⁾ para escrever.

Não sei explicar a emoção que me controla todos os pensamentos. É como se voltasse todo o quadro de meses antes à memória.

Tudo me sensibiliza em excesso, tudo me faz recuar para rever o que devo contemplar em mim própria com serenidade. E parece um sonho, mamãe, estarmos juntas, através das letras no entendimento desejado. Não mais o cartão do alfabeto⁽³⁾ em que os movimentos vagarosos demais nos impedem a idéia de correr como desejamos.

Aqui, é alma para alma nas palavras que anseio impregnar de amor sem conseguir. Peço-lhe não chorem mais o que ficou para trás no tempo, por expressão das Leis Divinas em forma de sofrimento.

Embora isto, sei que a senhora e os nossos pedem notícias. Como foi o inesperado? Muito difícil a revisão. Tudo aconteceu de repente, como se devêssemos todos naquela manhã obedecer, de um modo só, a ordem que vinha do mais Alto, a fim de que a gente trocasse de vida e corpo.

Quando recebi o impacto da notícia do fogo, o tumulto fora da sala não era pequeno. O propósito de fazer com que o trabalho rendesse, habitualmente, nos isolava dos ruídos exteriores. E o tempo de preservação possível havia passado. Atendi automaticamente ao impulso que nascia nos outros companheiros — descer à pressa. E fizemos isso. Elevadores não mais podiam aguardar-nos. A força elétrica sofrera a queda compreensível.

Esforcei-me por atingir algum meio para a descida, mas isso se fazia impraticável. Com alguns poucos que me podiam ouvir, subimos apressadamente para os cimos do prédio. A esperança nos helicópteros estava em nossa cabeça, mas era

MÃEZINHA, ESTOU BEM!

muito difícil abraçar tantos para o regresso à rua com recursos tão poucos. Entendi tudo e orei. Orei como nunca, lembrando toda a vida num momento só, porque os minutos de expectativa eram para nós um prolongado instante de expectativa sempre menor. Tudo atravesssei com a prece no coração. E posso dizer a você, mãezinha querida, que um brando torpor me invadiu, pouco a pouco...

O calor era demasiado para que fosse sentido por nós, especialmente por mim com minudências de registro. Compreendi que não estávamos à beira de uma libertação para o mundo e sim na margem da Vida Espiritual que devíamos aceitar com fé em Deus. E aceitei. Os Amigos Espirituais, destacando-se meu avô Álvaro, comigo durante todo o tempo, não me deixaram assinalar quaisquer violências, naturais numa ocasião como aquela, da parte daqueles que nos removiam do caminho em que se acreditavam no rumo da volta que não mais se verificaria.

Lembrando nossas preces e nossas conversações em casa, procurei esquecer as frases de desespero que se pronunciavam em torno de mim. Essa atitude de prece e de aceitação me auxiliou e me colocou em posição de ser socorrida.

Mais tarde com algumas horas de liberação do corpo, é que despertei ao seu lado⁽⁴⁾. Aquele amigo certo que hoje sei nele o meu avô e benfeitor de todos os dias, estava a postos, reconfortando-me...

Estava em meu próprio leito, refazendo energias, e por ele fui informada de que a ilusão de

estar no corpo, precisava ser esquecida; que o nosso querido Álvaro, auxiliado por ele, me encontrara a forma física na instituição a que fôramos recolhidos, depois da luta enorme e que não me cabia agora, senão estar calma e forte para fortalecê-la.

Mas quem pode se gabar de ser mais forte que os outros numa ocasião qual naquela em que nos vimos todos agoniados e alterados sem qualquer possibilidade de opção?

Chorei muito, mas Deus não nos abandona.

Por alguns poucos dias estive quase que constantemente ao seu lado, até dar-lhe a certeza de que devíamos estar em paz.

Meu avô e outros amigos me ajudaram e prossigo na recuperação necessária.

Os irmãos hospitalizados, os que se refazem dos choques, os que se reconhecem desfigurados por falta de preparação íntima na reconstituição da própria forma e os que se acusam doentes, são ainda muitos.

De minha parte, estou melhorando. Agradeço as suas preces e as orações de Volnéia e de Volnelita, do Álvaro⁽⁵⁾ e dos nossos todos, sem esquecer a nossa querida Célia⁽⁶⁾ e outras amigas. Todos os pensamentos de paz que me enviam são preciosos agentes de auxílio em meu favor.

Quanto posso, querida mamãe, e auxiliada por enquanto e sempre por amigos queridos daqui, volto ao nosso ambiente familiar. Nossas irmãs e os cunhados José e Wilson sempre amigos, nosso Álvaro, nossos queridos Flávio e Cristiano⁽⁷⁾, com

a sua imagem materna em meu coração, prosseguem comigo, como não podia deixar de ser.

Estou satisfeita por haver adquirido um apartamento mais compatível com as nossas necessidades⁽⁸⁾. Fui eu mesma, com o auxílio de meu avô e de outros benfeitores, quem lhe forneceu a idéia de aproveitarmos a ocasião para a compra.

A senhora, querida mamãe, não precisava hesitar quanto ao assunto⁽⁹⁾; você sabia que o nosso ideal era sempre o de conseguir o dinheiro para uma entrada que aliviasse o futuro. E não diga mamãe que isso teria implicado na prova que atravessamos. De qualquer modo a sua filha terminara o tempo aí e, na essência, nós ambas sempre tivemos a certeza de que a minha existência seria curta na terra desta vez, em que aí estive⁽¹⁰⁾. O fato de grifar as palavras "desta vez" me consola, pois isso dá a vocês a certeza de que estou em dia com a bênção da reencarnação, na lembrança do que aprendi.

Meu avô e nossos amigos Augusto e José Roberto estão aqui conosco. Agradeço as nossas queridas amigas Yolanda e Helena, Acácia e outras irmãs, pelo incentivo à confiança em Deus que estamos recebendo.

O amor é um milagre permanente. Por ele as afeições se multiplicam e os nossos corações sempre se escoram em novas esperanças para a vitória na vida.

Querido Álvaro, lembre-me como em nossos retratos felizes. Não me recorde desfigurada ou em situação difícil qual você é induzido a lembrar-

-me. Querido irmão, atravessamos aquela sombra. Agora, tudo é luz e bênção; seja para a nossa querida mamãe, o que você sempre foi, um companheiro e uma bênção.

Comemoramos os aniversários de meu avô e o meu que vocês marcaram com as nossas preces⁽¹¹⁾. Quero prosseguir escrevendo, mas não consigo.

Mamãe, continue forte e calma na fé. A morte não existe; o que existe é a mudança que, por vezes, quando imprevista, como foi o nosso caso, não é fácil de suportar.

Abraços aos meus pequenos filhos do coração. Não posso esquecer os sobrinhozinhos.

Nossos amigos Augusto e José Roberto⁽¹²⁾, já treinados com o intercâmbio na escrita, estão me amparando. Queridas irmãs Yolanda, Helena e Acácia⁽¹³⁾, agradeço muito. Querida mamãe, meu querido Álvaro, irmãos e irmãs do coração, Deus os recompense.

Mamãe, ouça-me dando notícias e recorde aqueles recados: Mãezinha, fique tranqüila; mãezinha, estou bem; mamãe, já cheguei do trabalho; mamãe, chegarei um pouco mais tarde. E esteja certa, querida mãezinha, de que com o beijo de todos os dias e o carinho de todos os momentos, continua sendo sua, sempre sua, a filha que lhe entrega o próprio coração.

Hoje e sempre a sua

VOLQUIMAR
13 julho 1974

NÃO CHORE MAIS, MAMÃE! EU NÃO MORRI!

A reapresentação de Volquimar, após sua morte, traz-nos algumas cogitações mais profundas. Suas palavras descrevem, de início, como ocorreu a morte, contando-nos das dificuldades e lutas para a tentativa de sobrevivência. O anseio inicial de descer, frustrado pelas volutas de negras fumaças: a determinação de atingir o topo do edifício e a compreensão de que seus minutos estavam contados. Nada mais havia a fazer, senão orar. E Volquimar orou como nunca.

Diga-se de passagem que muitas das pessoas que se encontravam no Joelma tentaram salvar-se, subindo até os cimos do edifício, numa comparação instantânea com o incêndio do Andrauss, ocorrido dois anos antes. Mas o Andrauss, em função do heliporto, pôde ter centralizados os serviços de salvamento em sua lage de cobertura; contudo, o Joelma, sem heliporto, pouco ofereceu de segurança aos que chegaram lá em cima; muitos morreram carbonizados, enquanto que outros se jogaram, encontrando a morte, no violento choque com o chão.

O salvamento no Joelma se processou, basicamente, através das escadas Magirus e foram mais beneficiados, nas tarefas de socorro, os que puderam permanecer nas laterais do edifício e nos andares intermediários ou mais baixos, onde os intrépidos bombeiros podiam atuar.

Após descrever os momentos últimos de vida, Volquimar faz um comentário que aparentemente pode causar surpresa entre os que não estão familiarizados com as notícias a respeito da vida após a morte. É quando diz que há irmãos, entre os que morreram, que se encontram hospitalizados, no Plano Espiritual, que se reconhecem desfigurados, por falta de preparação íntima, na reconstituição da própria

forma. É que, como sabemos, a morte não significa mudança milagrosa das condições de vida e sim a ida do espírito para o Mundo Espiritual, em que passa a individualizar-se através do perispírito ou corpo espiritual, envoltório sutil que lhe dá forma. O corpo físico, é, aliás, reprodução bastante aproximada do corpo espiritual.

Convém lembrar, assim, que o corpo espiritual também se lesa em função de determinadas agressões, como as mutilações provocadas pelo trauma do incêndio, sendo a sua recuperação mais ou menos rápida, de acordo com o merecimento próprio e, em última análise, segundo o grau de compreensão e evolução do espírito e dos compromissos que traga de vidas passadas. Daí alguns companheiros que pereceram no Joelma apresentarem, alguns meses depois, ainda o corpo espiritual em processo de recuperação.

Muito rica de informações, do pleno desconhecimento do médium, informações, tão numerosas, pelo anseio de colocar em dia todos os assuntos pertinentes à situação de reencontro, a mensagem da Volquimar exprime a vontade de atualizar o papo, acalmando mais amplamente o coração materno.

Assim, à medida em que formos identificando os nomes e esclarecendo as citações de Volquimar, ofereceremos mais elementos, colhidos na entrevista com os familiares da jovem.

1 — Álvaro — seu irmão, já identificado.

2 — meu avô — refere-se ao seu avô materno Álvaro de Carvalho, como veremos mais adiante. Sub-oficial da Marinha de Guerra, desapareceu com o Cruzador Bahia, em 4 de julho de 1945, torpedeado nos

Rochedos São Pedro e São Paulo, quando retornava ao Brasil, ao fim da 2.^a Guerra Mundial.

3 — Não mais o cartão de alfabeto — veja-se comentário anterior, quando falamos do encontro da mãe de Volquimar com o Chico em Uberaba.

4 — Mais tarde com algumas horas de liberação do corpo é que despertei ao seu lado — como também já comentamos na Biografia de Volquimar, é a confirmação de que a mãe realmente a viu em espírito, próximo ao Instituto Médico Legal, de São Paulo.

5 — Irmãos de Volquimar.

6 — Nossa querida Célia — Célia Januário Ferreira, amiga de Volquimar, colega de cursinho e dos primeiros empregos.

7 — Flávio e Cristiano — seus sobrinhos, Flávio Henrique dos Santos Foguel e Cristiano dos Santos Augusto, filhos, respectivamente, das irmãs Volnelita e Volnéia.

8 — Estou satisfeita...

9 — A senhora não precisava hesitar... São daquelas informações pela psicografia do Chico que verdadeiramente nos

desnorteiam. D. Walkyria havia utilizado o seguro de vida da filha como entrada para a aquisição de um apartamento: consolando a mãe, pela conveniência da atitude, Vólqui nos revela episódio restrito ao ambiente familiar, em evidente prova da exuberância do processo mediúnico autêntico. Sem ter qualquer idéia ou informação a respeito, como pôde, senão mediunicamente, Chico Xavier transmitir com tanta riqueza de dados este episódio revelado pela Volquimar??

10 — Volquimar guardava secreta intuição de que seus dias na Terra estavam contados, dando a entender à mãe, suas intuições, por diversas vezes.

11 — Referência ao seu aniversário de nascimento e à data de falecimento do avô, a 1.º e a 4 de julho, respectivamente. A comemoração de que fala Volquimar na mensagem diz respeito à reunião familiar nesses dias em que a filha desencarnada se comunicou pelo cartão do alfabeto.

12 — Nossos amigos Augusto e José Roberto — Augusto é co-autor deste livro; José Roberto Pereira da Silva, filho de Nery Pereira da Silva e Lucy Ianez Silva, faleceu a 8 de junho de 1972, no acidente com o trem que levava estudantes para Mogi das Cruzes. Contava, então, 18 anos. Como o Augusto, José Roberto, ou Beto, aparece citado em outras oportunidades neste livro.

13 — Yolanda, Helena e Acácia — O leitor, terá, também, oportunidade de encontrar em outras citações, os nomes de D. Acácia e da mãe do Augusto. D. Helena Leal do Canto acompanhava a mãe de Volquimar, quando da recepção desta mensagem.

Querida Mamãe, há um ano prometi escrever ao seu carinho. Um ano e seis dias.

Aqui estou. Renovada, melhor. Quase feliz, se a felicidade não fosse uma luz, tantas vezes, envolta nas nuvens da saudade. Escrevo, porém, agradecida a Deus, cujo Infinito Amor rogo nos favoreça. O trabalho de recuperação espiritual continua.

Mãezinha, a solidariedade é mais forte aqui, no Mundo Diferente. Somos todos irmãos, encadeados pelo amor, uns aos outros.

Aqueles irmãos de fevereiro⁽¹⁾, iluminados nas chamas que nos resgataram de tantas sombras do passado, são agora também minha família. Nossa família.

Creia. Se pudéssemos, nós os que vamos melhorando, participar a todas as mães e pais, principalmente, que os filhos não morreram, encontraríamos nessa possibilidade a maior alegria.

Às vezes, me sinto constrangida, com esse recurso novo pelo qual nos comunicamos.

Quisera que todos se dirigissem aos entes amados, explicando que prosseguem lutando e aprendendo, renovando e melhorando . . . Você não ignora, mãezinha, que nós duas nunca disputamos privilégios, nem nas filas. Estamos conscientes de que o bem é igual aos clarões do sol que pertencem a todos.

Entretanto, aquelas preces, junto do copo e do abc⁽²⁾, aquelas possibilidades de conversar como que me aqueceram no frio da ausência que se sucedeu ao lume da redenção. E dialogamos e nos entendemos de novo.

Rogo, no entanto, a você, querida mamãe, para continuarmos no esforço de esclarecer e consolar aos que ficaram. Nós, os que chegamos ao Mais Além, pelas bênçãos de fevereiro, há dois anos passados, estamos nas tarefas felizes do amparo mútuo.

OS IRMÃOS DE FEVEREIRO

Ninguém julgue que a maioria dos desencarnados aporta no Mundo Diferente sem as marcas das ocorrências que lhes motivaram a separação do corpo físico. É preciso haver atravessado a existência terrestre quase que em serviço absoluto de espiritualização para que o nosso envoltório sutil não seja assinalado pelas impressões da morte. Aqui, surpreendemos companheiros muitos que passam ainda por minucioso tratamento de plástica regenerativa, enquanto que muitos outros recolhem assistência para reparações últimas de pontos orgânicos lesados⁽³⁾.

A morte do corpo é somente mudança de plano, sem mudança de nós mesmos. E nós mesmos, conforme os sentimentos e idéias que carregamos, operamos mecanicamente em nós o registro de emoções e pensamentos que se estampam em nossa forma nova, de modo inevitável, desde que ainda não tenhamos a precisa educação da vida íntima, a fim de comandar com segurança os novos estados de espírito.

Mãezinha, descanse somente pelo tempo necessário. Um mundo de trabalho pede o esforço dos que consigam compreender e amar.

Tudo o que se nos faça possível, realizemos em benefício dos que jazem desanimados, aflitos, desorientados, caídos... A Terra é uma escola imensa, em que todos somos matriculados para as lições do amor que, na essência, é a Herança de Deus para nós todos. Que essa escola, mãezinha, tanto quanto possível, não se transforme por nossa

culpa em hospital ou cárcere, porque as cadeias e doenças, são criações nossas fora da Criação Divina, na luz da Escola Bendita da Vida Física em que nos cabe o serviço da evolução. É necessário abrir caminhos de luz nas sombras, acender a esperança onde tantos cultivam tristeza e desalento, sem qualquer razão de ser.

Somos todos irmãos, repetimos. Por que não reconhecer isso, antes que se nos finde o curso de aprendizado no educandário humano, curso que se expressa em cada uma de nossas existências e das quais sempre saímos deficitários, quanto às notas de aproveitamento e de elevações que nos compete alcançar?!

Tudo é importante, na seara do bem.

O pano com que se ampara um recém-nascido é peça do tecido maravilhoso da caridade, como o lençol com que se resguarda um doente.

As frases de paz que balsamizem os corações desesperados ou que iluminem um cérebro dementado pelo sofrimento descendem das palavras de Jesus e estão impregnadas da bênção com que Ele, Nosso Senhor, nos revelou os caminhos da felicidade e da segurança.

Diga isso à Volnéia e Nelita, ao nosso Álvaro⁽⁴⁾, à nossa Célia. Somos um grupo aparentemente reduzido; no entanto, grande é a nossa fé. Nossos companheiros José e Wilson, nossos queridos Cristiano e Flavinho são partes iluminadas de nossa equipe. E daqui onde sua filha fala ao seu coração, vencendo barreiras vibratórias, somos igualmente

um grupo de corações fraternos, operando e cooperando no esforço de bem fazer aos outros, porque auxiliar em benefício de alguém será sempre beneficiar a nós próprios.

Confirmo: nossos amigos Augusto, Carlos Alberto Toledo, Nasser, Cristiano, José Roberto, Maria Tereza Franchini⁽⁵⁾ e tantos outros estão conosco.

Nossas irmãs Meimei e Scheilla⁽⁶⁾ são professoras a quem profundamente amamos. E de nossos parques de refazimento e de nossos campos de trabalho, elevam-se-nos as orações rogando a Deus para que nossas lágrimas na Terra sejam estancadas. Nossos irmãos Dráusio, Diógenes e Carlos acompanham a nossa irmã Zilda Rozin⁽⁷⁾, que vem colaborando na plantação da Luz Espiritual com o amparo dos filhos queridos; nossa irmã Nely⁽⁸⁾, que nos auxiliou muito e nos trouxe a mãezinha até aqui, agradece a Jesus as bênçãos que recebeu nas provas semelhantes às nossas.

Amigos outros, como seja o nosso irmão Aldo, ligado aos queridos amigos Neusa e Gontran⁽⁹⁾, pede à mãezinha para reconfortar-se na certeza de que ele está sempre e cada vez mais vivo. Nossa irmã Hilda abençoa os caros amigos Paulino e Julinha⁽¹⁰⁾; nosso irmão Maurício⁽¹¹⁾, que eu não conhecia até agora, beija o coração querido de mãe que por ele tem rogado as bênçãos de Deus. Quantos amigos e companheiros aqui se encontram, na devolução do carinho e das lembranças afetuosas que recebem, sua filha não saberia dizer.

Mãezinha, outros surgem: nosso irmão Izídio⁽¹²⁾ abraça a mãezinha e às almas queridas a que se sente ligado e pede à nossa irmã Leila continue com ele, abençoando e amando os lares ainda desfavorecidos de maiores recursos para que o calor do afeto em Jesus seja sol divino no caminho daqueles que faceiam lutas e provações maiores do que as nossas; nossa irmã Assunta⁽¹³⁾ registra o seu amor e devotamento de Mãe em nossas singelas palavras.

Mamãe, se posso dizer mais, reafirmo: só no câmbio do bem conseguimos a moeda da felicidade e da paz, garantindo-nos o Trânsito seguro e tranqüilo de uma vida para outra. Trabalhar servindo e servindo quanto nos seja possível, a todos abençoando em nome de Deus, porque todos somos de Deus.

Estou reconfortada por haver transmitido esta carta que é sua, mãezinha, e de nós todos que nos entrelaçamos nas notícias do Reino da Paz.

Receba com as irmãs queridas, Néia e Nelita, com o nosso querido Álvaro e com todos, todos os que amamos, o abraço com muitos beijos de sua filha e sua companheira que pede a Jesus para ser o seu reconforto e a esperança, o seu carinho e o seu amor.

VOLQUIMAR
19 julho 1975

ENCONTRO SEM FRONTEIRAS

Retorna Volquimar, um ano após a primeira mensagem e um ano e meio depois do incêndio do Joelma. Situação diferente, tanto no Plano Espiritual, quanto aqui na Terra.

No âmbito familiar, as cicatrizes mais firmes, a saudade colocada a cada vez mais no serviço do bem; no Além, ela e os amigos que pereceram no incêndio, mais adaptados à nova vida; alguns, ainda, em fase de recuperação, conforme esclarece Volquimar, qual, aliás, nos lembra na mensagem anterior.

Por outro lado, o clima psíquico que cerca a psicografia dessa mensagem é realmente envolvente, pois que inúmeros espíritos se reúnem para o abraço aos familiares, de modo a se estabelecer uma reunião em dois planos vibratórios: os vivos e os mortos juntos, espantando o espectro anômalo do materialismo e lembrando-nos que estão separados pela necessária diferenciação vocabular, mas que mortos são os que vivos ainda não se aperceberam de que a morte não existe.

No clima de euforia espiritual, as citações vão surgindo, céleres, na escrita firme do médium experimentado. Vejamos as mais significativas:

- 1** — Aqueles irmãos de fevereiro — as vítimas do incêndio do Joelma, irrompido no primeiro dia de fevereiro de 1974.
- 2** — Junto do copo e do abc — fala Volquimar do mecanismo de comunicação que deixou para o intercâmbio mediúnico. Esse fato já foi comentado anteriormente.
- 3** — Ver observação no início destes comentários e também no estudo da mensagem anterior.
- 4** — Volnéia . . . — grupo familiar de Volquimar.

- 5** — Carlos Alberto . . . — No decorrer das páginas deste livro, todos esses jovens serão identificados, posto que são citados em diferentes oportunidades.

Maria Tereza Franchini está entre “aqueles irmãos de fevereiro”. Faleceu no Joelma com 22 anos. Filha de Domingos Franchini e Filomena Cantizani Franchini, residentes na capital de São Paulo.

- 6** — Benfeitoras Espirituais da equipe de Emmanuel. Sempre presentes junto à mediunidade de Chico Xavier.

- 7** — Nossos irmãos Dráusio . . . — Dráusio Giunchetti Rosin, com 23 anos, Diógenes Giunchetti Rosin, com 16 anos, filhos de Amilcar Rosin e de D. Zilda Giunchetti Rosin, escritora espírita, faleceram em acidente na Estrada Suzano-Ribeirão Pires, na manhã de 5 de julho de 1966.

Carlos Guilherme de Macedo, 27 anos, filho de Guilherme Barbosa de Macedo e de D. Maria Lanza de Macedo, desencarnou no mesmo acidente.

- 8** — Nely — Nely Rossi. Filha de Armando Rossi e Ana Maria Rossi, faleceu em São Paulo, aos 11 anos, em 02 de março de 1946, vítima de queimaduras em acidente doméstico.

- 9** — Nosso irmão Aldo — Aldo Sarandy Raposo, faleceu em 9 de março de 1970, com infarto do miocárdio. Contava 24 anos apenas. Filho do Dr. Gontran Sarandy Raposo e Neusa Sarandy Raposo, residentes em São Paulo.

- 10** — Nossa irmã Hilda — Hilda Gritti Saraiva, esposa desencarnada do conhecido editor e livreiro Paulino Saraiva. Julinha é sua atual esposa, Julia Saraiva.

- 11** — Mauricio — Sobrinho da pequena Nely, acima citada. Filho de Carlos Rossi e de Janeth Luzia de Chiaccho Rossi, desencarnou em São Paulo com 8 anos incompletos, a 15 de junho de 1974.

- 12** — Izídio — Izídio Inácio da Silva, filho de Cacildo Inácio da Silva e Leila Sahab Inácio da Silva. Desencarnou em Goiânia, no dia 26 de março de 1974, com 19 anos.

- 13** — Nossa irmã Assunta — Assunta Fioravanti Ghilardi, mãe do Sr. Spartaco Ghilardi, dedicado dirigente espírita na capital paulista.

D. Assunta faleceu a 13 de junho de 1959, com 72 anos.



— São Paulo — 27 de setembro de 1942
— Praia Grande — 27 de fevereiro de 1968

Filho de Raul César e Yolanda César

Irmãs: — Maria Otília César Toscano, casada com o Sr. Walter Toscano.

Zuleica César Carvalho, casada com o Dr. Antônio Celso Mesquita

Carvalho. Marly César de Almeida, casada com o Dr. Paulo Roberto
Bourgogne de Almeida.

AUGUSTO
CÉSAR NETTO

REAPRESENTAÇÃO

Facilmente o leitor identificará no decorrer da leitura deste livro, o estilo próprio dos seus seis autores. Jovens escritores que não vieram de cursos de beletrismo, nem se preocuparam particularmente com o estudo das figuras de expressão literária, de modo a se lançarem como novos candidatos aos troféus e às cadeiras de nossas academias.

Estes jovens, que tão cedo deixaram a Terra, numa idade variável entre 17 e 25 anos, levaram daqui evidentemente o ardor de sua juventude, trazendo de lá, a vontade de contar o que viram aos companheiros e aos pais queridos que não se acostumam à sua ausência, ainda que não estejam ausentes.

Mas, a despeito de sua despreensão em fazer literatura, todos escrevem bem, cada qual carregando a marca inconfundível de sua comunicação pessoal. Assim, em Volquimar, a estrela do grupo, sentimos a filha amorosa, falando simples e de forma elevada com a mãe, do mesmo modo que conversavam quando na Terra. Wilson, o outro estreante, é o marido muito jovem e o filho afetuoso que divide o coração entre a esposa querida e a mãezinha, consolando-as a ambas, numa linguagem clara, como são claras suas posições diante da morte.

Wadyzinho é o jovem amadurecido que aos 17 anos já se dedicava à Causa do Bem, na tarefa de levar as palavras do Mestre aos jovens distantes da compreensão dos valores morais da vida, imersos nos pesadelos induzidos por drogas e vícios outros. Wady, além de filho amoroso, é a Doutrina, exposta, aliás, em estilo sóbrio, encorpado, com o uso da adjetivação fácil.

Carlos Alberto, o Tato, é o engenheiro que abdicou temporariamente de sua linguagem pragmática,

concisa, em função dos sofrimentos da mãe, inadaptada, ainda, à dor da separação.

Augusto e Jair são diferentes dos outros em termos de comunicação. Lembremos que todos, basicamente, são muito ligados às famílias, filhos carinhosos, cada qual com suas características próprias, idênticas às que apresentavam quando encarnados.

Jair, por exemplo, brincalhão, manuseava a gíria, como Wady os analogismos e as metáforas; cabe aqui o depoimento de uma sua colega dos tempos de escola, a estudante de Antropologia da PUC de Campinas, Renata Manjaterra, que ao ler uma de suas mensagens psicografadas pelo Chico, que seu pai lhe fez chegar às mãos, disse: — “papai, mas esse é mesmo o Jair”.

De fato, em suas mensagens, reconhece-se o Jair em qualquer circunstância; são as frases curtas, entrecortadas, carregadas de pontos e de vírgulas, como se Jair não estivesse escrevendo e sim falando. Sua gíria é, como a do Augusto, até mesmo dicionarizada.

E o Augusto, também usava a gíria, quando encarnado? Conversamos com sua mãe a respeito e D. Yolanda disse que sim, usando-a o Augusto com moderação, e reconhecendo em suas mensagens recebidas por Chico Xavier, expressões habituais, do seu agrado quando entre nós.

A verdade é que falando em gíria ou se expressando em estilo convencional, sente-se no Augusto uma linha de exposição típica, em que o rapaz já mais velho que os outros (hoje estaria com 33 anos) é amoroso e alegre, utilizando-se de construções gramaticais bem próprias.

Particularmente entendemos que houve como que uma divisão de trabalho entre os jovens autores,

de modo a atingirem a todas as áreas no campo da divulgação de suas idéias, com uma preferência evidente do Augusto e do Jair pela penetração entre os jovens mais familiarizados com as expressões de gíria. E, reconheçamos, estes jovens são os estudantes, são os rapazes voltados para experiências perigosas com as ervas e as bolinhas e são os outros jovens, ainda na fase dourada da juventude, desligados dos problemas e das cousas, bastante carentes de orientação e esclarecimento.

É inquestionável a penetração dessa técnica que Jair e Augusto trouxeram do Além e que é a técnica também dos jovens daqui: a conversa franca, descontraída, em que as palavras, ou as palas como dizem, surgem ao sabor do próprio diálogo ou do papo informal.

Mamãe, aquele abraço pedindo para nós a bênção de Deus.

A felicidade destas horas de paz e amor aos nossos irmãos em Humanidade é um tranquilizante ideal. Digo assim porque as lutas andam ouriçadas. Tomar providência de cá, receber medidas novas de lá. E o negócio é isso aí: trabalho de renovação, caçada de grilos para consertar a máquina.

Mãezinha, é tanta areia nas areias da vida que, de qualquer modo, é preciso alcançar o chão e plantar lavoura segura que nos traga, não apenas o pão de cada dia, mas também a paz de que todos necessitamos, a cada hora. Não é preciso falar muito. O coração tem boca e ouvidos em que se nos expressam os sentimentos mais íntimos. Eu penso, você pensa, os nossos pensam. E Deus pensará por nós o que seja melhor.

Compreendo as lutas do velho⁽¹⁾. Do nosso velho moço, mais forte do que todas as forças que possamos apresentar. Nosso caro Walter e ele acharão o caminho justo. De nosso lado, querida Mãezinha, construamos a paz e a união. De qualquer maneira, netos são filhos e genros filhos são. Nora, em nosso caso, já era mesmo, porque de

TEMPO DE PAZ

filho casado vocês se livraram em tempo de calma.

Nada de desarmonia, porque espinheiro na estrada de hoje rende espinhos e muitos na estrada de amanhã. Jogar as cascas prá lá, é o nosso programa do momento. E continuemos aguardando tempo bom para que a tempestade fique onde está, amenizada por nossas preces.

Creia. Seu filho agora entende um pouco de confiança em Deus. Já não me vejo tão mocorongo, a ponto de esquecer que estamos nas mãos de Deus.

Mamãe, você igualmente hoje sabe comigo a importância da tranqüilidade geral. Quando nossa Maria Otília esperava por alguém, tempos atrás, os conflitos surgiram fortes. Presentemente, quando a vemos de novo em grandes esperanças para o futuro, como que as lutas voltaram. Não quero dizer "lutas-destrutivas", mas "lutas-lições" ou "lutas-bênçãos". No fundo disso tudo, reconheço a nossa oportunidade de harmonizar e reconstruir. Peço aquele sorriso seu, sempre nosso, tão nosso, e não nos deixemos vencer por tarefas que constituem ocasiões preciosas de serviço na construção da paz e do amor.

Continuemos em nossas atividades da hora que passa, amparando os outros, quanto nos seja possível, para que sejamos amparados. Uma fonte tange outra. E as fontes reunidas fazem o grande rio, transformado em força de progresso. Não temos outro modo de seguir adiante, com a segurança precisa. Apoiar os outros é receber apoio maior. Mão que se abre para ajudar é aquela que

pode realmente receber. Quanto possível, resguardemos o amor que nos reúne a todos, uns aos outros em casa, e assim nos veremos tranqüilos, conquanto as mudanças⁽²⁾.

Renatão amigo⁽³⁾, tempo de servir é qualquer tempo e lugar de ajudar em nome de Deus é qualquer um. Há quem ensine o caminho para o Céu, acomodando-se numa poltrona revestida de ouro e há quem faça indicações valiosas, nesse mesmo rumo, escorando-se num cajado de mendigo. O negócio é não se plantar a pessoa em conversa mole, mas sim arrancar-se, cada um de si mesmo, e trabalhar pelo bem dos outros. Arregaçar as mangas e chorar pelos poros, quanto seja necessário, embora muito trabalhador de valia tenha de chorar pela cabeça, esquentando a sede do pensamento com aflição e vigilância pela tranqüilidade do próximo.

Não se deixe catar pelos fazedores de crás-crás-crás. Trabalhar sim e muito. Quanto às alterações do modo de crer, isso virá com o tempo, desde que o tempo esteja vivo na ação a que nos referimos. Este seu irmão e primo tem sido baratinado por muita experiência até chegar nessa estação de entendimento novo. Ponha serenidade nas idéias e mande tarefas boas prá frente. Mande e se mande que você acabará mandado por Jesus a encargos sempre maiores. Perguntar é bom, mas servir é melhor.

Mamãe, distribua meus abraços. Isso não será difícil, porque mãe é mãe sempre. Converse

em nosso verdão e em nosso peixeiro com o pessoal⁽⁴⁾, arranje um assunto de bola e estaremos certos que chegaremos à goleada do amparo a todos na rede da união.

Não deixe que lágrimas daqui ou dali venham a fazer fossas no caminho a passar. Deus é quem manda em tudo e nós dois estaremos na torcida do pensamento em prece.

Agradeço às nossas irmãs Acácia e Lucy⁽⁵⁾. Vocês estão firmes. Acompanhamos tudo hoje. Nossa irmã Gina está feliz. É isso aí. Não podemos fazer um irmão paralítico andar de repente, imitando Jesus, mas podemos auxiliá-lo a seguir prá frente sobre rodas. Não conseguimos multiplicar os pães de cinco para cinco mil, qual Jesus, diante da multidão; entretanto, se quisermos poderemos repartir um pão em dois⁽⁶⁾ para suprir as necessidades de um companheiro.

Mas isso, vocês todos fazem e sabem muito melhor do que nós, os primos pobres deste lado de cá. Andamos com vocês e aprendemos. E graças a Deus já estamos aprendendo.

Esperamos nosso livro próximo com muito carinho⁽⁷⁾. Cremos que será possível conversar, por ele, com muitos dos nossos irmãos ainda dependurados no corpo físico. Dependurados não à moda de bolso vazio, mas à feição de plantas preciosas nos xaxins dos nervos, florescendo e frutificando com Jesus para a vida melhor.

Agradeço, mamãe, os seus pensamentos convidando seu filho a escrever. Mais do que isso,

escrevo em seu coração todos os dias. Todos os dias conversamos e, a todo instante, o nosso amor é mensagem pelo correio das vibrações.

Mais uma vez abençoe seu rapaz muito esperançado em dias melhores e, com aquele abraço de fazer o telefone retinir aos gritos num beijo estalado de filho saudoso, sou o seu filho, sempre mais seu e cada vez mais reconhecido.

AUGUSTO
07 julho 1975

O ESQUEMA DA PAZ

Em Tempo de Paz, Augusto volta com força total, preocupado com a estabilidade familiar e dando conselhos com tal minudência de informações que nos chocam a atenção.

Desde o início, surpreendendo as dificuldades do pai e do cunhado nas atividades comerciais conjuntas, tranquiliza a todos, lembrando que “espinheiros na estrada de hoje, rendem espinhos e muitos na estrada de amanhã”.

Vamos colocar na seqüência da mensagem as citações que devem ser elucidadas, para maior esclarecimento dessa página do Augusto.

- 1** — Compreendo as lutas do velho — Augusto comenta as lutas na área dos empreendimentos profissionais, por que passa o genitor. As observações do item 2 dizem respeito à mesma problemática.
- 2** — Conquanto as mudanças — Augusto já prevê as modificações na estrutura social da firma de que faziam parte o pai, Raul César, o genro Walter Toscano e o primo Roberto César Carlos. Realmente, mais tarde, o Sr. Raul se retiraria da sociedade, dentro do clima de paz e harmonia solicitado pelo próprio Augusto que assim pôde, do Além, intervir no grupo familiar, com o socorro da paz.
- 3** — Renatão amigo — É o seu primo Luiz Rotta Filho, apelidado pelos familiares por Renatão, ou Renato.

Os conselhos dados pelo Augusto dizem respeito à situação de incerteza por que passava o Renatão, devido a graves

conflitos no campo de suas definições religiosas. Nesta mensagem e nas seguintes vamos encontrar esclarecimentos de Augusto ao primo. No desdobramento do tempo, Renato foi tranquilizando-se, aceitando as ponderações de Augusto e hoje é operoso participante do Lar do Amor Cristão, entidade espírita da capital paulista.

- 4 — Converse em nosso verdão e em nosso peixeiro — Alusão à Sociedade Esportiva Palmeiras e ao Santos Futebol Clube, tradicionais agremiações esportivas de São Paulo.
- 5 — Nossas irmãs Acácia e Lucy — D. Acácia Maciel Cassanha, já citada em JOVENS NO ALÉM, dirigente do Lar do Amor Cristão. Lucy, é sua irmã, Lucy Maciel dos Santos, também residente em São Paulo.
- 6 — Se quisermos podemos repartir o pão em dois . . . — bonita figura, referente à lição de grande profundidade espiritual dada por Chico Xavier, algumas horas antes do Augusto escrever a mensagem. Durante a distribuição de pães a famílias em dificuldade num dos bairros visitados, face à fila que se formara, o pão estava prestes a terminar e o Chico passou a dividir cada pãozinho em dois, para atender a todos. Não houve a multiplicação, mas todos foram beneficiados, numa simbólica

manifestação de respeito pelos que anseiam por um gesto de carinho e amizade, ainda que menos referendado por valores materiais.

- 7 — Esperamos nosso livro com muito carinho — referência a JOVENS NO ALÉM, na época, ainda no prelo.

Mamãe querida! Esta é aquela hora do nosso correio do coração. Começo, como sempre sucede, na prece de paz e reconhecimento com que rogo a Deus nos proteja e nos abençoe.

Estou em nossa caravana. Melhor dizendo — estamos. Porque a nossa turma está engrossando. Hoje entramos no combinado. Gabrielzinho, o Tato Carlos, o José Roberto e o Nasser⁽¹⁾, seguimos todo o roteiro.

Agradecemos, querida mamãe, tudo o que fizeram. Parece estranho, mas é afirmação magiclick: aqui também vamos aprendendo e transformando a nós mesmos. Ontem, aquelas corridas de alegria por fora, hoje as caminhadas de alegria por fora e por dentro.

Não se preocupe em aumentar o cordão dos braços maternos, porque nós de cá, ampliamos constantemente o grupinho dos filhos reconhecidos. Cada visita aos companheiros tristes é conforto em nós todos. Cada fatia de pão está iluminada pela bênção daqueles benfeitores que nos seguem de Mais Alto. Se seu filho pudesse, inventaria um meio de ajuntar barbaridades de grana para converter a prata em socorro. Por isso, é que me esforço para que o pai tenha forças e para que você receba de Deus novas energias.

Aí na Terra, minha querida mãe, falamos tanto em que é preciso trabalhar pelos outros; mas, na maioria dos casos, creio eu, é necessário que a gente se desagarre da armadura física, a fim de entender isso. Enquanto parafusados no esqueleto, caridade é lição difícil de dar, perante os professores desse gibi tão difícil de ser lido. A gente possui e crê que os outros possuem, estamos de boa saúde e esquecemos a tremenda situação dos que caminham mambembes, sacudindo os ossos em trapos de carne. Mas voltando para cá, somos naturalmente chamados a ver — a ver todas as necessidades que dominam os nossos semelhantes.

FALEI E PENSOQUE FALEI JÓIA

Então, é o momento de largar as nossas mumunhas e mandar personalidades prá cucuias. Seremos nós, seres humanos, filhos de Deus, formando uma só família.

Sei, mãezinha. Há quem negue essas verdades, mas apenas se entregam à entração canuda de quem se faz de cego para não enxergar. Panos e antolhos, porém, caem da visão, mais hoje, mais amanhã e o negócio se manda forte prá cima de quem perde tempo e despreza a oportunidade.

Ajude, sim, mamãe, quanto puder aos que varam fossas muito maiores do que as nossas. Troque o metal ou o papel chapeludo em bênçãos de amparo aos que caminham na chuva do sofrimento. Sei que meu pai e nossa gente aprovam. Afinal, não estamos desperdiçando glórias, nem dando shows de beneficência.

Você sabe. O nosso ajuste é calmo e equilibrado. Um litro de Old Eight transformamos em vários cobertores. Um conserto de carro pela grilagem de uma festa convertemos em remédios para vários doentes. A batida — a outra de mucas e outros viram pães e bolos para muitos companheiros que estão fazendo cruzeiros na boca. Vinte litros de gasolina para uma excursão desnecessária se arrancam hoje em enxovais para recém-nascidos, sem meios de enfrentar o frio de um leito sem agasalho; um pacote de fumaça cara para nós agora é um fardo de alimento, em benefício daqueles que se reúnem perto de um fogão apagado; e aqueles costumes ricos de seu filho bem-ajambrado

são uma enormidade de roupas para tanta pele exposta ao vento.

Falei. E penso que falei jóia. E disse o que disse para que nós dois, fazendo o balanço, estejamos certos de que não estamos arruinando a família. E pode crer, minha querida mãe, vida de meu coração e luz dos meus dias, que se conseguisse presentemente estar com os tubos, os melhores presentes para oferecer a você seriam estes: estas horas de amor ao próximo em que seu Augusto aprendeu a ver os irmãos que choram, tentando consolá-los; seriam, mamãe, estas noites de oração e de amor em que, com as nossas mãos encontramos os que não têm braços e em que, com a nossa fé, colecionamos as visões dos que se enraízam no desespero e na aflição, agoniados nas provações em que ainda se encontram.

Eu sei de suas noites e de seus dias, em que você me procura nos doentes e nos que se reconhecem abandonados. E somo as suas esperanças com as minhas para transformá-las em serviço à nova família que Deus nos concedeu — junto da nossa — a família dos últimos que seguem nas retaguardas da Terra, confiando em Deus e naqueles que se entregam a Deus para compreendê-los e sustentá-los. Sei que meu pai nos compreende, que as minhas irmãs e os meus irmãos que se ligaram a elas e a nós nos entendem e nos aprovam.

Agradeço ao papai e a todos por isso mesmo, porque eles todos nos abençoam, compartilhando-nos as tarefas.

Aqui estão nossos amigos Gabrielzinho e Carlos Tato. Fazem deles estas palavras que digo. Para o Gabrielzinho, isso não é tão novidade. Ele é um jovem filósofo. O que nosso Jair Presente⁽²⁾ mostra de euforia (palavra difícil para significar bom-humor), o nosso Gabrielzinho revela de pensamento profundo. Somos todos irmãos e estamos formando uma pequena comunidade de amigos de Jesus. Uns são mais extrovertidos, outros mais entregues a reexames e revisões por dentro deles mesmos. De qualquer modo, todos estudamos e trabalhamos. De meu lado, sou aquele mesmo seu rapaz penetrando um mundo novo. Admirando tudo o que é bom e pedindo a Deus para fazer-me um portador do bem. Mas estou sempre vidrado em seu coração para não perder a sua companhia.

Suas conversações comigo, ouço-as todas. Suas flores me alcançam em forma de perfume. Suas preces me alertam para melhorar a mim. E seus exemplos de trabalho e coragem para fazer o bem representam minha escola. Agradeço ao seu carinho por todas as luzes e alegrias que recebo.

Peço a sua assistência para o nosso Renato⁽³⁾. Ele precisa continuar naquele posto de servidor do bem. Caridade é o lugar em que estamos com Deus. Isso é o que tenho aprendido aqui de todos os amigos que me dispensam assistência e atenção. De nossa Maria Otília⁽⁴⁾ não preciso dizer que estamos a postos, fazendo força para que as tarefas em andamento estejam bem.

Esperemos em Deus as bênçãos de que necessitamos.

Você, mamãe, nos seus pensamentos, lembra a nossa Acácia⁽⁵⁾. Ela está sustentada por muitos amigos espirituais nas provas que estão passando. Notícias dos amados que estão chegando até nós virão em breve. É difícil falar entre duas vidas, porque o tempo e as dimensões dos acontecimentos são considerados aqui de modo muito diverso. Entreguemo-nos a Deus, confiando sempre no melhor.

Vejam o que sucedeu. Escreveria um recado e escrevi um relatório. Causa de rapaz, talvez muito doido, mas seu filho com muito carinho e com muito amor.

Termino com aquele plá da saudade: muitos beijos prá você; não me esqueço de nossos compromissos; até logo, até breve. Tchau prá você, mas por trás disso tudo, querida mãezinha, está seu filho, tão sempre-seu que lhe traz o coração inteirinho naquele abraço em que continuamos com meu pai e com todos os nossos, juntos e sempre mais juntos para sempre. Seu filho rico de seu amor, sempre seu

AUGUSTO
18 agosto 1975

SUGESTÕES PRÁTICAS

E falou mesmo . . . Em sugestões práticas, Augusto mostra-nos várias maneiras de pensarmos no próximo, sem que nos envolvamos em compromissos orçamentários, muitas vezes inacessíveis. A tônica da mensagem é a preocupação com os mais necessitados, “agoniados nas provas em que ainda se encontram”.

Conta-se na mitologia grega que Zeus sofria de contumaz cefaléia. Desanimado, depois de ter tentado de tudo, teve a idéia de pedir a Hefestos que lhe batesse violentamente na cabeça. Após insistentes pedidos de Zeus, Hefestos lhe atendeu a solicitação e milagrosamente, da cabeça do grande Zeus, nasceu Pala Atenéia, a Deusa da Sabedoria, inspiradora da cultura e das artes.

De certa forma, o impacto da morte nos leva a compreensões mais dilatadas da vida, de tal forma que jóias nascem de nossos sentimentos sublimados pelo sofrimento e pela saudade. O que Augusto se propõe nessa mensagem é mostrar-nos, com receitas simples, que podemos exercer tanto bem em nossa existência, sem que seja mais tarde necessária a transformação da morte para despertarmos. E suas receitas são práticas, preventivos mesmo, para que vivamos com o bem e pelo bem, sem a necessidade de dolorosas transformações que, como partos de Atenéia, nos descortinem o caminho a seguir.

Os nomes citados por Augusto na mensagem são de modo geral conhecidos, mas para facilitar a identificação, vamos arrolá-los por ordem de aparecimento:

1 — Gabrielzinho — Gabriel Casemiro Espejo, desencarnado em Campinas a 27 de junho de 1974. Filho de Gabriel Espejo Martinez e Irene Casemiro Espejo Martinez.

— Tato Carlos — Carlos Alberto, co-autor do livro.

— José Roberto — José Roberto Pereira da Silva, já identificado na 1.^a mensagem da Volquimar.

— Nasser — Nasser Miguel Haddad, filho de Miguel Nasser Haddad e de Shirley Haddad, faleceu com 15 anos no dia 23 de abril de 1974, em acidente de trânsito, na capital paulista.

2 — Jair Presente — co-autor.

3 — Renato — Luiz Rotta Filho, citado na mensagem anterior.

4 — Maria Otília — sua irmã, na época em fase adiantada de gestação.

5 — Lembra a nossa Acácia — a referência se prende ao fato de seu irmão haver falecido naquele dia, em São Paulo, quando D. Acácia já se encontrava em Uberaba. Daí Augusto dizer mais adiante que “notícias dos amados que estão chegando até nós, virão em breve”.

Na mensagem ainda fala Augusto em papel chapeludo, expressão muito usada por ele, segundo a progenitora, quando vivo, entre nós, para referir-se à nota de Cr\$ 10,00, já retirada de circulação e que trazia impressa a figura de Santos Dumont, com o seu chapéu de abas largas.

Taí, Mamãe!

O garotão do Walter chegou jóia. Parabéns prá todos, com Walter e Maria Otília na frente do festival.

O que custou a vinda desse baby não está contado.

Passes prá lá e passes prá cá. E médicos dos dois mundos, garantindo a contagem de regressão do astronauta-mirim. Graças a Deus, o rapaz foi entregue à família, nos altos do Morumbi. Agora é crescer e aparecer, mas aí estão outros quinhentos.

Pintar por aí é mais difícil do que desabrochar onde estamos.

Você, Renato, está firme. Isso é que é o fino aí no mundo: largar as dicas embananadas e enfrentar a pedreira do serviço com Jesus.

No princípio, aqui estive naquela água. Agora, porém, estou carregando aquela lenha. Coração incrementado na fé e mãos prá jambrar no que se deve fazer. Põe os olhos nas letras e sigamos prá frente. Por trás desses garranchos feitos em teipes de todos os tamanhos, a que chamamos de alfabeto, você descobrirá os pensamentos luminosos de muitos mestres da subida para Deus.

A VOLTA DO ASTRONAUTA-MIRIM

Nas horas de entrave, não dê aquelas de vila diogo e tope. Você ganhará sempre o melhor, ficando na luta. É um prazer encontrar a nossa estimada Júlia⁽¹⁾ ao seu lado nessas conjunções da verdade e do serviço. Fique tranqüila, nossa querida Julinha. O pai lembrado sempre, nosso caro Miranda⁽²⁾, está presente. Naquela base mesmo de quem mira a Terra que ficou na retaguarda e de quem anda prá melhor. Mantenham-se vocês alegres e fortes. É muita luz na forma de bênçãos que estamos recebendo. E precisamos agradecer, agindo na plantação do bem. . .

Mamãe, parabéns prá você. Já sei. Você está na brasa do bem ao próximo. É isso, querida Mãezinha, o que realmente fica. As nossas transas nas comunicações continuam iluminadas de esperança. Seu carinho materno é uma lâmpada acesa, clareando o caminho para outras mães e outros pais que procuram os filhos emigrados para cá. Não sei dizer a felicidade que sinto ao ouriçar-me com você no aprendizado das boas obras.

Você, Mãezinha, fique certa: Prossigo com o papai, olhando as listas⁽³⁾. Participo de suas preces para que a grana possa chegar de modo a que a caridade seja atendida, com aquela cota. Aquela cota do quanto mais, melhor, no mais para Jesus, na pessoa dos que sofrem.

Continuemos trabalhando. Sei que não posso ser um agente dos tubos e compreendo que tubular os cabrais para descobrir os nossos irmãos necessitados não é assim tão fácil. Mas seu filho hoje

já sabe também orar e é com a prece que nós iremos . . . para diante, pensando alto e buscando o melhor para os outros.

Confiemos. Confiar em Jesus é jóia mesmo. Entendo agora que a luz divina parece nascer com novo brilho, onde as mãos do amor ao próximo líquidam com a necessidade e com o sofrimento.

Mãezinha, você é meu exemplo. Suba sempre mais, minha estrela, para que a nossa estrada fique mais clara, sempre mais clara. Mãezinha, com a nossa prezada Acácia, agradeço aos irmãos que me proporcionam tanta alegria no Lar, o nosso Lar Cristão. Sou eu o aprendiz, querendo o título de servidor. Permanecemos sempre mais juntos. E digam aos nossos rapazes e às nossas meninas⁽⁴⁾ que o trabalho aqui — os nossos encargos na Comunidade dos Amigos de Jesus — segue dureza.

Visitamos antros e muquifos, especialmente para socorrer as vítimas do fumo-de-angola. É uma batalha em que as armas são feitas de paciência e de amor. Creia, no entanto, o nosso pessoal que sacudir os irmãos que chegam por aqui no sono da erva é fogo na jurupoca. Luta enorme em que aprendemos e recebemos dos outros aquilo que a gente supõe esclarecer e dar. Mas tudo segue naquele clima da esperança que não conhece paradas de insucesso e nem vê caminhos para fossas.

Somos vários companheiros aqui, mas aquele que mais se preocupa em se fazer presente é o nosso José Roberto. Ele volta a pedir aquela calma de nossa irmã Lucy.

Nesta noite, em nosso grupo⁽⁵⁾, grande grupo, estivemos com todos vocês nas casas felizes de nossos companheiros em aulas abençoadas. Lágrimas santas as que vimos. Dádivas celestes as que foram repartidas. Dinheiro iluminado de amor todo aquele que saiu das mãos de vocês numa distribuição que nos fala muito alto ao espírito. E, sobretudo, as preces que vocês fizeram, falando e sentindo, compreendendo e pensando. Reunidos todos, reconhecemos que nesta noite celebramos a nossa fé numa festa de luz.

Mãezinha, abrace o pai por mim. Nessas novas formações ou negócios que vão surgindo⁽⁶⁾, torcemos para que tudo dê certo. Deus nos ouvirá e confiamos em papai forte e tranqüilo, na construção do futuro.

Para todos de casa aquele plá de muito carinho, com um abraço de rapaz agradecido a todos aqui unidos nas mesmas vibrações de amizade.

Hora de até logo é sempre amarga para quem ama; entretanto, Mamãe, não conhecemos adeus. Seu filho é seu mesmo. Receba aquele beijo estalado de alegria por ter recebido de Deus a melhor das mães da Terra. Aqui, a lição da humildade que preciso aprender manda que eu diga que os filhos são também corujas e não posso deixar sem registro os meus pensamentos. Mas você, Mãezinha, é mesmo a estrela de nosso grupo. Guarde, pois, o coração do seu filho adoidado de felicidade por pertencer-lhe.

E ao dizer “falei” quero deixar bem claro que não escrevo tchau, porque em matéria de notícias e carinhos logo tem mais.

Aquele abraço do seu

*AUGUSTO
22 setembro 1975*

COMO NÃO DAR AQUELAS DE VILA DIOGO

A chegada do astronauta-mirim muito representa para o Augusto particularmente, porque como podemos notar já nas mensagens de JOVENS NO ALÉM, nosso autor muito se preocupava com as gravidezes frustradas de sua irmã Maria Otília, tendo mesmo afirmado numa das mensagens que era o mesmo espírito quem tentava renascer, através de duas gestações que não se concretizaram. Agora, Augusto desabafa: “o que custou a vinda desse baby não está contado”.

Na seqüência, volta a conversar com Renato, então, já longe dos conflitos religiosos em que se viu envolvido, falando, assim, de modo mais tranqüilo: “Isso é que é fino, aí no mundo: largar as dicas embananadas e enfrentar a pedreira do serviço com Jesus”.

Como veremos também nas mensagens do Jair, parece-nos neste livro, como no anterior, que ambos, Augusto e Jair, assumiram a responsabilidade da comunicação mais direta com os jovens, através da linguagem simples da gíria, utilizando-se, inclusive, de gírias dicionarizadas, como é o caso de “dar aquelas de vila diogo” e de “fumo-de-angola”, encontradiças no NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO.

Walter, Maria Otília, Renato, Acácia, José Roberto e Lucy são já conhecidos. Júlia e Miranda identificaremos a seguir:

- 1** — Nossa estimada Júlia — Júlia Miranda Rotta, esposa do Renato, apelido familiar do Luiz Rotta Filho, como já vimos.
- 2** — Nosso caro Miranda — José Augusto Miranda, pai de Júlia. Revelação importante, pois Chico Xavier nada sabia a respeito da família da esposa do Renato e muito menos que seu pai era desencarnado. José Augusto Miranda faleceu em 10 de junho de 1971, com 58 anos.

Ainda na seqüência cronológica podemos citar, para maior clareza, as seguintes observações do Augusto:

- 3** — Prossigo com o papai olhando as listas — quando “vivo”, Augusto efetuava os serviços de escrita do pai, assessorando-o nos misteres de contabilidade e planejamento. Daí dizer que prossegue olhando as listas.
- 4** — E digam aos nossos rapazes e às nossas meninas . . . — Augusto se refere às atividades adicionais em suas tarefas, após os jovens do Lar do Amor Cristão organizarem a Mocidade Espírita Augusto César Netto.
- 5** — Nesta noite em nosso grupo . . . — Antes da reunião mediúnica o grupo realizou visita a lares necessitados da região, para o indispensável socorro material e espiritual.
- 6** — Nessas novas formações ou negócios que vão surgindo — Augusto fala dos novos empreendimentos comerciais do pai, após a desvinculação de que tratamos em mensagem anterior.

Em suas primeiras palavras, Augusto diz, na mensagem, que “o rapaz foi entregue à família, nos altos do Morumbi”, em alusão ao Hospital Albert Einstein, localizado no Bairro do Morumbi, próximo ao Palácio dos Bandeirantes.

*E agora vou contar prá vocês como passei
além-terra e além-mar para o Além mesmo.*

O marca-vida dera prego de bate-pronto.

*Procurei dar um come-de-corpo na violenta e
caí pelas tabelas no aguaçal.*

*Estava metido na boca do leão, rebentando
peito prá sentar pé, quando percebi que o lampejo
dava uma de vagolino e a lata deu com os burros
nágua. Por dentro senti a vela derretendo no mo-
ringório griloso, até que virei balão apagado na
alaraca.*

*Escutei palas e vozeirões da superequipe, mas
não consegui bater uma caixa.*

*No começo da mágica, faturei pensadas e
acreditei que algum cupincha tivesse feito crocоди-
lagem, me colocando no baratino, porque entrei
num sonho de fantástico, vendo capivaras e homens
de branco à minha frente. No imaginório birutado
a visão continuou e notei que alguns tiras me car-
regaram para dentro de um belo rodante prá dar
uma esticada, sem que eu soubesse prá quê. Aí
mergulhei na estirada do sono grosso.*

BALÃO APAGADO

Gastei um cacetão de tempo prá dar o eco. Foi aí com muita demora que o clarão apareceu e estava uma vara dando o esbregue, quando enxerguei meu avô botando banca de anfitriagem. Muito do abilolado, quis bronguear, dando alteração, mas o ponta-firme aproximou-se. Deu dicas com açúcar, paparicando o neto.

Falou e disse que eu havia vestido o pijama de parado e me aconselhou um banho de loja nova. Vendo que estava numa bananosa de amargar, cá quente no bué chamando por minha mãe. O amigo me confortou, emplacando minha presença num carango voador e me levou prá dar umas bandas num lugar brilhoso que me fazia pensar em festa. Era uma sala clara e bonita, parecendo um clube muito legal.

Minha mãe estava ali numa barra de luz.

Outra mãe, com carinho de flor no coração e no nome, abraçava minha mãe e acolheu este filhote aqui. Estava num grupo que começava numa Acácia de Jesus, cercada de outras acácias.

Decorei a bandeira: "Lar do Amor Cristão". Desde essa hora sou do grupo.

E hoje que estou por dentro das jogadas, aqui estou dando boquinhas para minha mãe e um pique-pique prá todas as acácias e prá todos os companheiros da nossa turma, gritando com toda força:

— Oi, gente!

Vamos prá frente com Jesus, porque Jesus não pára e o nosso supertime é uma parada.

*AUGUSTO
03 novembro 1975*

O BANHO DE LOJA NOVA

Em linguagem diferente, Augusto nos conta como passou para o “Além Mesmo”, falando dos últimos momentos de sua permanência na Terra, como encarnado, até a compreensão da realidade irreversível: estava morto.

O avô a que se refere Augusto é o avô paterno Augusto César, falecido em São Paulo há 10 anos e que serviu de anfitrião para o neto em sua passagem para o outro mundo.

Compreendendo que desencarnara, Augusto viu-se numa “bananosa de amargar”, mas seu avô levou-o a uma reunião no Lar do Amor Cristão, entidade espírita da capital, onde encontrou a mãe. Diz Augusto que estava num grupo que começava numa acácia de Jesus, cercada de outras acácias, em poética e carinhosa homenagem à dirigente do grupo. D. Acácia Maciel Cassanha.

Cabe lembrar que D. Yolanda nos contou que um ano e meio após a morte do filho, este transmitiu a ela, através de D. Acácia, expressiva mensagem psicofônica de que D. Yolanda respeitosamente duvidou. Seguindo para Uberaba, poucos dias depois, em visita ao Chico, este, logo após os cumprimentos de praxe, antecipando-se a eventuais comentários, lhe disse: “D. Yolanda, a senhora recebeu uma mensagem do Augusto, através de nossa Acácia . . .”.

O filho, sentindo as dúvidas da mãezinha, disse tudo ao Chico.

Querida Mamãe, abençoe seu filho e receba aquele beijo.

Queria contar o que passei nos primeiros dias de meu novo lado de morar e escrevi em homenagem ao nosso Grupo de corações amigos⁽¹⁾.

Tudo segue bem. Agradecemos as visitas que fizeram. Fomos nós os visitados, nós todos que estamos reunidos aqui com o círculo querido.

Peço ao nosso Renato prosseguir, na estrada renovadora em que se acha. Ele e nossa querida Júlia estão com muito amparo do avô Antônio⁽²⁾.

Rota certa, isso é que é. Renato, o estudo liberta e o bem ao próximo nos pacifica. Trabalhar sempre com a bênção de Jesus — este é o melhor programa.

Nossa querida Pia⁽³⁾, a outra mamãe que temos aqui, vai muito bem e espera escrever muito breve. Os pais do nosso irmão Oscarzinho⁽⁴⁾ estejam tranqüilos; o irmão está sempre melhor. Os Paulos⁽⁵⁾ vão bem, com o mais moço deles trabalhando muito pelo outro que veio, há pouco tempo. E que Deus nos abençoe a todos. O nosso querido livro⁽⁶⁾ tem sido motivo para muita alegria nossa. Agradecemos a Jesus por tantas bênçãos.

E novamente, querida Mãezinha, receba, com meu pai e todos os nossos, todo o coração naquele abraço do seu, sempre seu,

*AUGUSTO
03 novembro 1975*

O MELHOR PROGRAMA

COMPLEMENTO

Mensagem curta, complemento da anterior, traz, contudo, muitas citações:

- 1** — Em homenagem ao nosso Grupo de corações amigos — estava presente na reunião em que Augusto escreveu pelo Chico as mensagens Balão Apagado e O Melhor Programa, todo o pessoal do Lar do Amor Cristão que Augusto homenageia com suas palavras de agradecimento.
- 2** — Avô Antônio — Antônio Rotta, pai de D. Yolanda, desencarnado aos 83 anos, na capital paulista, em 15 de setembro de 1969.
- 3** — Nossa querida Pia — Mãe de D. Acácia, abnegada batalhadora da Doutrina Espírita a que se dedicou durante 50 anos, Pia Passine Maciel faleceu em São Paulo, aos 70 anos, no dia 23 de julho de 1975.
- 4** — Oscarzinho — Oscar Secuto Jr., filho de Oscar Secuto e Eunice Secuto, faleceu com 24 anos de idade em São Paulo, no dia 7 de junho de 1975.
- 5** — Os Paulos — Pai e filho — Paulo Antônio Passini, morreu com 21 anos em 15 de novembro de 1971, em desastre com automóvel no Morumbi. O pai, Paulo Passini, faleceu 4 anos depois, no ano passado, aos 52 anos, vitimado por um infarto do miocárdio.
- 6** — O nosso querido livro tem . . . — Referência a JOVENS NO ALÉM, recém-lançado na época.

Mamãe querida, estamos juntos.

Corações em prece. Agradecendo a Deus e àqueles benfeitores que o representam junto de nós, auxiliando-nos a dar os passos certos.

Não estou vidrado nas recordações do vinte e sete, mas Feverê acabando, Março nunca foi para nós assim tão feliz. Ocasão de trabalho mais, com papo menos.

Creia, mamãe. Seu filho está nas melhoradas de posição. Embarquei na mesma canoa, em sua companhia. Larguei, desde muito, a maré mansa e estou arrebimbando malho prá valer. Tenho até receio de repousadas, a não ser estas últimas de Lindóia, onde conseguimos refazer forças.

Obrigado, pais queridos, é o que posso dizer.

Entendo que me esperam no lápis. Até o nosso amoroso guardião está na jogada. Ouvir o papai falando que contava com mensagens do Augusto quase que me pôs prá desmaio. Desmaio de alegria, por que amor e saudade são os dois lados da mureta.

A penosa afinal não conseguiu papar-nos, de vez que estamos de olho na vida. A penosa é aquela dama da sombra cujo nome não preciso dizer. Existem palavras que apenas criam complicações e

CARTA AO AMIGO ANÔNIMO

grudes. E essa palavra que ficou em penosa é das tais. Deixa a criatura de Deus uma vara e a gente se esbalda uma barbaridade para repor o coração no lugar.

Este meu plá é uma lembrança para todos — para o estado maior da família e para os oficiais-mirins que estão crescendo embora ainda sejam pingos de gente.

Falamos muito hoje em poluição e etecétera para salvar as crianças especialmente, mas, com a graça de Deus, todos estão esnobando saúde e a tranqüilidade possível, se pudermos falar em tranqüilidade com tanto apito e tantas confas em qualquer parte do mundo.

Mamãe é isso aí: trabalhar para o bem é faturar felicidade. Gosto de vê-la animada prá frente no time. Passar a bola, isto é, interessar a todos ou o maior número de amigos nas partidas é o segredo do sucesso. Continuemos. A grana gasta em servir é o investimento que dá pé.

Sei que o papai fica feliz em saber-nos juntos no empreendimento e quanto maior a nossa mesada, mais pão à mesa do socorro fraterno. E isso é jóia.

O livro tem aumentado a nossa alegria de trabalhar. Muitos companheiros pedem fios. E pelos fios do pensamento a turma segue adiante com maiores possibilidades no caprichado das boas obras. Não acreditava que nossas conversas de rapazes dessem literatura. Pelo menos comigo, o cordel está valendo. As palavras são macetes para

a compreensão e sabemos hoje que muitos amigos nas turmas aguardavam algum blá-blá-blá de nosso lado. E a nossa saberença está funcionando. É preciso redescobrir Jesus para nossos tempos. Antigamente, isso era função única dos religiosos. Hoje, porém, os mais-prá-cá-de-santos são chamados para aderir. Falar de vida que não morre, tocar na fé em Deus, mostrar que não adianta enrustir a realidade e revelar que continuamos nós mesmos, para lá da penosa, são deveres que nos cabem a todos.

Isso é assim, ainda quando os candidatos ao trabalho, de meu nível, não estejam habilitados a segurar uma vela. Apesar de tudo, é necessário fazer luz e prosseguir em caminho.

Mamãe, distribua os meus abraços a todos, do amigão Raul até o Walter Júnior, com os que ainda não nasceram e que virão ao nosso teto.

Antes, porém, de terminar, seu jilho Augusto tem uma solicitação a fazer. Trata-se de enviar uma carta nesta carta. O destinatário pediu moita. É, no entanto, um bom amigo. Corda-quente e boa pinta. Leu nossas notícias do Além e quer de nós alguma informação a mais sobre pifa e boleta. E no futebol do por aqui não estou na banheira. Lhufas de ensebar as canelas. Devo dar o serviço. Por isso mesmo, posso afirmar a ele e a toda corriola sem pichação e sem bronca para que não se engrupem. Fumete e leite-de-onça não dão pedal.

Enquanto os caras estão por aí, resultam em escafeder pela tubulação, cair na horizontal fora

do momento caprichado de abotoar o paletó, ouvir os esculachos de deleruscas e samangos, curtir grampeação e outros cambaus. E depois disso, os embalados vão chegando onde estamos, sempre gagás da herva mágica ou caras cheias de mandureba. Então, começam os rolos da marginalia de que os indicados levam enormidades de caras para sair. E sair grampeados para novas tentativas de dar os acertos.

Com o que digo não quero grilar a cuca de ninguém, mas precisava entregar o papo e falei.

Estas notícias seguirão por serviços indiretos e alcançarão o destino.

Pode ficar tranqüila. Um rapaz considerado morto quando abre o bico não quer bobeira, desde que já esteja lecionado pelos mestres daqui que tiram para nós de letra os ensinamentos da vida.

Vamos prá frente que a frente é a chamada. Retrovisor só para consertar a marcha.

Lembrar só o que presta.

A tia Mafalda está bem e o Renato virou um cidadão de Cristo, dos melhores. Teria até inveja do primo, se estivesse aí antes do tempo de agora. Mas estou feliz. Não parei. Ouvi a campainha da verdade e procurei me alistar.

O bando da luz, pois nós temos aqui o nosso bando da luz, está presente. Cada companheiro no instrumento próprio e todos agradecem aos pais e mães, amigos e irmãos presentes pelas escoras que recebemos.

Hoje melhor que ontem. Amanhã melhor que hoje. E vamos andando. As andanças não fazem o coração esquecer. Por isso, querida mamãe, peço um fio em sua dedicação e estalo em sua face querida aquele beijo.

Todo o amor e todo o reconhecimento do seu filho, sempre seu, muito seu,

AUGUSTO
1.º março 1976

SOBRE O PIFA E A BOLETA

Inicialmente Augusto passa em revista os assuntos estritamente familiares, atualizando o papo com os pais. Curioso é notar a facilidade com que fala de fatos e ocorrências, ligados à dinâmica doméstica, com a naturalidade de quem acompanha tudo, de tudo sabe. Depois de morto, Augusto mais se integrou à família, vivendo intensamente no ambiente afetivo dos pais, irmãos, cunhados e sobrinhos.

Está aí a contestação evidente às idéias abstrusas sobre a morte; Augusto, como o fazem os outros jovens, diz-nos através de exemplos práticos que ninguém morre e que as lágrimas dos pais saudosos são enxugadas pelos próprios filhos “mortos”.

Assim, na parte primeira da mensagem, acompanhamos a lembrança do “vinte e sete de feverê”, data do falecimento de Augusto; anotamos a referência à estação de águas de D. Yolanda em Lindóia, de que também participou: “Tenho até receio de repousadas, a não ser estas últimas de Lindóia, onde conseguimos refazer forças”.

Mais adiante, fala da surpresa com que ouviu o desejo do pai em receber nova mensagem sua, pela pena do Chico Xavier. Surpresa compreensível, pois que apesar de muito amoroso o Sr. Raul César, com seu temperamento reservado, não tinha por hábito exteriorizar através de palavras seus sentimentos e anseios com relação ao filho, como o fez nesta oportunidade, deixando perplexos os familiares e, porque não dizer, o próprio Augusto. Este é um pequeno episódio familiar que também nos

surpreende, pois Chico Xavier estava à margem disso tudo . . .

Após o entendimento em torno da família, matando a saudade, Augusto traz-nos à consideração a análise de um dos mais importantes tópicos de referência à conduta dos jovens. E o faz, atendendo o pedido de um amigo que preferiu não identificar-se, como o leitor pode observar na mensagem. É quando fala de “pifa e boleta”.

Diz claramente: “Antes, porém, de terminar, seu filho Augusto tem uma solicitação a fazer. Trata-se de enviar uma carta nesta carta. O destinatário pediu moita”.

E daí por diante nos dá um show de gíria e de colocação de um dos mais agudos problemas que atingem a nossa juventude dos dias atuais: o tóxico e o álcool, vícios que andam juntos, na mortificação de valores respeitáveis, com o sepultamento de grandes perspectivas, de alentadas esperanças, fazendo com que jovens, ainda inadaptados aos bancos escolares, na fase dourada de suas vidas, se entreguem à ilusão triste do vício, seguindo por caminhos e atalhos que os distanciam tanto dos compromissos, das afeições mais caras e de si mesmos.

Bola branca para Augusto que foi buscar junto a esses jovens a própria linguagem, em que não faltaram os deleruscas e samangos, o leite-de-onça, o fumete e a mandureba . . .

Estalando na face querida da mãe o beijo da saudade, deixa-nos o valoroso companheiro, a saudade de novas palavras, voltadas para o esclarecimento dos jovens da Terra, com quem sabe conversar, atualizando o diálogo, a ponto de transformar

mesmo o antigo “Bando da Lua”, de nossas passadas recordações musicais, no atual “bando de luz”, em que se aglutinaram os jovens do Além, cada qual em seu instrumento próprio, para o recado aos companheiros “vivos” da Terra.

Raul, Walter Júnior, Tia Mafalda e Renato já são nossos conhecidos.

— Santos — 25 de junho de 1956

— S. Bernardo do Campo — 17 de setembro de 1974

Filho único de Severino Domingos Lourenço e Dirce Pessoa da Silva
Lourenço



CARLOS
ALBERTO
DA SILVA
LOURENÇO

A VOLTA DO JOVEM SANTISTA

A despeito de estar sempre com a espada de Dâmocles sobre sua cabeça, com os pais que o procuram, evitando oferecer nomes, detalhes ou quaisquer informações a respeito do filho morto, para que a eventual revelação mediúnica com que sejam contemplados, se torne inquestionável, Chico Xavier invariavelmente oferece-nos provas irrefutáveis de sua condição de intérprete do Plano Espiritual, com informações do Além, realmente desconcertantes.

Com meio século de atividades mediúnicas ininterruptas, de continuada vivência dos princípios de Jesus, é Francisco Cândido Xavier, sem qualquer possibilidade de engano de nossa parte, o maior médium de que se tem conhecimento em toda a história do Espiritismo, interligando a exuberância de sua mediunidade polimorfa à condição de abnegado apóstolo do Bem.

Cremos mesmo que a compreensão de sua grandeza, quer no campo da fenomenologia mediúnica, quer no terreno fértil de sua colaboração à causa do Cristo, está reservada para o futuro, quando as condições de investigação psíquica, associadas ao nosso aprimoramento moral, nos oferecerem mais palpáveis elementos de análise. O que podemos entender facilmente, no momento, é que Chico Xavier representa a imagem do homem dos séculos futuros, em que coração e cérebro, igualmente aperfeiçoados, edificarão a Terra com que todos sonhamos.

Daí ser para o Chico, fato rotineiro, absolutamente normal, a passagem que envolve o jovem santista, citada em uma de suas três mensagens constantes deste livro, denominada Aniversário de Renascimento.

Em determinada altura da mensagem, Carlos Alberto diz textualmente: “Outra pergunta que você e o Paizinho Severino me endereçavam no silêncio de nossa *festa de almas* , é se me achava contente com a mudança de local de nossas lembranças”.

Desenvolvendo o assunto mais adiante Carlos Alberto diz: “O recanto de paz em que a saudade se converte em oração permanente é venerável, em verdade, mas não deixa de ser o carro final em que se viajou para a estação de regresso da excursão empreendida”.

Como o leitor pode observar é evidente referência à mudança de local de seus despojos no cemitério, onde fora sepultado há um ano. O próprio casal se viu surpreso diante da revelação, pois que tudo foi feito com muito sigilo. Um mês antes de irem a Uberaba, e um mês antes do aniversário do falecimento do jovem, ocorrido em São Bernardo do Campo a 17 de setembro de 1974, preocupado em colocar os restos mortais do filho em um túmulo que lhes pertencesse, a despeito de já estarem carinhosamente acomodados em uma das gavetas do jazigo do avô, conseguiu o Sr. Severino o traslado do corpo para outro terreno, no mesmo Cemitério do Saboó, onde fora sepultado. Além dos pais, das providências necessárias participaram os tios Olavo e Amelinha.

Na mensagem de 21 de setembro, um mês após as mudanças, Carlos Alberto não deixou por menos. Falou do ocorrido, agradeceu aos pais e também aos tios por tudo. O próprio Chico ficou surpreso ante as revelações...

Mas não é essa a única passagem digna de nota que encontramos nas mensagens de Carlos Alberto,

incluídas neste livro. Há episódios outros de singular relevância, como o recado ao pequeno Alexandre, em resposta a um pedido que o primo lhe formulara certa feita durante visita ao Cemitério e como as notícias da mãe do Dr. Marins, médico psiquiatra de Santos, fatos que desenvolveremos mais adiante, no estudo das mensagens.

Queridos pais, querida Mãezinha Dirce e querida Mãezinha Amelinha. Querido papai Severino e querido papai Olavo. Devo pedir a bênção de quatro pais amorosos e abnegados⁽¹⁾.

É o que faço. E agradeço a Deus essa felicidade. O amor é a riqueza maior da vida. Compreendo isso agora, ou melhor, estou compreendendo e sinto-me feliz por isso. Gente muito moça não chega aqui com muita alteração. Vamos, pouco a pouco, lutando para penetrar o entendimento de que se precisa.

Talvez por isso, nossos amigos e até mesmo nosso Augusto⁽²⁾ aqui presente me recomendam escrever.

Não sei, não sei se estou mesmo assim, na condição de dar notícias construindo a paz. Entretanto, obedeço.

Mãezinha Dirce, estou agradecido a tudo o que fazem por me auxiliar, ajudando aos outros.

A bondade que se estende, em nome dos que voltam para cá é uma espécie de relacionamento progressivo. Cada criatura que recebe alguma coisa de bom por nós, é um ponto de luz quando nos recorda.

Queridos pais, sei que vão gastando tempo e dinheiro, mas isso é semelhante a depósito bancário. Quem faz qualquer doação em auxílio dos outros está investindo. Mesmo que a organização de crédito venha a falir naquilo a que chamamos esquecimento ou ingratidão, temos o Resseguro de Deus.

A Divina Providência oferece a cobertura necessária. Nunca se sintam incompreendidos ou vítimas de alguém que haja se desinteressado de nossa vida ou de nosso afeto. Quando alguém se afasta do clima de amor a que foi chamado, entrando em posição contrária à expectativa daqueles que lhes desejam o bem, é considerado nas Leis Divinas por

O RESSEGURO DE DEUS

doente e Deus determina que os débitos de carinho desse alguém para com os outros sejam devidamente remunerados.

Continuemos, desse modo, a trabalhar e servir.

O tempo de transformar a dor em alegria e a aflição em esperança está em nossas mãos. É preciso aproveitar, estender adiante as tarefas com que fomos honrados.

Parece que vim para cá, à feição de menino, mas tenho estudado incessantemente. Uma nova FEI está sobre mim⁽³⁾, graças a Deus, ensinando-me a matemática do bem.

Os problemas são vinculados ao amor em auxílio ao próximo e os cálculos se realizam na base do serviço aos outros.

Agradeço, querida Mãezinha Dirce, tudo o que fazem por mim. Toda bênção em forma de pão e agasalho, socorro e remédio, em favor dos outros, para mim é muito importante.

Um dia disse Jesus aos companheiros: “todo o bem que fizerdes a um destes pequeninos é a mim que fazeis”.

Para compreendermos isso, creio eu, é necessário que a gente esteja ausente do corpo, depois de estar nele por algum tempo. Isso ocorre, porque estamos ligados àqueles que amamos e tudo o que façam eles por nós na pessoa dos outros é auxílio a nós próprios.

Não tenho expressões para traduzir os meus agradecimentos ao Paizinho Olavo e à Mãezinha Amélia. Ambos conversam comigo na foto⁽⁴⁾, como

se eu estivesse ali presente na imagem. E ouço tudo, porque um fio de amor nos liga uns aos outros, em todas as fases da vida quando o amor nos rege a existência. Regina, Míriam, Celso . . .⁽⁵⁾ Tantos afetos estão comigo.

Peço a Deus me faça crescer no entendimento para servir.

Rogo à Mãezinha Dirce sempre mais esperança e serenidade. A querida Mãezinha inda me preocupa. Enquanto nos vemos todos juntos, noto-lhe a segurança, mas quando a solidão nos traz a lembrança, sei que as lágrimas lhe caem do coração sobre o filho que não a esquece. Mamãe querida, tudo passou. Agora, é uma vida nova, diferente. Seu Tato não morreu. Apenas cumpriu a ordem de regressar para onde o esperavam e creia que voltei rico de amor e de esperança, porque todos, um dia, estaremos juntos.

Tanto quanto possível, continue diminuindo os tranqüilizantes. Às vezes, o sono demora ou o descanso parece fugir e o medicamento é a isca do sono. Compreendo tudo isso, mas precisamos de sua saúde, porque temos muito a fazer. Agora que me ensinaram a trabalhar de outro modo, entrelacemos nossos braços e corações para servir. É servindo que seremos servidos. É amparando aos outros que os outros nos trarão o amparo preciso.

Muitos amigos deixam lembranças aqui aos presentes. Nosso Augusto abraça D. Yolanda⁽⁶⁾ e pede-lhe a mesma fé com que nossa querida irmã

sempre se revela disposta a auxiliar-nos. Estimariamos, ele e eu, cooperar na obtenção da palavra de muitos dos presentes, mas isso é impossível. Precisaríamos de muitas máquinas mediúnicas, cujas teclas estivessem na sintonia necessária com os amigos desejosos de se expressarem.

Nosso irmão Ricardo Tadeu⁽⁷⁾ promete à mãezinha, à irmã e ao jovem Márcio o carinho de todos os dias. O amigo Gabrielzinho⁽⁸⁾ tentará deixar aos pais um recado mesmo rápido e o nosso irmão Carlos Eduardo⁽⁹⁾ ainda está em condições de tratamento, sem poder exprimir-se. Nosso irmão Cremonese⁽¹⁰⁾ está presente e diz à companheira para confiar na Bondade de Deus. Temos outros companheiros, ligados à nossa assembléia familiar que se unem aos nossos votos desejando-lhes paz e felicidade a todos. Nossa irmã Lenice⁽¹¹⁾, a cuja presença fomos levados, Augusto e eu, pelas solicitações do nosso meio, está em restauração.

A morte é uma porta aberta a fim de que a gente escape da Terra, mas geralmente, a pessoa deixa o campo de trabalho e de luta em que vivia assim como está em si mesma. Poucos se livram das impressões primeiras com rapidez e facilidade. Morrer em si será fácil, mas deixar de ser nós mesmos é muito difícil.

Vou aprendendo essas cousas e transmitindo, porque os Amigos da Vida Superior me recomendam que explique tudo isso como sinto e vejo, para que ninguém se iluda com renovações apressadas.

Mãezinha Dirce, peço-lhe calma e fortaleza mais uma vez. Com Mãezinha Amelinha, agradeçam a vovó Deolinda as preces com que me beneficia. Nossa querida vovó Pessoa e outros corações queridos estão me auxiliando...

Se eu pudesse, meu paizinho Severino, cobriria todas as mágoas do mundo com um véu de paz e de esperança. Creio hoje que é muito triste vermos a tristeza dos outros, sem conseguir fazer com que os outros fiquem menos tristes.

Paizinho Olavo, nosso Dr. Bezerra foi medicá-lo esta noite⁽¹²⁾. A indisposição já passou; estamos tranquilos.

Mãezinha Dirce e meu papai Severino, se estivesse em meu poder continuaria escrevendo, escrevendo... Mas é preciso dar aquele "até logo" que põe o coração no ar, até que a saudade venha e tome conta de todas as nossas forças. Isso, porém, não impede a minha alegria e a minha gratidão a Deus por lhes haver falado.

Recebam todo o carinho e todo amor do filho que os acompanha com muita fé em Deus, na certeza de que Deus nos fará felizes para sempre.

CARLOS ALBERTO (TATO)

16 agosto 1975

OUTROS INVESTIMENTOS

Iniciando a mensagem com uma colocação bastante feliz, Carlos Alberto nos ensina a compreender como investimento qualquer atitude que tomemos em benefício do próximo, pois que o Resseguro de Deus nos garante o êxito da aplicação.

Afeito a essa nomenclatura bancária, comercial, quando vivo, Carlos Alberto se preocupava muito com o assessoramento das atividades do pai, que, com a função de escriturário do Pronto Socorro Municipal de Santos, cumula a de vendedor. Exemplo do interesse do filho pelos negócios do pai, ocorreu pouco antes de sua morte. Como no mês de agosto de 1974, as vendas foram particularmente substanciais, Tato já previa para setembro possibilidades de bons investimentos, tendo mesmo, a respeito, trocado idéias com o pai, mal sabendo que foi essa reserva, o lucro extra de agosto, aplicada nas despesas do seu sepultamento.

Vejamos as citações da mensagem:

- 1** — Tato foi criado pelos pais e pelos tios que sempre viveram próximos, daí encontrarmos sempre em suas mensagens a referência aos quatro pais: Dirce e Severino, Olavo e Amélia. Os tios, e pais por afinidade, Olavo Jorge Bonfim e Amélia Pessoa da Silva Bonfim, já foram identificados em JOVENS NO ALÉM.
- 2** — Nosso Augusto — co-autor do livro.
- 3** — Uma nova FEI — Faculdade de Engenharia Industrial de São Bernardo do Campo, onde Carlos Alberto desencarnou, na quadra de basquetebol.

4 — Ambos conversam comigo na foto . . .
— Olavo e Amélia confirmam essa observação do sobrinho, pois que habitualmente procuram conversar com a foto de Carlos Alberto, como se ele ali estivesse.

5 — Regina, Míriam e Celso — Já nossos conhecidos, mencionados em JOVENS NO ALÉM.

— Regina Célia da Silva Bonfim Mariana
— Míriam Aparecida Pessoa da Silva
— Celso Alberto Pessoa da Silva.

6 — Nosso Augusto abraça D. Yolanda — a mãe do Augusto aparece com freqüência nas mensagens dos jovens, posto que sempre que pode está presente a reuniões do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba.

7 — Nosso irmão Ricardo Tadeu promete à mãezinha, à irmã e ao jovem Márcio — Ricardo Tadeu Richetti faleceu em São Paulo, a 2 de junho de 1971, com 19 anos, vitimado de provável intoxicação pelo aquecedor a gás do chuveiro da residência. Sua mãezinha é a Sra. Iracy de Oliveira Richetti, a irmã é a Sra. Salette Maria Richetti Parisi, mãe do jovem Márcio Marcelo Parisi.

8 — Gabrielzinho — também nosso conhecido, mencionado outras vezes no livro.

9 — Nosso irmão Carlos Eduardo — Carlos Eduardo Arias nasceu e desencarnou em Santos. Sua morte a 17 de dezembro de 1974, com 12 anos apenas, deveu-se à

explosão de um recipiente de álcool.
Filho de Adolpho Firveda Arias e Leticia Stutz Arias.

10 — Nosso irmão Cremonese — Eunildo Cremonese, falecido aos 53 anos, no dia 5 de dezembro de 1973, na Via Anhangüera, perto de Araras.

11 — Nossa irmã Lenice — Lenice Sampaio Brazão, estudante de Terapia Ocupacional, filha de Tabajara Teixeira Brazão e de Maria Benedita Sampaio Brazão, faleceu em acidente de motocicleta na Avenida Faria Lima, em São Paulo. Ao desencarnar, Lenice contava 20 anos.

12 — Indisposição que acometeu o tio Olavo, no dia anterior à recepção da mensagem.

Querida Mãezinha Dirce, meu querido Paizinho, meu Paizinho Olavo, Deus nos proteja e nos abençoe.

Mãezinha, seu coração se transformou numa chama em forma de prece ou numa oração em forma de sol, de tal modo, que por mais tentasse acalmá-la, não consegui.

Um ano! Tanto tempo mental em tão poucos meses! E tantas saudades juntas davam para rebentar o peito. Compreendo, Mamãe, tudo isso, mas peço-lhe serenidade e paz.

Afinal, estamos reunidos. Não pense que seu filho estava ausente neste natalício da alma. Estive,

sim, em casa, durante o tempo em que isso me foi possível, e recebi suas preces, seu carinho, suas lembranças e suas flores. E regoziquei-me ao ver que o berço do seu Tato não estava solitário. Aquele amor de criança me pareceu uma luz nova em nosso ambiente. Um anjo que peço a Deus se transforme num homem de bem, com o afago de duas Mães — Mãezinha Dirce e Mãezinha Amélia.

Recordei os dias que nos ficaram na memória e naquele rostinho suave tive a idéia de rever o meu próprio retrato. Não sei externar-lhes a minha gratidão e o meu carinho de todos os instantes. Notei, Mamãe, que você formulava tantas perguntas em nosso encontro espiritual de meu primeiro aniversário de renascimento. Sim, estou muito contente com a chegada de nosso André Luiz e creia que muito pedi aos nossos Benfeitores Espirituais para que seus braços maternos não ficassem vazios.

Agora, roguemos a Jesus para que nos ajude a vê-lo em desenvolvimento abençoado e feliz. Cada qual de nós surge na Terra com uma ficha de trabalho a executar. Em razão disso, espero que tudo possa sorrir ao presente e ao futuro do

ANIVERSÁRIO DE RENASCIMENTO

irmãozinho que os pais queridos me deram em nosso lar do mundo.

Creia. Achava-me ao seu lado, Mãezinha Dirce, quando de nosso entendimento com o nosso caro amigo Dr. Danilo sobre o nosso pequeno companheiro e guarde a certeza com meus dois paizinhos, aqui presentes, que estou muito feliz com essa preciosa dádiva do Céu. Eu sei que um filho é trabalho, às vezes, sacrificial para os que se fazem pais na Terra, mas é uma tarefa que vem de Deus e que Deus abençoa constantemente. Por isso é que o amor dos pais é uma dedicação sobre-humana.

Rejubile-se comigo, querida Mãezinha Dirce, pelo encargo que recebemos. Louvado seja Deus. Guiar uma criança é melhorar os destinos do mundo, quando aprendemos a conduzi-la para o bem. Doemos tudo o que tivermos de melhor ao nosso querido recém-nascido ao lar e conservemos a convicção de que amar é levantar corações para Deus.

Outra pergunta que você e o Paizinho Severino me endereçavam no silêncio de nossa festa de almas é se me achava contente com a mudança de local das nossas lembranças. Sim, queridos Paizinhos, agradeço o carinho com que se propuseram à realização do que foi feito; entretanto, embora reconhecido, peço para que não se preocupem com o lado material de nossas vivências no mundo.

Tenho a idéia de que por aí passamos, à maneira de viajores, utilizando veículos diversos para atingir o término da romagem. O recanto de paz

em que a saudade se converte em oração permanente é venerável, em verdade, mas não deixa de ser o carro final em que se viajou para a estação de regresso da excursão empreendida. Não nos aflijamos tanto com o veículo e sim conosco, de modo a transportarmos em nós os valores impercíveis da alma que nos entretecem a verdadeira felicidade.

Agradeço-lhes, queridos Paizinhos, extensivamente aos Paizinhos Olavo e Amelinha, todos os pensamentos de amor que me dedicaram na mudança a que me referi.

Neste sentido, porém, desejo contar-lhes que passei o meu natalício número Um, em me reportando ao meu renascimento na Vida Maior, depois de nosso encontro em casa, num elevado ambiente de lições, no qual um instrutor nos deu ensinamentos de que lhes transmito alguns tópicos, à maneira das flores e dos bombons que lhes desejaria ofertar em nossa comemoração mais íntima.

Disse ele para nós:

— “Filhos, a criatura de Deus é auxiliada por Deus mais amplamente a começar do ponto em que essa criatura começa ajudando aos outros. Não nos esqueçamos disso, para reconhecer que, pelos outros, Deus se expressará sempre em nosso benefício.”

E acrescentou:

— “Se vocês, meninos desencarnados na Terra, tivessem obtido as maiores diplomações nas ciências humanas, conquistando o poder de sanar o câncer

ou de lavar todas as chagas que atormentam a Terra, em forma de moléstias difíceis;

se vocês houvessem alcançado a força de orientar multidões por decretos de autoridade suprema, renovando os processos políticos na experiência terrestre ou construindo cidades novas à base dos mais altos conhecimentos da Engenharia;

e se, depois de tudo isso, não tivessem atingido o coração das criaturas para iluminá-lo com as bênçãos da compreensão e do amor, decerto teriam conseguido muito pouco.

Certifiquem-se hoje de que a renovação com Jesus para que o entendimento e a solidariedade venham a reinar no mundo, é o nosso trabalho maior."

Imagino, queridos pais e queridos amigos, que numa festividade doméstica um brinde melhor não poderia, de minha parte, oferecer. Trago-lhes, pois, o que senti e aprendi teoricamente para que nos unamos todos nesse movimento de espiritualidade e elevação de nossas vidas.

Não me programava para a comunicação pessoal nestes dias; no entanto, as preces e lágrimas de Mãezinha Dirce me tocaram tão profundamente que não tive outro meio senão suplicar aos mestres me permitissem falar.

Vim às reuniões com os amigos e de novo contemplei a grandeza do progresso de nossas cidades, meditando nisso e associando isso à lição obtida em meu natalício e refleti que todos os nossos arranha-céus e parques, pilotis gigantescos

e torres imensas, de pouco valeriam sem o amor de nossas mães e, então, estou aqui, a lembrar-me de que atualmente somos todos chamados a colocar luz e alma nos corpos de cimento e aço em que o progresso veio morar conosco na Terra, na forma de edificações arrojadas, atestando o poder de nossa cultura do cérebro.

Mãezinha Dirce, suas preces venceram. Aceitamos o nosso dever de construir um coração novo para a Humanidade. E nessa Engenharia do Espírito, Jesus é o Arquiteto Sábio e Justo. É preciso saber ouvi-lo para conseguirmos partilhar do privilégio de cooperar no levantamento do Mundo Melhor.

Agradeço as lembranças de todos os nossos. Realmente, não tenho somente o Paizinho Olavo e a Mãezinha Amélia, Regina e Miriam na memória, com vovó Deolinda e Tia Olga. Tia Alzira e a nossa querida Alzirinha vivem nas minhas recordações. E digam ao nosso querido Alexandre que não fiquei com a flor, mas recebi o perfume e o perfume permanece em meu coração para sempre. Tanto amor nos alimenta a vida que nesse tesouro de forças é que a existência se nos equilibra para que se possa seguir à frente. Meu afeto e meu agradecimento a todos.

Nosso caro Beto está presente e beija a nossa querida irmã D. Lucy. José Roberto é um companheiro admirável e a medicina para ele continua em valiosa preparação ante o futuro. Nossa irmã Lucy permaneça tranqüila, porque o filho abençoado

não a esquece e se preocupa em vê-la serena e valorosa como sempre. Nossos amigos Augusto e o nosso caro companheiro que ontem se dirigiu aos pais queridos, o outro José Roberto, estão aqui conosco e me auxiliam. Vovó Zezé comigo nos abençoa.

Devo dizer à nossa querida irmã Acácia que visitamos nossa irmã e benfeitora D. Pia em seu refazimento. Não é preciso dizer à nossa Acácia que aquela mãezinha adorável a quem nós todos amamos está muito bem, como não podia deixar de ser. Creio, pela elevação dela, que os companheiros amadurecidos no mundo físico são aqui os jovens, sempre que chegam de consciência premiada pela bênção do dever cumprido e nós, os jovens do plano material, aqui aportamos, na condição de velhos inadaptados pela inconformação que, muitas vezes, aqui se nos faz o traço particular.

D. Pia, na posição de Mãe, efetivamente mostra aquela doce e inevitável inquietação de todos os corações maternos, quando à distância dos filhos; mas prepara-se para reentrar no apostolado em que sempre viveu. E agora, em espírito, conseguirá realizar muito mais com Jesus. Estamos certos disso.

Agora, queridos Paizinhos, é o abraço do “até breve” no mundo dos lápis, porque, pelo coração, estaremos sempre e cada vez mais juntos. Mãezinha Dirce, não chore mais e agora, com o Andrezinho, temos o nosso melhor tranqüilizante.

Querida Mãezinha, seu filho procurou responder a todas as suas solicitações. Continuemos com firmeza nas tarefas do bem aos outros para recebermos o nosso bem maior. Paizinho Severino, Mãezinha Dirce, meu Paizinho Olavo, com todos os irmãos e irmãs queridos, guardem o meu abraço de carinhoso reconhecimento.

Aos queridos Paizinhos, novamente, reafirmo a gratidão e a ternura que me acendem na alma e lhes beijo as mãos com o amor sempre mais amor de todos os dias,

CARLOS ALBERTO (TATO)
21 setembro 1975

O PEDIDO DO PEQUENO ALEXANDRE

Carlos Alberto se dirige à mãe, após o primeiro ano de sua passagem para o Além. Compreendendo o seu desespero, inconsolável ante as lembranças do 17 de setembro, o filho busca tranquilizá-la. Aliás, o encontro em Uberaba, reunindo os pais com o filho desencarnado, é enriquecido com um fato novo que veio modificar a dinâmica familiar, sempre voltada ao único filho, falecido em São Bernardo do Campo.

Falamos de André Luiz, o irmãozinho que chegara ao lar, alguns dias antes da psicografia dessa mensagem que é essencialmente familiar, a despeito de nela encontrarmos elementos novos de identificação, com citações numerosas e preciosas lições, quais as da reunião na Espiritualidade, quando do primeiro aniversário da desencarnação do Carlos Alberto, em que o mentor traz muitos ensinamentos aos jovens reunidos no Plano Espiritual.

Regina e Míriam foram lembradas na mensagem anterior. Vovó Deolinda e Tia Olga aparecem em JOVENS NO ALÉM, assim como tia Alzira. Vovó Deolinda é Deolinda Glianda da Silva: tia Olga, Olga Bonamini Pessoa da Silva e tia Alzira, Alzira Bonfim da Silva Vitorino.

Assim como o Dr. Danilo, Danilo Patrão Assis, médico ginecologista de Santos, Alzirinha é citação nova. Trata-se da prima do Carlos Alberto, Alzira Maria Bonfim Faria Santos, casada com o Dr. Olindo Faria Santos, residente em São Paulo. É realmente conhecida pelos familiares mais chegados como Alzirinha.

O Alexandre, citado a seguir na mensagem, é o pequeno Alexandre Bonfim Faria Santos, primo do Tato, filho da Alzirinha. Com o garoto de

apenas 5 anos ocorreu o seguinte episódio no Cemitério do Saboó, em Santos:

Encontrava-se a família em visita ao túmulo do Carlos Alberto, quando Alexandre pegou uma flor — uma rosa branca — com o propósito de colocá-la no túmulo do primo e ao ser interpelado por D. Dirce que lhe pediu a rosa, disse:

— “Não, tia Di, esta aqui eu vou dar, prá ele saber que sou eu quem está dando.”

Chegou perto da sepultura e disse:

— “Cacum (como chamava o primo), olhe aqui! Esta flor é sua: estou te dando, prá ver se na outra carta você fala no meu nome.”

Palavras de um menino de 5 anos que estava aborrecido pelo fato de seu nome não ter sido lembrado pelo primo, nas mensagens do Chico.

Cerca de dois meses depois, Carlos Alberto atende-lhe o pedido, dizendo na mensagem:

“E digam ao nosso querido Alexandre que não fiquei com a flor, mas recebi o perfume...”

Na seqüência da mensagem, Tato menciona os nomes do José Roberto e sua mãe, D. Lucy, já nossos conhecidos. Fala do Augusto, da vovó Zezé, a mesma vovó Pessoa lembrada em JOVENS NO ALÉM, e fala ainda no “outro José Roberto”, o José Roberto Pereira Cassiano, conhecido como Shabi, que faleceu a 9 de março de 1974, com 23 anos, em acidente na Via Anchieta. Shabi era filho do Sr. Abigail Pereira Cassiano e Maura Pereira Cassiano.

Após dar notícias de D. Pia, já nossa conhecida, Carlos Alberto encerra a mensagem. Página muito rica de revelações, retomada de posições pelo conjunto familiar, face a compromissos novos, destaca-se

sobretudo das linhas psicografadas que é grande a preocupação dos nossos entes queridos desencarnados, pelas afeições que deixaram na Terra. Vivem ligados conosco e toda vez que apresentamos algum desequilíbrio, alguma vacilação ou dúvida, eles sofrem muito, tentando de toda forma consolar-nos.

Devemos, pois, oferecer a eles o clima indispensável de paz e resignação para que possam também ser felizes no Além, menos ligados às nossas preocupações, para as quais não podem encontrar solução imediata, ainda porque essas preocupações nascem da saudade e do inconformismo, ante as novas realidades que enfrentamos.

Na introdução às mensagens do Carlos Alberto, sob o título de A Volta do Jovem Santista, apresentamos comentários ao trecho da mensagem ora em estudo, na qual o Tato se refere aos pais, a respeito da mudança de seus despojos, no cemitério. Quando o jovem santista desenvolvendo o assunto grifa “ *festa de almas* ”, o faz em referência ao aniversário de sua morte, ocorrida a 17 de setembro de 1974.

Querida Mãezinha Dirce e meu querido Pai-zinho Severino. Peço a bênção que sempre me faz profundamente feliz, ao mesmo tempo que rogo a Deus nos proteja.

Penso que será um privilégio, mas sei que sou desculpado. As mães sabem o que seja o amor, quando se condensa na saudade e os colegas aqui são os companheiros dedicados que me compreendem.

Entendo que os corações abençoados, aqui reunidos, exercerão, como sempre, a tolerância de que necessito e tentarei prosseguir em meu correio do coração.

Mãezinha Dirce, o assunto é mais entre nós. Hoje reconhecemos que a chamada "morte" de um filho é uma chaga aberta na sensibilidade das mães e dos pais que ficam. Ferida íntima que exige tratamento. E essa terapêutica, Mãezinha querida, é a assistência medicamentosa do carinho e da compreensão transformados em palavras.

Observo que não sou o dono das frases providenciais. Nunca soube encaixar os verbos adequados ao consolo e à construção de Espiritualidade, mas um filho será sempre alguém para as mães, alguém diferente, com o dom de restaurar e lenir, reconfortar e reaver energias.

Rogo ao seu devotamento para que a fortaleza se faça em nós. Nada de angústia ou de aflição vazia. Sei que a sua ternura com a abnegação de meu pai fazem o máximo para que os nossos recursos de resistência se entrelacem na garantia de nossa segurança.

A casa de saúde, Mãezinha, é um lar de conforto e de cura; no entanto, as doenças da alma, como sejam a carência de afeto — presente e a falta de alguém que nos supre de forças, as saudades sem conta e os anseios de reencontro que o tempo

TELER RECADOS

nos reclama esperar, no fundo, são provações que os remédios humanos, respeitáveis embora, não conseguem afastar. Poderemos, sim, anuviar o pensamento com certos fatores de acalmia que realmente não resolvem. Anestesiá-lo não é esquecer. As chagas voltam no ponto em que as deixamos, sempre que a nossa opção se incline pela farmácia da Terra. É por isso que lhe peço continuarmos na reconquista de sua própria integração completa em si mesma.

Quanto pudermos, concentremos atenções em nosso caro André Luiz. Acompanho a evolução e crescimento do irmãozinho que recebi da Divina Providência com o enlevo de todos os dias, qual se me achasse, de novo, em nossa casa na Terra.

Compreendo que a nossa querida Mãezinha Amélia divide conosco os mesmos cuidados de outro tempo, quando me tutelava por filho, de partilha com o seu carinho do coração. Andrezinho é para nós também um enfermeiro-mirim, porque, em lhe oferecendo preocupações, nos transforma o tempo de ansiedade em horas de paz e de nova esperança. Mãezinha Dirce, estaremos juntos. Dá para sorrirmos um tanto, pois o nosso querido Andrezinho é para nós um ponto de encontro. Isso ocorre porque o irmãozinho não chegou ao nosso ambiente sem muita significação para nós.

Às vezes, Mãezinha, a única maneira de suprimir nossas dores é a dádiva de novas inquietações no caminho. Sei que a saudade é uma flor de rara beleza no terreno de nossas almas; entretanto, a

saudade exala um perfume capaz de intoxicar-nos sempre que estejamos exagerando nas doses.

Agora, Mãezinha, a nossa estrada para o reencontro há de ser asfaltada de muito trabalho na dedicação ao próximo, a fim de que o carro de nossos desejos continue viagem para a frente, sem riscos de tristeza ou de enfermidade que sempre provocam desastres por dentro do coração.

Creiamos na alegria e na paz, na certeza de que a felicidade é nossa, desde que estejamos dispostos a sustentá-la. Tudo na Terra, nos setores da existência que desfrutamos, vai passando com a rapidez de um curso para determinadas lições. É preciso converter nossas ânsias em meios de servir e os nossos minutos em bondade e compreensão no apoio aos semelhantes, porque, efetivamente, hoje reconheço que caridade não é propriamente o meio de dar e sim, principalmente, o canal para receber.

Auxiliando a alguém, temos o apoio desse alguém, no sentido de esvaziarmos o próprio espírito do peso de muitas incompreensões que simplesmente nos prejudicam. Agradeço ao seu carinho materno e a meu Paizinho Severino, à Mãezinha Amélia e ao meu Paizinho Olavo, à Vovó Deolinda e a todos os nossos, o que fazem no auxílio aos outros em meu nome e rogo a Deus faça render na Contabilidade da Vida, a cem e a mil por uma, todas as bênçãos que distribuem, recordando-me a presença e o carinho. E continuemos na mesma senda de amor, porque, por essa trilha iluminada de fé, chegaremos, sem problemas, aos nossos objetivos.

Agradeço o seu esforço na diminuição dos remédios e, graças a Deus, registro que a sua dedicação em tranquilizar-nos é um agente seguro. Digo assim, porque a vejo quase absolutamente livre desses apoios químicos que são bênçãos de Deus, entretanto, das quais não devemos usufruir senão pelo tempo necessário.

Somos agradecidos ao seu entendimento, satisfazendo-nos o pedido, e agora, Mãezinha Dirce, é preciso defendermos a saúde orgânica do Paizinho Severino. Meu pai está na condição do tronco bendito que nos escorou por muitos meses seguidos e, agora, à medida que melhoramos, em matéria de segurança, ele assinala os efeitos de nossas lutas.

Paizinho, é indispensável auxiliar-se, reconstituindo as próprias forças. Vovó Pessoa e muitos amigos estão a postos, no auxílio de que carecemos.

Peço aos queridos Paizinhos dizerem ao nosso caro amigo Dr. Marins⁽¹⁾ que não me esqueci das solicitações dele junto à Mãezinha nos dias últimos da Terra. Ele conversava comigo pelo sem-fio do coração e tomei nota. Sou realmente muito pequeno ainda, mas desejo aprender gratidão na escola do amor. Digam a ele que a nossa querida Dona Izaura⁽²⁾ está repousando. Repousando para novamente fortalecer-se. Afeições numerosas dispensam-lhe todas as atenções que merece e, muito em breve, aquele coração de Mãe brilhará sobre ele e sobre os entes queridos do mundo, como a estrela de paz que sempre foi, no campo da família e nas bênçãos do lar.

Rogo transmitirem ao nosso Piva todos os meus votos de confiança e de afeto. Ele e o Iwaldo⁽³⁾, nobres companheiros, tantas vezes me recordam e perguntam se realmente estou vivo... E estou cada vez mais presente, a fim de ouvi-los. Muitos obstáculos surgem hoje na Terra para os que atravessam as faixas da mocidade. E notadamente os jovens cristãos lutam muito a fim de conservar a fé. Mas os nossos queridos amigos saberão caminhar com Jesus nos recessos da alma.

Mãezinha Dirce, a vida é a vida e ninguém morre. Prossigamos sempre unidos, fazendo por todos os nossos quanto nos seja possível em apoio e compreensão. Digo nossos para lembrar os que se encontram mais intimamente associados à nossa vida. Nosso querido Fernando⁽⁴⁾ e nosso querido Alexandre, com todos os mais crescidos são nossos, nossos tesouros de trabalho, que nos ofertam as melhores oportunidades de entender e ajudar, abençoar e servir.

Amigos aqui nos recomendam transmitir-lhes as lembranças. Nosso Augusto é o companheiro invariável, dando-nos frente e cooperação para que sejamos os irmãos contentes na execução de nossa vontade de falar e de construir. Ele abraça a nossa Dona Yolanda, afirmando que se acham sempre juntos.

Senhor Abreu⁽⁵⁾ comunica à nossa irmã Dona Laura a certeza de que permanece ao lado dela, amparando a família, especialmente ao filho Júnior. José Roberto beija as mãos dos pais queridos;

nossos caros irmãos Nasser e Nicolelo⁽⁶⁾ estão aqui associados às nossas preces, rogando a Jesus pela felicidade dos pais queridos. Nosso Carlos Alberto, o Toledo⁽⁷⁾, compartilha de nosso contentamento, enlaçando os pais no carinho de sempre e o nosso amigo Shabi⁽⁸⁾ é aquele coração irradiante, entre os pais abençoados, clareando o nosso ambiente com um sorriso de paz e luz, a encorajar-nos para o exercício do bem.

Muitos amigos outros estão presentes e a lista seria talvez muito grande para a minha pequena capacidade de registrar.

Mãezinha Dirce, tenhamos fé para vencer, fé em Deus e em nós mesmos. Um amigo ainda nos recomenda registro. É o irmão Antônio, explicando às nossas queridas irmãs Dona Yolanda e Dona Mafalda⁽⁹⁾ que ele está colaborando para que a saúde de Dona Mafalda esteja plenamente refeita.

Sei que os telerrecados de carinho cruzam nos fios de meu pensamento . . . Por isso, peço a todos os presentes para se sentirem lembrados, amados, auxiliados e sempre queridos.

Paizinho Severino e Mãezinha Dirce, recebam todo o amor no reconhecimento do Tato que lhes acompanha os corações com a fidelidade e com o reconhecimento de todos os dias.

Sei que ambos agora cabem nos meus braços. Aquele que se desenvolveu nos braços dos pais queridos volve agora, de regaço amplo para guardá-los juntos . . . Fiquem aqui, bem aqui comigo, co-

rações no meu coração e rezemos os três juntos: "Pai Nosso que estás nos Céus". Trago-lhes a luz que me deram, a luz da oração que nunca se apaga . . .

E com as suas preces de amor, deixa-lhes o carinho total da sua vida, com muito amor e com muita saudade, o Tato sempre de vocês e sempre filho reconhecido,

CARLOS ALBERTO (TATO)

28 fevereiro 1976

PALAVRAS DO ALÉM

O recado do Dr. Marins coloca em evidente destaque a limpeza da filtragem mediúnica.

Quando a mãezinha do psiquiatra se encontrava agonizando, no Natal do ano passado, o Dr. Marins pediu ao espírito do Tato que a amparasse no Plano Espiritual. E nessa mensagem de fevereiro de 1976, dois meses após a morte de D. Izaura, Carlos Alberto pede aos pais que digam ao amigo médico ter ele ouvido sua solicitação, ao lado do corpo da mãe, cujo nome inclusive cita na mensagem. O Chico não conhecia a mãe do Dr. Marins, ignorava-lhe o nome e nada sabia de seu falecimento...

Além dos já conhecidos, identificaremos os nomes lembrados na mensagem:

- 1** — Dr. Marins — José Marins, médico psiquiatra de Santos. Teve participação em JOVENS NO ALÉM, através de interessante diálogo com o Carlos Alberto, logo em seguida à sua desencarnação.
- 2** — D. Izaura — como falamos acima, genitora do Dr. Marins. D. Izaura Rodrigues Marins desencarnou no dia de Natal de 1975, com 80 anos, em Santos.
- 3** — Piva e Iwaldo — companheiros do Tato, nas incursões pelo Braille, como mencionamos nos seus Traços Biográficos em JOVENS NO ALÉM. Piva é o José Maria Piva e Iwaldo, o Iwaldo Ferreira Martins.
- 4** — Nosso querido Fernando — citado junto com o Alexandre, já nosso conhecido. É outro primo do Carlos Alberto, o Fernando Bonfim Mariana.

- 5 — Senhor Abreu, D. Laura e o Júnior —
Serafim Pereira de Abreu, falecido em São Paulo, em 1973. Sua esposa Laura Moreira de Abreu também, juntamente com o marido, é nossa conhecida de JOVENS NO ALÉM. Serafim Pereira de Abreu Júnior, o Júnior lembrado pelo pai, é um dos filhos do casal.
- 6 — Nossos caros irmãos Nasser e Nicolela —
Este é amigo de infância de Nasser, já mencionado anteriormente. Com apenas 6 anos de idade, Paulo Maria Vicente Perponi Nicolela faleceu em 3 de julho de 1963. Filho de Paschoal e Angelina Nicolela; sua mãe desencarnou recentemente, em 31 de março de 1976.
- 7 — Carlos Alberto, o Toledo — Carlos Alberto de Toledo, filho do Dr. Carlos Eduardo Toledo e de D. Olga Toledo. Morreu, vitimado por acidente de moto, aos 22 anos, às vésperas do Natal de 1969.
- 8 — Shabi — já apresentado na mensagem anterior.
- 9 — D. Yolanda e D. Mafalda — Mafalda Giudice é irmã de D. Yolanda César. O irmão Antônio, pai de D. Yolanda, já é nosso conhecido.

As avós a que se refere o Tato, Vovó Deolinda e Vovó Pessoa também já foram apresentadas ao leitor em JOVENS NO ALÉM. D. Deolinda Glianda da Silva, a avó materna, reside em Santos e a Vovó Pessoa, sua bisavó materna, Maria Josefa Pessoa dos Santos, faleceu em Portugal há mais de 70 anos.

Entre tantas ponderações, junto à mãezinha, Carlos Alberto no início de sua mensagem fala em casa de saúde, observação feita ao fato de D. Dirce, alguns meses atrás, ter ficado internada na Casa de Saúde de Santos, em recuperação médica intensiva.

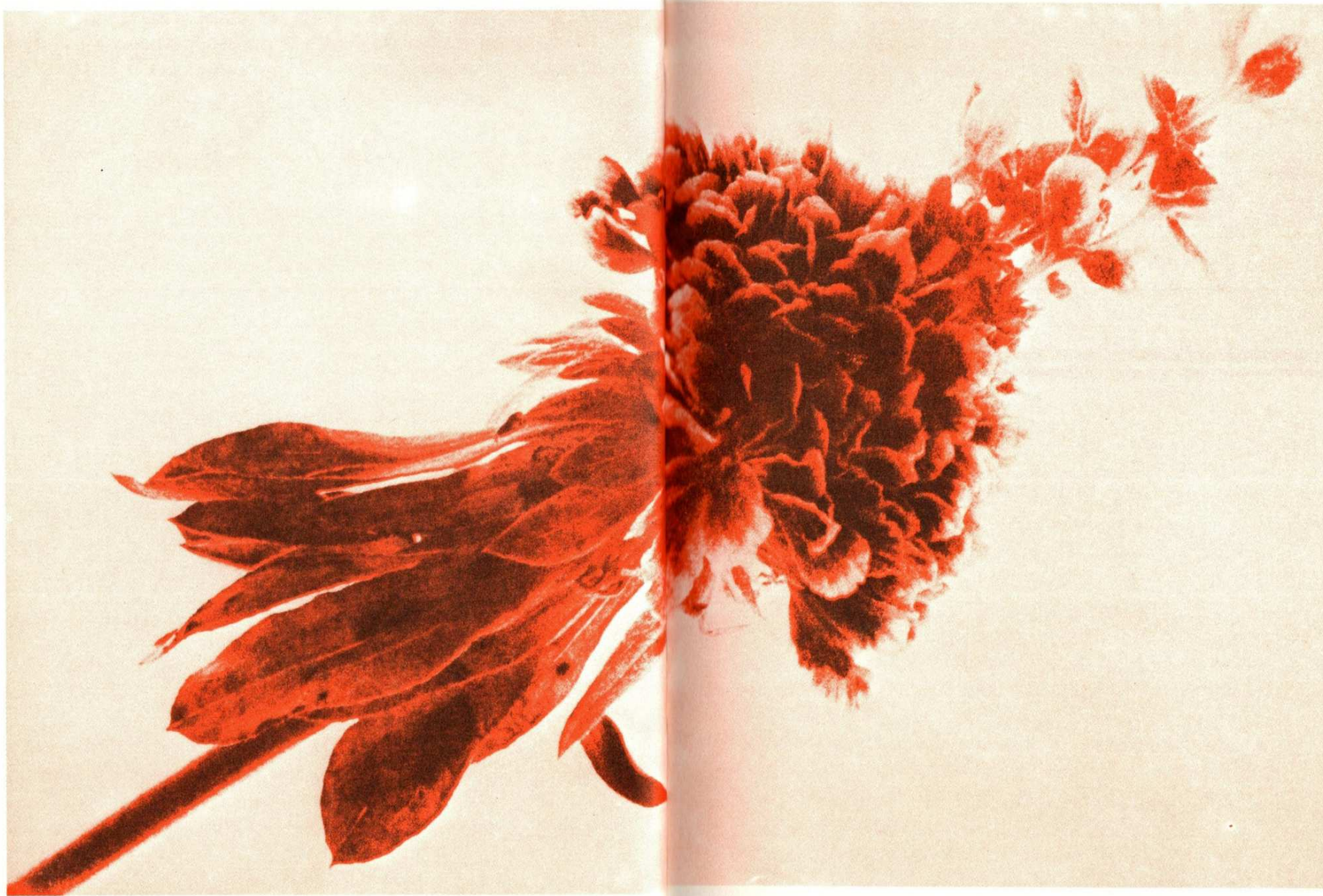
JAIR PRESENTE

— Campinas — 10 de novembro de 1949

— Americana — 03 de fevereiro de 1974

Pais: José Presente e Josefina Basso Presente

Irmã: Sueli Presente.



A PRESENÇA DO JAIR

Estávamos no fim de tarde de uma segunda-feira de Carnaval. O crepúsculo surgia e o Sol, imensa bola de fogo, debruçava-se sobre a linha do horizonte, pintando as nuvens brancas com suas radiações rubras.

Nossa visita ao Parque dos Flamboyants se encerrava: cemitério moderno, assentado sobre colinas gramadas, com alamedas de Flamboyants amarelos, cortando a relva verde, o Parque não apresenta qualquer diferenciação entre os jazigos, sendo estes representados externamente por uma pequena placa de bronze com a identificação dos mortos.

É a necrópole, em essência, um bem cultivado jardim, onde as flores depositadas pelos amigos e parentes dos mortos em pequenos copos que ladeiam a lápide de bronze, compõem com a grama cuidada e com os Flamboyants floridos a própria imagem da paz que todos imaginamos para o repouso derradeiro de nossos corpos.

A sepultura n.º 841 traz o nome de Irineu Leite da Silva, citado na mensagem de 19 de julho de 1975, de Jair Presente, psicografada pelo Chico. Na mensagem o Jair diz que Irineu “vestiu o paletó de madeira a 7 de junho”, pouco mais de 40 dias antes da página psicografada a que nos referimos.

A citação que Jair faz do Irineu deu muito o que pensar. Sem considerarmos que a família do Jair jamais ouvira falar de Irineu ou de seus pais, e muito menos Chico Xavier tinha qualquer informação a respeito desse jovem campineiro, absolutamente desconhecido de todos, há que se destacar o episódio que vamos relatar e que confirma mais uma vez, a exuberância da revelação mediúnica.

Como o leitor amigo poderá observar na mensagem, intitulada As Dicas do Fantasma-Sorriso.

Jair conta que estava presente no Parque Flamboyant, colaborando no socorro dos recém-desencarnados, quando o Irineu foi sepultado. Diz mais, que o Irineu estava em espírito, como ele, junto do Chico e pedia aos pais Sérgio e Rita que se consolassem.

Muito bem, após o recebimento da mensagem, a irmã de Jair Presente, Sueli, procurou localizar a família do jovem Irineu, já que nenhum dos presentes à reunião de Uberaba o conhecia.

Voltando a Campinas, telefonou ao Administrador do Parque Flamboyant, Renato Manjaterra, pedindo-lhe que verificasse se no dia 7 de junho ou no dia seguinte havia o registro do sepultamento de Irineu Leite da Silva. Consultando os apontamentos, o Sr. Renato disse que não havia nada a respeito de Irineu.

Como, pensou Sueli, Jair teria se enganado? Será que o Irineu não existia? Para dirimir dúvidas começou a investigar pelos jornais da época e eis que o Correio Popular, em sua edição de 8 de junho de 1975, notifica o falecimento de Irineu Leite da Silva, citando o nome de seus pais, Sérgio e Rita e falando do sepultamento no Parque Flamboyant.

De posse do recorte do jornal, que reproduzimos adiante, Sueli procurou o administrador do cemitério e mostrou-lhe a notícia. Surpreso, Sr. Renato voltou aos apontamentos e pôde constatar que nada encontrara a respeito de Irineu, porque o seu primeiro nome havia sido escrito errado. No diário de sepultamento constava a 8 de junho o nome de Pirineu Leite da Silva e não Irineu. Engano perfeitamente compreensível, pois no diário, segundo nos explicou o Sr. Manjaterra, os nomes são anotados inicialmente por informação telefônica, para posteriormente, de posse da certidão de óbito, transcrever-se no Livro de Registro todos os dados referentes ao sepultamento.

Aparentemente incompreensível, se não o entendermos à luz do conhecimento espírita, é o fato de Jair ter falado no nome correto de Irineu, quando no próprio cemitério seu nome estava escrito errado. A seguir reproduziremos cópias de documentos que exemplificam o exposto. Assim, o leitor poderá analisar a publicação do Correio Popular, de 8 de junho do ano passado, que serviu de ponto de referência, para Sueli desvendar o equívoco, criado com a informação do administrador do Parque Flamboyant. Adiante reproduzimos também a página do livro de anotações diárias do cemitério, com o nome Irineu rasurado, podendo-se observar claramente a correção feita a posteriore.

Para complementação do estudo do “caso Irineu” apresentamos ainda a página do Livro de Registro Geral de sepultamentos, com o nome correto, baseado na certidão de óbito, e um fac-símile da certidão de óbito, para que se confrontem os dados referidos pelo Jair na mensagem, ou seja, o nome completo do Irineu, o nome dos seus pais, o dia do óbito e o local do sepultamento.

Como diz um de seus amigos, esse Jair não tem jeito, mesmo!!!

Esta publicação do Correio Popular foi encontrada, como dissemos, pela irmã do Jair, depois que no Cemitério não conseguiu informações sobre o Irineu.

Observe o leitor na Certidão de Óbito a confirmação dos dados todos citados por Jair, através da psicografia de Chico Xavier: o nome completo do Irineu, a data do seu falecimento, o nome dos pais e o local do sepultamento...

O livro de registro diário dos sepultamentos apresenta o nome Irineu corrigido, em retificação feita a posteriore pelo Sr. Renato Manjaterra, administrador do Parque Flamboyant. Foi o espírito de Jair Presente quem motivou a correção...

A seta indica o nome correto do Irineu, anotado no Registro Geral dos Enterramentos no Cemitério, dados evidentemente extraídos da Certidão de Óbito.

CORREIO POPULAR

Domingo, 8 de junho de 1975

FALECIMENTOS

Serviço Funerário Municipal

Fones 8-3833 e 8-7691 - Dia e Noite
Detecção e Larga de Bombeiros

ANTONIO PIRREANES DA CUNHA - Faleceu, aos 84 anos, casado com a sr. Maria Vilela. Deixou filhos: Salomão, Deise, e Maria. Sepultamento no Cemitério de Valinhos (Serviço F. Municipal).

ISRAEL - Faleceu, aos 83 anos, casado com a sr. Maria Vilela. Deixou filhos: Salomão, Deise, e Maria. Sepultamento no Cemitério de Valinhos (Serviço F. Municipal).

ROBERTO - Faleceu, aos 83 anos, casado com a sr. Maria Vilela. Deixou filhos: Salomão, Deise, e Maria. Sepultamento no Cemitério de Valinhos (Serviço F. Municipal).

ROSA PIETRO DE ARBU DA CAMPOS - Faleceu, aos 83 anos, casado com a sr. Maria Vilela. Deixou filhos: Salomão, Deise, e Maria. Sepultamento no Cemitério de Valinhos (Serviço F. Municipal).

MARIA JOSE VENTURA DE OLIVEIRA - Faleceu, aos 83 anos, casado com a sr. Maria Vilela. Deixou filhos: Salomão, Deise, e Maria. Sepultamento no Cemitério de Valinhos (Serviço F. Municipal).

LOURENÇO COSTA - Faleceu, aos 83 anos, casado com a sr. Maria Vilela. Deixou filhos: Salomão, Deise, e Maria. Sepultamento no Cemitério de Valinhos (Serviço F. Municipal).

JOAO ALAIO NERVA - Faleceu, aos 83 anos, casado com a sr. Maria Vilela. Deixou filhos: Salomão, Deise, e Maria. Sepultamento no Cemitério de Valinhos (Serviço F. Municipal).

Título Nº 373 - Página Nº 57 -

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

REGISTRO CIVIL (CARTÓRIO DA PÓRTEGA)

ESTADO DE SÃO PAULO

CIDADE DE SÃO PAULO

1º sub -

2º sub -

3º sub -

4º sub -

5º sub -

6º sub -

7º sub -

8º sub -

9º sub -

10º sub -

11º sub -

12º sub -

13º sub -

14º sub -

15º sub -

16º sub -

17º sub -

18º sub -

19º sub -

20º sub -

21º sub -

22º sub -

23º sub -

24º sub -

25º sub -

26º sub -

27º sub -

28º sub -

29º sub -

30º sub -

31º sub -

32º sub -

33º sub -

34º sub -

35º sub -

36º sub -

37º sub -

38º sub -

39º sub -

40º sub -

41º sub -

42º sub -

43º sub -

44º sub -

45º sub -

46º sub -

47º sub -

48º sub -

49º sub -

50º sub -

51º sub -

52º sub -

53º sub -

54º sub -

55º sub -

56º sub -

57º sub -

58º sub -

59º sub -

60º sub -

61º sub -

62º sub -

63º sub -

64º sub -

65º sub -

66º sub -

67º sub -

68º sub -

69º sub -

70º sub -

71º sub -

72º sub -

73º sub -

74º sub -

75º sub -

76º sub -

77º sub -

78º sub -

79º sub -

80º sub -

81º sub -

82º sub -

83º sub -

84º sub -

85º sub -

86º sub -

87º sub -

88º sub -

89º sub -

90º sub -

91º sub -

92º sub -

93º sub -

94º sub -

95º sub -

96º sub -

97º sub -

98º sub -

99º sub -

100º sub -

101º sub -

102º sub -

103º sub -

104º sub -

105º sub -

106º sub -

107º sub -

108º sub -

109º sub -

110º sub -

111º sub -

112º sub -

113º sub -

114º sub -

115º sub -

116º sub -

117º sub -

118º sub -

119º sub -

120º sub -

121º sub -

122º sub -

123º sub -

124º sub -

125º sub -

126º sub -

127º sub -

128º sub -

129º sub -

130º sub -

131º sub -

132º sub -

133º sub -

134º sub -

135º sub -

136º sub -

137º sub -

138º sub -

139º sub -

140º sub -

141º sub -

142º sub -

143º sub -

144º sub -

145º sub -

146º sub -

147º sub -

148º sub -

149º sub -

150º sub -

151º sub -

152º sub -

153º sub -

154º sub -

155º sub -

156º sub -

157º sub -

158º sub -

159º sub -

160º sub -

161º sub -

162º sub -

163º sub -

164º sub -

165º sub -

166º sub -

167º sub -

168º sub -

169º sub -

170º sub -

171º sub -

172º sub -

173º sub -

174º sub -

175º sub -

176º sub -

177º sub -

178º sub -

179º sub -

180º sub -

181º sub -

182º sub -

183º sub -

184º sub -

185º sub -

186º sub -

187º sub -

188º sub -

189º sub -

190º sub -

191º sub -

192º sub -

193º sub -

194º sub -

195º sub -

196º sub -

197º sub -

198º sub -

199º sub -

200º sub -

201º sub -

202º sub -

203º sub -

204º sub -

205º sub -

206º sub -

207º sub -

208º sub -

209º sub -

210º sub -

211º sub -

212º sub -

213º sub -

214º sub -

215º sub -

216º sub -

217º sub -

218º sub -

219º sub -

220º sub -

221º sub -

222º sub -

223º sub -

224º sub -

225º sub -

226º sub -

227º sub -

228º sub -

229º sub -

230º sub -

231º sub -

232º sub -

233º sub -

234º sub -

235º sub -

236º sub -

237º sub -

238º sub -

239º sub -

240º sub -

241º sub -

242º sub -

243º sub -

244º sub -

245º sub -

246º sub -

247º sub -

248º sub -

249º sub -

250º sub -

251º sub -

252º sub -

253º sub -

254º sub -

255º sub -

256º sub -

257º sub -

258º sub -

259º sub -

260º sub -

261º sub -

262º sub -

263º sub -

264º sub -

265º sub -

266º sub -

267º sub -

268º sub -

269º sub -

270º sub -

271º sub -

272º sub -

273º sub -

274º sub -

275º sub -

276º sub -

277º sub -

278º sub -

279º sub -

280º sub -

281º sub -

282º sub -

283º sub -

284º sub -

285º sub -

286º sub -

287º sub -

288º sub -

289º sub -

290º sub -

291º sub -

292º sub -

293º sub -

294º sub -

295º sub -

296º sub -

297º sub -

298º sub -

299º sub -

300º sub -

301º sub -

302º sub -

303º sub -

304º sub -

305º sub -

306º sub -

307º sub -

308º sub -

309º sub -

310º sub -

311º sub -

312º sub -

313º sub -

314º sub -

315º sub -

316º sub -

317º sub -

318º sub -

319º sub -

320º sub -

321º sub -

322º sub -

323º sub -

324º sub -

325º sub -

326º sub -

327º sub -

328º sub -

329º sub -

330º sub -

331º sub -

332º sub -

333º sub -

334º sub -

335º sub -

336º sub -

337º sub -

338º sub -

339º sub -

340º sub -

341º sub -

342º sub -

343º sub -

344º sub -

345º sub -

346º sub -

347º sub -

348º sub -

349º sub -

350º sub -

351º sub -

352º sub -

353º sub -

354º sub -

355º sub -

356º sub -

357º sub -

358º sub -

359º sub -

360º sub -

361º sub -

362º sub -

363º sub -

364º sub -

365º sub -

366º sub -

367º sub -

368º sub -

369º sub -

370º sub -

371º sub -

372º sub -

373º sub -

374º sub -

375º sub -

376º sub -

377º sub -

378º sub -

379º sub -

380º sub -

381º sub -

382º sub -

383º sub -

384º sub -

385º sub -

386º sub -

387º sub -

388º sub -

389º sub -

390º sub -

391º sub -

392º sub -

393º sub -

394º sub -

395º sub -

396º sub -

397º sub -

398º sub -

399º sub -

400º sub -

401º sub -

402º sub -

403º sub -

404º sub -

405º sub -

406º sub -

407º sub -

408º sub -

409º sub -

410º sub -

411º sub -

412º sub -

413º sub -

414º sub -

415º sub -

416º sub -

417º sub -

418º sub -

419º sub -

420º sub -

421º sub -

422º sub -

423º sub -

424º sub -

425º sub -

426º sub -

427º sub -

428º sub -

429º sub -

430º sub -

431º sub -

432º sub -

433º sub -

434º sub -

435º sub -

436º sub -

437º sub -

438º sub -

439º sub -

440º sub -

441º sub -

442º sub -

443º sub -

444º sub -

445º sub -

446º sub -

447º sub -

448º sub -

449º sub -

450º sub -

451º sub -

452º sub -

453º sub -

454º sub -

455º sub -

456º sub -

457º sub -

458º sub -

459º sub -

460º sub -

461º sub -

462º sub -

463º sub -

464º sub -

465º sub -

466º sub -

467º sub -

468º sub -

469º sub -

470º sub -

471º sub -

472º sub -

473º sub -

474º sub -

475º sub -

476º sub -

477º sub -

478º sub -

479º sub -

480º sub -

481º sub -

482º sub -

483º sub -

484º sub -

485º sub -

486º sub -

487º sub -

488º sub -

489º sub -

490º sub -

491º sub -

492º sub -

493º sub -

494º sub -

495º sub -

496º sub -

497º sub -

498º sub -

499º sub -

500º sub -

501º sub -

502º sub -

503º sub -

504º sub -

505º sub -

506º sub -

507º sub -

508º sub -

509º sub -

510º sub -

511º sub -

512º sub -

513º sub -

514º sub -

515º sub -

516º sub -

517º sub -

518º sub -

519º sub -

520º sub -

521º sub -

522º sub -

523º sub -

524º sub -

525º sub -

526º sub -

527º sub -

528º sub -

529º sub -

530º sub -

531º sub -

532º sub -

533º sub -

534º sub -

535º sub -

536º sub -

537º sub -

538º sub -

539º sub -

540º sub -

541º sub -

542º sub -

543º sub -

544º sub -

545º sub -

546º sub -

547º sub -

548º sub -

549º sub -

550º sub -

551º sub -

552º sub -

553º sub -

554º sub -

555º sub -

556º sub -

557º sub -

558º sub -

559º sub -

560º sub -

561º sub -

562º sub -

563º sub -

564º sub -

565º sub -

566º sub -

567º sub -

568º sub -

569º sub -

570º sub -

571º sub -

572º sub -

573º sub -

574º sub -

575º sub -

576º sub -

577º sub -

578º sub -

579º sub -

580º sub -

581º sub -

582º sub -

583º sub -

584º sub -

585º sub -

586º sub -

587º sub -

588º sub -

589º sub -

590º sub -

591º sub -

592º sub -

593º sub -

594º sub -

595º sub -

596º sub -

597º sub -

598º sub -

599º sub -

600º sub -

601º sub -

602º sub -

603º sub -

604º sub -

605º sub -

606º sub -

607º sub -

608º sub -

609º sub -

610º sub -

611º sub -

612º sub -

613º sub -

614º sub -

615º sub -

616º sub -

617º sub -

618º sub -

619º sub -

620º sub -

621º sub -

622º sub -

623º sub -

624º sub -

625º sub -

626º sub -

627º sub -

628º sub -

629º sub -

630º sub -

631º sub -

632º sub -

633º sub -

634º sub -

635º sub -

636º sub -

637º sub -

638º sub -

639º sub -

640º sub -

641º sub -

642º sub -

643º sub -

644º sub -

645º sub -

646º sub -

647º sub -

648º sub -

649º sub -

650º sub -

651º sub -

652º sub -

653º sub -

654º sub -

655º sub -

656º sub -

657º sub -

658º sub -

659º sub -

660º sub -

661º sub -

662º sub -

663º sub -

664º sub -

665º sub -

666º sub -

667º sub -

668º sub -

669º sub -

670º sub -

671º sub -

672º sub -

673º sub -

674º sub -

675º sub -

676º sub -

677º sub -

678º sub -

679º sub -

680º sub -

681º sub -

682º sub -

683º sub -

684º sub -

685º sub -

686º sub -

687º sub -

688º sub -

689º sub -

690º sub -

691º sub -

692º sub -

693º sub -

694º sub -

695º sub -

696º sub -

697º sub -

698º sub -

699º sub -

700º sub -

701º sub -

702º sub -

703º sub -

704º sub -

705º sub -

706º sub -

707º sub -

708º sub -

709º sub -

710º sub -

711º sub -

712º sub -

713º sub -

714º sub -

715º sub -

716º sub -

717º sub -

718º sub -

719º sub -

720º sub -

721º sub -

722º sub -

723º sub -

724º sub -

725º sub -

726º sub -

727º sub -

728º sub -

729º sub -

730º sub -

731º sub -

732º sub -

733º sub -

734º sub -

735º sub -

736º sub -

737º sub -

738º sub -

739º sub -

740º sub -

741º sub -

742º sub -

743º sub -

744º sub -

745º sub -

746º sub -

747º sub -

748º sub -

749º sub -

750º sub -

751º sub -

752º sub -

753º sub -

754º sub -

755º sub -

756º sub -

757º sub -

758º sub -

759º sub -

760º sub -

761º sub -

762º sub -

763º sub -

764º sub -

765º sub -

766º sub -

767º sub -

768º sub -

769º sub -

770º sub -

771º sub -

772º sub -

773º sub -

774º sub -

775º sub -

776º sub -

777º sub -

778º sub -

779º sub -

780º sub -

781º sub -

782º sub -

783º sub -

784º sub -

785º sub -

786º sub -

787º sub -

788º sub -

789º sub -

790º sub -

791º sub -

792º sub -

793º sub -

794º sub -

795º sub -

796º sub -

797º sub -

798º sub -

799º sub -

800º sub -

801º sub -

802º sub -

803º sub -

804º sub -

805º sub -

806º sub -

807º sub -

808º sub -

809º sub -

810º sub -

811º sub -

812º sub -

813º sub -

814º sub -

815º sub -

816º sub -

817º sub -

818º sub -

819º sub -

820º sub -

821º sub -

822º sub -

823º sub -

824º sub -

825º sub -

826º sub -

827º sub -

828º sub -

829º sub -

830º sub -

831º sub -

832º sub -

833º sub -

834º sub -

835º sub -

836º sub -

837º sub -

838º sub -

839º sub -

840º sub -

841º sub -

842º sub -

843º sub -

844º sub -

845º sub -

846º sub -

847º sub -

848º sub -

849º sub -

850º sub -

851º sub -

852º sub -

853º sub -

854º sub -

855º sub -

856º sub -

857º sub -

858º sub -

859º sub -

860º sub -

861º sub -

862º sub -

863º sub -

864º sub -

865º sub -

866º sub -

867º sub -

868º sub -

869º sub -

870º sub -

871º sub -

872º sub -

873º sub -

874º sub -

875º sub -

876º sub -

877º sub -

878º sub -

879º sub -

880º sub -

881º sub -

882º sub -

883º sub -

884º sub -

885º sub -

886º sub -

887º sub -

888º sub -

889º sub -

890º sub -

891º sub -

892º sub -

893º sub -

894º sub -

895º sub -

896º sub -

897º sub -

898º sub -

899º sub -

900º sub -

901º sub -

902º sub -

903º sub -

904º sub -

905º sub -

906º sub -

907º sub -

908º sub -

909º sub -

910º sub -

911º sub -

912º sub -

913º sub -

914º sub -

915º sub -

916º sub -

917º sub -

918º sub -

919º sub -

920º sub -

921º sub -

922º sub -

923º sub -

924º sub -

925º sub -

92

Minha querida madre, pater meu e minha sorela Sueli, somos presentes dando presença. E não quero começar papeando sem dar a Deus, nosso Criador e Pai, o respeito nosso.

O que há na paróquia é que vocês estão querendo aquelas conversadas de espírito de família. E acontece que na cuca do meu grupo a lembrança me bate forte. Não posso dar a silenciada; é preciso falar, porque os nossos daqui me permitem aquela boa gíria dos amizades fiéis.

Às vezes, penso que é preciso acabar com essas dicas de fantasma-sorriso; mas, e a vida que é nossa? e como deixar de ser nós mesmos, dentro da vida? Nesse sentido, minhas palas hoje são melhores, estou incrementado nos estudos para retirar todos os meus grilos xexelentos. Quero carregar outra moringa nos ombros. E o negócio é esse aí: se não trabalhar, não entendo; se não entendo, não vale estudar.

Quando vim prá cá, percebi, de repente, que não passava de sabereta, embrulhando muitas lições aprendidas aí em bobagens que não tinham tamanho. Agora, vou tirando letra em muita coisa que necessito guardar em mim para ser melhor.

AS DICAS DO FANTASMA-SORRISO

Muita gente bem de nossas turminhas deram para pensar que sou espírito vagau perdido na marginalia. Pobres meninos patetas que éramos; querendo inventar uma língua nova, complicamos os comunicados nas melhores comunicações.

Entretanto, para Deus o sentimento é que tem valor, o coração é que fala. Posso latinizar as notícias da maneira mais sofisticue, mas, se não der de mim aquela sinceridade, tou na lona da paranóia e isso eu não quero mais. Esse negócio de dar fio nas patotas que mandam fumo ou avançam no lesco-lesco dos comeretes a se arrancarem para umas e outras é perigo na certa. Quero pensamento jóia para falar mesmo, sem alinhar as palavras fora da costura da boa gíria.

Mandem-se para cá e vocês vão ver como é duro varar o arco e virar a bola de pé prá frente no quadrado das notícias. Assim sendo, vocês todos podem perdoar os cabeludos que vieram prá cá sem preparação, bancando caretas nas lições de Cristo. Perdão sim, porque seria difícil prá mim, falar francês, no português brasileiro, exibindo qualidades que não tenho.

De uma cousa, porém, vocês fiquem sabidos: é que já sei que trabalhar para os outros é o caminho melhor. Digo isso, embora esteja parado como nos tempos da Geografia, explicando pro professor como se vai à Guiana Inglesa sem nunca ter ido lá, nem prá inglês ver.

Já sei; isso é progresso. Disposição mesmo prá fazer o que sei, penso que só amanhã. Apesar de tudo, Sueli, digo a você: mediunidade é servir

para sermos servidos. Todos precisamos de alguma cousa. Estender as mãos para o auxílio a quem sofre é o mesmo que receber outras mãos que chegam do Alto prá carregar-nos sobre as lutas de cada dia.

Para mim, caridade é o melhor negócio da vida. A pessoa ajuda e recebe muito mais do que dá. Geralmente, querida irmã, somos alguém a servir, mas a pessoa servida representa em si um grupinho grande. E o grupinho se inclina prá nosso lado e dá uma melhorada geral em nossos caminhos. Aqui vejo muita gente fora da Terra aprendendo isso! entregando benefícios e recebendo benefícios maiores. Não estou ensinando você a paparicar Deus com papos furados ou com caldos melosos de conversa amolecida na adulação. Estou fazendo as palas do ato, porque o assunto mais importante é agir mesmo.

Aqui está conosco o Joãozinho Alves e pede aos pais aquela confiança em Deus que não desanima; ele está melhor e mais forte. E outro amigo aqui ao lado de seu adoidado irmão é o amigo Irineu Leite da Silva, um moço do fino que vestiu o paletó de madeira em sete de junho passado. Estava eu entre aqueles que trabalhavam no Parque dos Flamboyant quando ele foi considerado pessoa de sono eterno. Mas acordou junto de nós e está bem; pede para que os pais Sérgio e Rita se consolem.

Afinal de contas essas paqueradas da morte acontecem com qualquer um. E os caras do mundo

precisam contar com isso. Não queremos que ninguém morra. Queremos que todos os nossos irmãos do mundo, transitem por todos os consultórios de plástica, tirando sarro nas rugas que chegam com as janeiradas, de natalício a natalício. Desejamos que todos cheguem aqui mambeando de velhice, sem coragem de olhar pros retratos solenes de vinte ou quarenta anos de retaguarda; mas esse debi da morte é um estripitisi de amargar. Dizemos amargar porque só colocamos giló nesse assunto, com tanto choro de lado que os panos do último dia é que são mesmo de amedrontar qualquer um. Pensemos na morte com fé em Deus. Afinal de contas, aí no mundo quem dorme está sempre treinando para ressuscitar.

Meu pai, abraça Sérgio, Wilson e todos os meus sócios de pensadas e notas. Não creio que a rapaziada esteja acreditando muito no que digo. De vez em vez, escuto algum deles a dizer — “Mas esse Jair não tem jeito, não”. Mas isso é bobagem da grossa. Quem tem mesmo jeito para melhorar e consertar é só aquele Cristo, amoroso e bom de todos os dias. Mas, isso é isso.

Se fosse eu o vivo da história, talvez não acreditasse no amigo morto e ficaria ainda mais vivo, se ouvisse mensagens dos que houvessem caído em algum barato do pró-terra-de-pedra e cipreste, antes de mim.

Sueli, aos corações do Grameiro, o meu “muito obrigado”; aos companheiros do Grupo de Meimei, aquela saudação embandeirada de preces pela felicidade de todos.

Agora é parar. Terei falado o que não soube dizer. Estava com saudade de dar uma falada com vocês e dei papo. Deus me perdoe, é o que peço. Entretanto, vamos deixar seriedades prá lá e vamos dar aquele abraço da finalizada.

Pai, mamãe, Sueli, estou feliz vendo vocês unidos. Tchau prá vocês. Tudo de bom. Noite calma e tempo de bênçãos. Ponho aqui a saudade prá quebrar. Um beijão do filhote adoidado e do irmão agradecido, mas que lhes oferece nestas páginas o maior amor da paróquia.

JAIR

19 julho 1975

IRINEU OU PIRINEU?

Quatro meses após sua última mensagem, publicada em JOVENS NO ALÉM, Jair Presente volta com sua comunicação fácil. É o rapaz alegre, simples que conversa conosco, através da escrita mediúnica. Assim é que suas páginas são invariavelmente carregadas na pontuação repetitiva, servindo os pontos e as vírgulas, mais numerosos que no habitual dos textos, como elementos ativos de caracterização de um bate-papo completamente informal. Ao lermos as palavras de Jair, temos a impressão de estar ouvindo-o, em conversa gostosa e descontraída.

Também o tempo maior de experiência e adaptação no Plano Espiritual, e na utilização da psicografia, como meio de intercâmbio conosco aqui da Terra, tornaram o Jair mais arguto em suas observações, de tal forma que o leitor encontra na leitura da mensagem muitos conceitos de rara oportunidade.

Na análise desses conceitos, não nos vamos deter, posto que a exposição de Jair está muito clara e objetiva. Vamos, sim, estudar os elementos de identificação da mensagem, evidenciando mais uma vez a mediunidade de Chico Xavier brilhando na clareza meridiana dos fatos.

Quando diz que “aqui está conosco o Joãozinho Alves”, Jair se refere ao jovem falecido em acidente rodoviário na Estrada Campinas — Paulínia.*

Irineu Leite da Silva que Jair diz ter socorrido no Parque Flamboyant, já foi identificado anteriormente, com seus pais, Sérgio e Rita. O quíproco havido com Irineu no cemitério foi, cremos, uma lição autêntica da Espiritualidade para nós, pois tivemos uma série de comprovações irrefutáveis.

Assim, a citação do nome de Irineu Leite da Silva e de seus pais, embora não houvesse um conhecido sequer da família em Uberaba, durante a reunião em que Chico recebeu a mensagem: a referência do dia do óbito — 7 de junho — sem que nem ao menos o administrador do cemitério o tenha identificado, quando procurado inicialmente pela irmã do Jair, para tentar obter dados a respeito do Irineu: a menção correta do cemitério em que Irineu foi sepultado, quando há três cemitérios em Campinas, são realidades que nos dão o que pensar.

Mas não ficam aí as travessuras mediúnicas do Jair. Quando diz: “Mas esse Jair não tem jeito, não”, referindo-se às observações jocosas dos amigos, a família Presente confirma que um de seus amigos disse textualmente isso, numa ocasião em que comentavam suas páginas psicográficas, em reunião familiar. Sem dúvida, o espírito de Jair estava presente a essa reunião.

Ao fim da mensagem, o jovem fala em Grameiro e no Grupo Meimei. Trata-se respectivamente do Movimento Assistencial Espírita André Luiz, conhecido

como Casa da Sopa do Grameiro, nome do bairro onde se localiza a instituição e da Casa da Criança Meimei, entidade beneficente, também de Campinas.

Jóia, genial mesmo, são as despedidas de Jair:

“Um beijão do filhote adoidado e do irmão agradecido, mas que lhes oferece nestas páginas o maior amor da paróquia.”

* Naturalmente por motivo de convicções religiosas os familiares do Joãozinho não desejaram identificar-se. Pelas mesmas razões deixamos também de oferecer detalhes a respeito do acidente.

Queridos pais, Sueli, campineiros em família, pensemos em Deus.

Estamos aqui.

Não quero dizer que estou deixando cair a minha milonga. Reconheço o rapaz pobre ou o pobre rapaz que ainda sou. Mas sou trazido a papear.

Não sei. Linguagem de moço careta desejando mostrar cara e coragem. Creio só isto que tenho. A patota manda. E manda que eu vire a bola do agradecimento; temos aqui nossas mães, nossas melhores amigas e temos o nosso editor.

Obrigado pelo rancho todo. Nosso grupinho está feliz. Um livro de cartas e São Bernardo

tirando letras no caprichado⁽¹⁾. Amparo igual a esse, muito difícil. A companheirada está lendo grande parte.

E muitos amigos balançam; será? não será? A perguntação vai caindo nas cucas e os grilos vão desaparecendo. Creio foi o Augusto quem falou em desengrilar. Pois a desengrilada é um sucesso, uma parada legal. E a conversada principia no silêncio. Os mestres diriam “diálogo”, nós preferimos papo informal. O cara lê e a retomada de idéias vai começando. Uma luta boa esta.

Trocar palavras com livro já pronto⁽²⁾. Esta é mesmo de livro. Gente, vocês não calculam a satisfação. Rapazes realizados no outro mundo, através de mensagens mais ou menos birutadas. É um plá sensacional. E agradecemos. É isso aí. Levar o couro para as redes. Formar times novos. Partidas de paz e amor em que as nossas pensadas consigam dar um chega-prá-lá nas idéias negativas. Um mundo novo está nascendo. Acredito que muita oportunidade de trabalhar vai aparecer, prá todos, prá nós todos⁽³⁾.

Estamos por aí cansados de barulho e massacre. Temos sede de Deus. Admitimos isso aqui.

PAPPO INFORMAL

Não é o caso de se tentar a novidade com erva no crâneo, por dentro da moringa esquentada de tantas saberenças.

O negócio é não dar aquelas de alucinados e olhar serenamente nos problemas. Nada de sermos reclamações. Aceitar as dificuldades e procurar examinadas de perto.

Se pudesse dizer quanto estamos incrementados com o fato de dar papos mediúnicos, falaria de quanto nos achamos todos ouriçados para estudar e mostrar uma trabalhada geral⁽⁴⁾. Mas a gente vai pouco a pouco, no degrau por degrau, no passo. Assim é que é; sem isso, ficaria a gente no deixa-estar-como-está — para ver como fica.

Repito nossa gratidão ao amigo Rolando e associados⁽⁵⁾. A diretoria do nosso basquete brilhou. Não entendo muito de orações por enquanto, mas já sei falar qualquer cousa em Deus. E peço a Deus nos faça jambrar nesse campo de luz. Realizar a realizada, fazer o que deve ser feito.

Sueli, muito obrigado prá você. Você tem mostrado como podemos fazer força. Você está outra. A fé mudou seu rosto e fez plástica em meu pai e em minha mãe.

Você, irmã, está irradiando fé no sorriso. Parabéns! Isso é jóia. Procuremos estar no trabalho, enquanto o repouso não for necessário como remédio. Uma colher de chá de cadeira para um bule quilométrico de serviço. Este é o papo firme.

Agradeço a sua coragem no cemitério. Até hoje conhecia os pró-terra-dos-novos vivos, por

lugares de paúra. E você aclarou o nosso prezado Manjaterra⁽⁶⁾. Bom amigo arrepiado e correto que nos ajudou. Você fez bem, formulando pesquisadas; Irineu e Pirineu e outros cupinchas são amigos queridos. E vamos prá frente. Acender luz nos pensamentos sem espanador para as teias de aranha do nosso mundão.

Peço à nossa madre Galgani⁽⁷⁾ abraçar o nosso caro Sérgio. Do Jair primo⁽⁸⁾, posso dizer que está bem, ainda de leito. Chegou até nós desbaratinado, mas as melhoradas estão chegando. É isso, irmã. Cada qual chega por aqui de um jeito ou de outro.

Nossa irmã Elizabeth e nosso companheiro⁽⁹⁾ choram os filhos. Pensem no tempo em que eles não existiam aí prá nós. Isso dá consolo, confortadas gerais. Marcelo e o irmão⁽¹⁰⁾ foram trazidos para cá com a finalidade de melhora. Quem sabe o amanhã? Poderão voltar e voltar em casa mesmo. Prá isso, é preciso paz e alegria. O choro é bom quando agradece. Só prá esse fim, porque nos outros cantos do assunto é um tal de queimar por dentro e por fora da criatura que o carvão de tanto incêndio não está no gipi da vida.

Aqui nos ensinam que a noite pode ser uma roupa de sombra para a Terra, mas o Sol não concorda com isso e toda manhã veste a Terra de luz em nome de Deus.

Façamos força. A luta pro bem é a luta de que ninguém deve dar as de vila diogo. Permanecer firmes e deixar cair o granizo da prova. Deus

quer o bem e a Lei de Deus é sempre o bem.

Nossa irmã Regina⁽¹¹⁾ — Maria Regina, apelou prá nós. Peçam àquela menina coragem. O pai não morreu; foi transformado, mas estará no eito de enxada nas mãos. Não esquecerá mulher e filha. Estará no batente, protegendo e trabalhando.

Os amigos, dois deles, da cidade do prestimoso Coronel Norris⁽¹²⁾, estão conosco neste momento. Luiz pede calma⁽¹³⁾ e esperança à nossa irmã Jocelyna e está acompanhado pelo irmão Medon⁽¹⁴⁾ que dispensa ao rapaz todo o carinho. E o Amaury diz aos pais⁽¹⁵⁾ que tem estado no ponto, dando presença. Ainda não acertou os meios de falar por aqui, mas prossegue com aquela dedicação junto dos pais amigos que endereçam a ele aquela ternura. Diz que tem dado as colaboradas possíveis pela irmã — não sei se ouço bem, no entanto, imagino estar ouvindo as palavras “de Catanduva”⁽¹⁶⁾.

Tantos companheiros presentes, mas é o fim do papo de hoje. Amanhã será um dia consagrado a quem não existe: “os mortos”. Deixarei o cuntrunco para dar aquela de Viajante nas pedras. Não sei se ofendo os bons costumes; no entanto, as palavras “descanso eterno” nos cemitérios são a maior piada da paróquia.

Procurem doar o que puderem pros vivos de nosso mundo. O que puderem: flores, velas, preces ou até mesmo “lágrimas”. Façam o que quiserem, mas auxiliem a alguém naqueles nomes de que se recordam. Um pão para quem está de panela

vaga, uma peça de roupa usada para quem já não agüenta alfinete e remendo. Oi, gente, caridade pros vivos de cá, porque ocês todos tão na onda e a praia pode estar perto. Digo isso desejando a todos a melhor velhice possível, com aposentadoria no movimento do bem.

Meu pai, querida mãe e querida Sueli, agora um beijo.

Augusto traz, diz ele, aquele abraço das melhores telefonadas para a mamãe Yolanda e, os companheiros de livro, Tato e Vadeco lembram as famílias.

Todos os amigos sempre bacanas do nosso empório de comunicações espalham aqui saudações e saudades, agradecimentos e lembranças.

Tchau prá todos. Progresso pro geral aqui na sala. E por aqui estou indo prá frente com aquela esperança de rapaz adoidado, agora repleto de sentimentos diversos: cuca nova e melhor coração com o nosso admirável Jesus.

Té logo prá vocês, meus amigos. E digo isso com o pensamento em Jesus. Seja Ele quem inspira e compõe os assuntos, porque de mim mesmo, do pobre rapaz Jair Presente, sei que estou presente, mas não sei se disse, nem se falei.

JAIR

01 novembro 1975

PAPO NO DIÁLOGO

O título Papo Informal é a nossa homenagem ao Jair que estabeleceu na comunicação mediúnica a singular inovação, juntamente com o Augusto, de conversar com os jovens da Terra na linguagem que lhes é familiar. Jair, nessa mensagem, teve o cuidado de ressaltar que ao invés de dizer diálogo prefere falar em papo informal, despojando assim a sua comunicação de qualquer barreira que a poderia tornar mais refratária no entendimento com os jovens.

Reconheçamos que em Papo Informal, Jair Presente esnoba mesmo em citações, deixando, talvez, o próprio médium, abismado com tantas revelações, a despeito de familiarizado com as notícias do Além.

Vamos na seqüência da mensagem identificar as revelações do Jair, elucidando uma que outra passagem, para facilitar a compreensão do leitor.

No início, observamos várias referências ao recente lançamento do livro JOVENS NO ALÉM. Assim, os números indicativos de (1) a (5) falam do livro, estando presente no dia da recepção dessa mensagem, em Uberaba, o Sr. Rolando Ramacciotti, citado pelo Jair como editor, logo nas primeiras linhas.

Depois surgem as citações, tão numerosas e ricas, que somente as podemos compreender com clareza à luz da afirmação espírita de que após a morte os mortos se comunicam com os vivos, em constante interligação entre o Além e a Terra.

Vejamos os dados:

6 — Nosso prezado Manjaterra — Renato Manjaterra, administrador do Cemitério Parque Flamboyant, já identificado no episódio “Irineu ou Pirineu”. Quando diz Jair: “bom amigo, arrepiado e correto”, o espírito do jovem campineiro confirma o que ouvimos do Sr. Manjaterra, de que diante das complicações ocorridas com o “caso Irineu”, realmente ficou arrepiado.

7 — Madre Galgani — Rosalina Galgani, mãe do Sérgio, amigo íntimo de Jair que considerava D. Rosalina como uma segunda mãe, daí dizer “Madre Galgani”.

8 — Do Jair primo, posso dizer que está bem —
Fala Jair de seu primo Jair Linhace que também desencarnou na Praia Azul, muito próximo do local onde anteriormente Jair Presente havia falecido.

Jair Linhace morreu com 29 anos, no dia 22 de junho de 1975. Residia em Jundiá: casado com a Sra. Sueli Emple Linhace, era filho de Paulo e Letícia Linhace.

9 — Nossa irmã Elizabeth e nosso companheiro — Trata-se de Elizabeth Maria Franco Lacorte e João Lacorte, residentes em Campinas. Os filhos, muito crianças ainda, faleceram com intervalo de um mês e meio. São citados abaixo.

10 — Marcelo e o irmão — Marcelo Luiz Franco Lacorte, falecido aos 2 de agosto de 1975, na capital paulista, com 6 anos de idade e Eduardo Augusto Franco Lacorte que morreu logo depois, a 20 de outubro, com pouco mais de 2 anos.

11 — Nossa irmã Regina — Maria Regina Rodrigues de Castro, jovem que perdera o pai, Armando Rodrigues de Castro, em 15 de julho de 1975, em Campinas.

12 — ... da cidade do prestimoso Coronel Norris — Refere-se Jair a Americana, fundada pelo Coronel Robert Norris, oficial norte-americano que veio para o Brasil no século passado, descontente com o desfecho da Guerra da Secessão, participante que era das milícias dos estados separatistas do sul, derrotados pelas forças constitucionais de Abrahan Lincoln.

13 — Luiz pede calma — Luiz Bianco Neto, falecido aos 18 anos na Via Anhangüera, próximo de Americana, no dia 16 de janeiro de 1972. Seus pais residem em Americana — o Dr. Jessyr Bianco, advogado e jornalista e a Sra. Jocelyna Medon Bianco. Curioso notar que a mãe do Luiz, D. Jocelyna, é conhecida pelo apelido de Joyce, de tal modo que poucos lhe sabem o nome correto. Como o Jair foi descobrir que D. Joyce se chama realmente Jocelyna não é fácil de entender...

14 — Irmão Medon — Eduardo da Silva Medon, avô materno do jovem Luiz Bianco Neto, falecido em Americana no dia 28 de dezembro de 1967.

15 — E o Amaury diz aos pais . . . — Amaury Aparecido Godoy Gallinari, estudante do 2.º ano de Medicina em Catanduva. Filho de Gelio Gallinari e de Alda Aparecida Godoy Gallinari. Amaury desencarnou com 19 anos, no dia 25 de junho de 1972, em acidente na Via Washington Luiz, próximo a Taquaritinga. Era um domingo e Amaury voltava de Americana, onde residia, para Catanduva, em atendimento aos compromissos universitários.

16 — O Jair descobriu a ex-namorada do Amaury em Catanduva . . . — É a Srta. Marisa Pelegrino que nos autorizou a citação de seu nome, para melhor esclarecimento do texto.

Permitam-nos lembrar duas tiradas sensacionais do Jair, nessa mensagem. A primeira é quando, valorizando o trabalho, ele diz que papo firme é “uma colher de chá de cadeira para um bule quilométrico de serviço”. E a segunda, palavras de otimismo aos pais saudosos dos filhos queridos mortos, encerra vigoroso ensinamento, a respeito da presença de Deus em nossas vidas. Fala Jair: “Aqui nos ensinam que a noite pode ser uma roupa de sombra para a Terra, mas o Sol não concorda com isso e toda manhã veste a Terra de luz, em nome de Deus”.

Essa vigorosa metáfora do Jair, pelo peso de sua significação mais profunda, nos leva a Vianna Moog que concentra a força de expressão semelhante no encerramento de seu ensaio sociológico, *Um Rio Imita o Reno*, ao falar de feixes de luz que “entravam em jorros pelas janelas, espancando as sombras que se tinham adensado naquela sala, havia pouco ainda, povoada de fantasmas”.

Querida Sueli, este bilhete é seu. Papo engrenado de irmão para irmã.

Peço a você: nada de fossa, tristeza já era para quem conhece o que conhecemos. Não se deixe levar na conversa furada que vem das bandas onde o vento encosta o lixo. Digo a você de orelhada. A vida não quer ferrugem, muito menos na cabeça.

Não quero dizer a você, irmã, para se fazer de gata borralheira, querendo o papel de cinderela. Não é isso; o negócio é viver, prestigiando a vida. Olhe prá frente. E quando o azarão apareça nalguma quina de casa ou rua, diga "jóia" e mande a bola para diante.

Penso que você parece estar encontrando papai bravo, mas peço uma revisada; papai é amigo e amigo daqueles que significam ponta firme. Você sabe, irmã. Mundo novo é mundo velho. Terra é terra. E de qualquer modo somos espíritos, catando progresso na estrada que, às vezes, pouca gente procura ver.

Não inveje a estrada de quem se diz livre para pensar; vejo muitas dondocas e goiabinhas empinando cotovelos. Lar mesmo, poucas irmãs estão desejando. E sem lar, a Terra é aquele mundo velho sem porteiras.

Espere o melhor. Resista. Aqui, viemos reconhecer muita cousa estragada nas mesas em que varamos tempo. Horas não somente vazias, mas claramente ocupadas de loucura e bobagem. Agradecemos a Deus a casa em que nascemos. Recorde aquela peça engraçada: toda moça (na peça dizíamos donzela), toda moça tem um pai que é uma fera.

Creia, irmã, a jaula bem guardada vale mais que certos picadeiros. Sabemos. O circo é uma escola de bênçãos; o palhaço é um benfeitor, mas na arena da vida humana aparecem picadeiros de

BILHETE DE IRMÃO

amargar. Não me acredite promovido a pregador. Continuo na minha, entretanto, isso não quer dizer que não estou procurando as melhoradas.

Você não precisa chegar aqui com as minhas necessidades. Não dê bola para certas badalações, nem se aflija se alguém considerar você idiota ou abobalhada. Mais livros, mais instruções, mais trabalho, mais dedicação ao próximo, curam qualquer fossa para que não estejamos fossilizados na ignorância. Você está com os nossos amigos do Grameiro; aquela comunidade está crescendo jóia. Não se desligue do serviço e güenta as pontas com mamãe anjo e papai agarrado; tudo vai bem.

E olhe. Sexy é problema difícil que não deve impressionar a ninguém. Muito melhor aguardar soluções do Alto, através de silêncio e de prece, que montar banca de aflição por dentro de nós. Agir nas precipitadas nesse assunto não passa de entrada canuda. Muita gente nossa, de nossas chamadas faixas etárias, pensa que resolveu nesse desafio, e apenas se transfere para a fumaça, quando não segue para o Viracopos, sem desejar ferir nosso aeroporto. E dos vidros tilintantes muitos amigos vão indo, vão indo até que acordam em pererecos e salseiros, com presença de errepê e cobertura de dona justa...

Sueli, casa é paz e amor, casa é bênção e segurança e, quando Deus permite, a gente aí deslanha de casa para fazer nova casa e viver no caprichado; largue a tristeza e deixe a sua esperança crescer.

Um abração para o David. Creio que fiz sentir ao amigo que ele não anda esquecido. David é aquele companheiro que fica na cuca, fazendo o pensamento jambrar na saudade, mas saudade para nós é certeza de que tudo dará certo.

Querida Sueli, receba com meu pai e nossos irmãos aquele carinho que não esmorece; guardo você com muitas cores de alegria no coração. Você, irmã, é nossa estrela, por isso é que não estou aqui para rachar o plá com você, mas sim para confirmar à sua confiança que o irmão está aí... E você sabe: Terra é isso aí: luta e mais luta a fim de que a gente aprenda a vencer para o bem.

Com você, irmã querida, um beijão e um tchau na moldura de muito carinho do seu

JAIR

14 fevereiro 1976

ABRAÇO EM CAMPINAS

Conselhos à irmã, discussão de problemas que dizem respeito ao grupo familiar, muito mais do que isso, na página ora analisada, Jair faz observações francas e diretas aos jovens, como diz ele, “de nossas chamadas faixas etárias”.

Quando Jair fala em Viracopos, refere-se à região de Campinas, onde se circunscrevem irmãs nossas envolvidas nas tramas do sexo, mutilando as mais caras esperanças na edificação de lares felizes, com o sexo desvinculado da afeição e da afinidade e ligado a tristes conseqüências. Prudentemente, Jair ressalva que não se trata do Aeroporto, igualmente chamado de Viracopos.

O alegre espírito de Jair termina a mensagem dando “um abraço para o David”, complementando: “creio que fiz sentir ao amigo que ele não anda esquecido”. Esta referência ao David merece comentário. Quando Francisco Cândido Xavier esteve em Campinas, no dia 25 de janeiro de 1976, em Tarde de Autógrafos, solicitou a Sueli que localizasse o David Badur, a pedido do Jair que tinha um recado para ele.

Sueli não sabia quem era o David Badur e, consultando amigos do irmão, descobriu tratar-se do David Brihi Badur Jr., filho de David Brihi Badur e Henriqueta R. Vassão Badur, residentes em Campinas. Procurou o David que se encontrava viajando, mas os pais se interessaram em conhecer o Chico e foram até o Teatro Castro Mendes, onde se realizava a Tarde de Autógrafos. Chico lhes disse que o Jair queria cumprimentar o David porque aquele dia — 25 de janeiro — era o seu aniversário . . .

A pergunta que nos fazemos é a seguinte: Como pode o Chico chegar a uma cidade de 600 mil habitantes, perguntar à irmã do Jair Presente por um David de quem nem a família Presente se lembrou de momento, mas que acabou sendo identificado pelos outros amigos do Jair e que não ganhou o abraço de aniversário, por estar viajando??

WADY ABRAHÃO FILHO

— São Paulo — 16 de fevereiro de 1956

— São Paulo — 06 de julho de 1973

Filho de Wady Abrahão e Jandira do Amaral Abrahão
Irmã: Axima Abrahão de Oliveira, casada com
Wilson Benedito de Oliveira



A VISÃO DO Sr. WADY

Certa noite, deitado, com as luzes do quarto já apagadas, o Sr. Wady Abrahão cismava, ainda de olhos abertos, enquanto ao seu lado a esposa dormia.

Súbito, pela porta do quarto entra o Wadyzinho, alegre, jovial, exatamente como ao tempo em que era vivo. O pai, arquitetou, então, em rápidos segundos, um plano fantástico...

Tentaria agarrar o filho, no momento mais oportuno: assim, reteria em seus braços o companheiro tão querido que o destino lhe roubara do convívio.

Quieto, sem mexer-se, o Sr. Wady acompanhou o filho que foi até o lado em que a mãe repousava, beijou-a carinhosamente e voltou-se para o pai que a essa altura já escorregara pela cama, ficando em pé, sorrateiramente, para alcançar os seus secretos objetivos — agarrar o filho morto. Recebeu estático o abraço do Wadyzinho que, em seguida, voltou para o lado da mãe e, em pé, sorria para os pais, irradiando infinita alegria.

Era o momento azado . . . Calculando a distância, num salto felino, o Wady pai pulou por toda a extensão lateral da cama, direto sobre o filho que sumiu misteriosamente . . .

“Meu filho! meu filho!” — gritando freneticamente o pai correu por toda a casa, acordando os familiares, mas não conseguiu reter consigo o filho dileto.

Dois dias depois, em Uberaba, o casal recebe a mensagem Presente de Aniversário, primeira dessa seqüência que apresentamos do Wadyzinho.

Na mensagem o filho diz, quase ao final: “pois mamãe sabe que nos últimos dias pude trazer a ela uma rosa em forma de beijo. Ao papai, abracei de tal forma que ele propriamente me viu”.

Além do casal Abrahão, da filha e do genro, ninguém mais sabia do ocorrido. Wadyzinho confirmou pelo Chico, que desconhecia completamente o episódio, que realmente estivera com o pai e que sua visão de olhos abertos fora realidade. E se não conseguiu agarrá-lo é porque motivos outros o impediram . . .

Este é o Wadyzinho que nós reapresentamos no livro, após sua participação em JOVENS NO ALÉM. O mesmo filho, carinhoso, amigo, devotado servidor de Jesus, constantemente perto dos familiares queridos, ainda que correndo o risco de ser agarrado . . .

Se o pai não conseguiu vê-lo no túmulo, através das noites intermináveis de convivência, como se recorda o leitor de JOVENS NO ALÉM, viu-o, contudo, em sua própria casa, dois anos depois.

Querida Mãezinha, meu querido pai, meus queridos Axima e Wilson.

Primeiro Deus em nosso encontro. E a Deus reafirmo os votos de sempre por nossa paz.

Roguei aos benfeitores espirituais a vez necessária para falar. Tomei o lápis, com aprovação. Estou aqui, mãezinha, desde ontem, ao lado de vocês, para felicitá-la. Deixei a reunião com amigos diversos e os nossos amigos da Vida Superior me observaram com tanto desejo de saudá-la, no amanhecer deste maravilhoso dia, que me permitiram solicitar à nossa irmã residente em Goiânia, para cooperar com o seu filho, na mensagem de uma rosa.

Nossa irmã Augustinha atendeu e confiou. Meu Deus, isso foi uma bênção de felicidade para o seu Wadyzinho. Consegui fazer-me visto, entregar a flor em espírito e aqui estou completando: receba, Mãezinha querida, o meu abraço de parabéns. Aniversário de mãe é luz para os filhos. Compartilho a nossa festa do coração e peço a

Jesus lhe acrescente as primaveras de força e esperança, alegria e paz.

Agradeço às nossas irmãs de Goiânia que, através das vibrações iluminadas de amor, me favoreceram com os recursos de aproximação. Com isso, Mãezinha, desejava começar as felicitações do seu querido natalício com as estrelas.

Acreditem. As lágrimas me sobem do coração para os olhos. Lágrimas de reconforto e de alegria.

Se posso, meu pai, peço-lhe me auxilie com um presente de imenso valor para mamãe, para mim e para os seus filhos Wilson e Axima. Hoje, mãezinha aniversaria na Terra. Amanhã, o seu Wadyzinho está contando primaveras na Vida Espiritual. Dê-nos uma festa, papai. Essa alegria será a alegria de vê-lo com o tratamento indispensável à saúde. Queremos sentir-lhe a tranqüilidade e a segurança.

Sei. Sei que para nós e especialmente para Mãezinha, a sua presença no mundo, chefiando a família, é a presença de um anjo protetor. Sei que tudo devemos fazer para abençoar as suas horas, regozijando-nos com a bênção de suas atitudes e providências que são sempre recursos maiores para a garantia da nossa felicidade.

PRESENTE DE ANIVERSÁRIO

Mas, o corpo na Terra é comparável a um barco. O plano físico é um grande mar. A existência é uma travessia laboriosa. As provas são tempestades. Os desgostos e contratempos são agressões de forças que desconhecemos nas águas pesadas, sobre as quais a nossa viagem se processa, dia por dia. As tentações são as rochas ocultas que precisamos evitar e contornar, a fim de não interrompermos a execução dos planos de caminho que nos compete observar. E a luz que nos orienta, no campo das horas, é Jesus, meu querido pai, Jesus que nos apresenta os roteiros certos. E de Jesus recebemos os companheiros mais certos e mais adequados ao êxito da nossa jornada, porque Jesus espera de nós serviço e cooperação, confiando-nos as afeições queridas que se mostrem capazes de nos oferecer apoio e cobertura ao êxito nas tarefas que nos assinalam a viagem.

Por isso mesmo, querido pai, o corpo é um barco que precisamos reparar quando em avaria e proteger sempre a fim de que não venha a soçobrar. Sem dúvida, seu filho compreende. Estivemos doentes de saudade na separação uns dos outros. E digo estivemos porque a fé viva dissipou as sombras e estamos de novo juntos pela certeza de que a vida é a lei que se oculta na morte. Rogo, assim, a sua adesão aos nossos desejos.

A medicina é uma ciência de Deus para sanar nossos males ou diminuí-los, quanto possível, segundo as nossas necessidades. E Deus nos quer felizes e valorosos, tranquilos e animados para o

serviço à frente. Trate-se, papai. Se eu aí estivesse diria — “meu querido coroa, não podemos cair aos pedaços” — e sei que você me ouviria. Agora, porém, quase que não posso brincar assim tanto. Mas fico embananado com essa situação. Precisamos que você se mande para fora dessa doença de saudade que já nos deixa a todos incrementados com tantos pedidos. Confiamos em você e não se afaste de nossa enfermagem espiritual.

Não se mantenha longe de nossas reuniões. Olhe, meu pai. É justamente com os outros que recebemos o socorro maior. Lembre-se da nossa oração de São Francisco: “é dando que se recebe”. Junto de nossos irmãos da família humana é que podemos entrar nesse câmbio bendito. Auxiliar e sermos auxiliados. Querer bem aos outros para sermos queridos. E festejemos todos a alegria de estarmos juntos. Rogo a você não forçar a porta da vinda para cá. Isso nos complicaria muito.

Recebi as suas solicitações, antes de virem. Você, pai querido, me pediu sinais. E os maiores são estes: alimente-se como é preciso, use os medicamentos de apoio com a devida orientação, procuremos o socorro espiritual da nossa casa de preces e fique alegre. Já sei toda essa história de nossas ansiedades aí, para abreviar a saída em viagem. A pessoa não toma qualquer medida violenta, mas vai largando o barco nas ondas. Hoje, não receber a assistência precisa; amanhã, fugir do tratamento; depois de amanhã, escolher um caso qualquer para desespero; depois, um motivo para tristezas forçadas

e, a pouco e pouco, gemendo e fugindo aos outros, a pessoa parece que se vai enquadrando para o passaporte em madeira. Nada disso conosco, pai. Jesus nos quer felizes e trabalhando para sermos mais úteis, sempre mais úteis.

Aqui estamos vários amigos presentes, Augusto, Tato, Jair e eu. A turma. Ontem, Claudio, Valmir, Wellington e eu. A quadra prossegue. Augusto beija a nossa irmã Yolanda com aquela ternura e nós todos aguardamos o livro. É curioso. Quanto mais recebermos em vibrações de simpatia, mais fortes nos sentiremos. E a estrada para diante de nós é cada vez mais luminosa e mais linda.

Rogo digam aos amigões Claudio, Valmir e Wellington, especialmente, que a vida só é difícil para quem deseja o que é fácil, e só é pedra para quem gosta de se encarregar em moleza. Wellington precisa dedicar-se mais aos livros. Estudar é formar-se e formar-se é realizar-se para servir com mais segurança. Estudar no colégio e em casa, no trabalho e na vida. Esse negócio de provas somente em lições de escola, já era. As provas para estudo de nosso espírito se verificam todos os dias. E todos somos professores uns dos outros.

Esta carta vai longa; no entanto, quem escreve letras compridas é porque não sabe explicar curto. Tenhamos paciência.

Temos aqui uma companheirinha que nos recomenda transmitir muito carinho e saudade ao papai, nosso irmão Pedro Biondi. É a nossa irmã Flavinha cuja solicitação devo satisfazer, embora

sejam muitos os nossos amigos daqui desejosos de se fazerem notados.

Wilson e Axima, queridos irmãos, continuemos unidos. Sem pausa no trabalho, sem esmorecer na luta que nos prepara e habilita, na maior compreensão. Não precisamos recear o caminho a trilhar. O Senhor vai conosco. Confiemos em papai melhor da saúde e mais tranqüilo.

A flor desta manhã foi precedida por outra — pois mamãe sabe que nos dias últimos pude trazer a ela uma rosa na forma de um beijo. Ao papai abracei de tal modo que ele propriamente me viu. Como observamos, queridos irmãos Wilson e Axima, estamos unidos sem adeus, sempre na mesma ligação vidrada de família compacta.

E agora, com a nossa alegria em nosso templo de paz e amor, a saudação aos amigos e irmãos de grupo, com a nossa querida irmã Guiomar à frente.

Tchau é a palavra. Um “tchau” recheado de abraços e beijos. E agora, vou em meu carango — um carango de bênçãos por me sentir feliz em vê-los todos felizes com a proteção de Jesus. Continuemos na certeza de que com Jesus venceremos em nós e fora de nós.

Meu querido pai, minha querida Mãezinha, queridos irmãos Axima e Wilson e queridos amigos e companheiros presentes, um abraço do filho e irmão reconhecido, sempre devedor reconhecido de todos,

WADYZINHO
05 julho 1975

O SONHO E A ROSA

A página Presente de Aniversário foi recebida na manhã de um sábado, 5 de julho, aniversário de D. Jandira do Amaral Abrahão.

Na madrugada daquele sábado, uma senhora de Goiânia, D. Augustinha — Augusta Soares Gregoris — em visita a Francisco Cândido Xavier, sonhara com um jovem que lhe pedia para entregar uma rosa branca à mãe que aniversariava. D. Augustinha acordou sob o forte impacto de sonho tão claro, providenciou a rosa e foi até a reunião marcada naquela manhã pelo Chico. Lá chegando, contou ao Chico o sonho e ele apontou D. Jandira, dizendo ser ela a mãe do jovem que lhe aparecera em sonho e, realmente, D. Jandira identificou o filho pela descrição feita por D. Augustinha.

Wady, pouco depois, em suas páginas, agradece à senhora goiana, por haver captado o seu desejo de presentear a mãe.

Outras passagens há nestas linhas do Wadyzinho, dignas de estudo. Uma delas é a advertência do jovem ao pai, no início da mensagem, sobre a necessidade de cuidar da saúde.

O Sr. Abrahão nos contou que o filho “acertou na mosca”, pois realmente trazia uma úlcera na perna e, a despeito das recomendações dos familiares, não se cuidava propositadamente. Mais adiante o Wadyzinho pede ao pai para não forçar a porta do lado de lá, clara alusão aos planos de suicídio indireto a que se ligava o pai que, displicente com a saúde, correndo a 160, 170 por hora com o carro, pensava tão-somente em reencontrar o filho no Plano Espiritual.

Os diálogos do filho querido com o pai, através da psicografia de Chico Xavier, muito transformaram o Sr. Wady, de modo a encontrarmos-lo alegre, feliz, jovial, quando da entrevista que com a família realizamos, para a elaboração destas páginas.

No encerramento da mensagem, Wady comenta: “A flor desta manhã foi precedida por outra — pois mamãe sabe que nos últimos dias pude trazer a ela uma rosa em forma de um beijo. Ao papai, abracei de tal modo que ele propriamente me viu”. É referência ao que comentamos com o título de A Visão do Sr. Wady.

Cláudio, Walmir, Wellington, são os seus amigos de colégio, Cláudio Marcelino da Silva, Walmir Carotnuto e Wellington Gloedem Soares. O Wellington confirma que realmente estava encostando o corpo, com relação aos estudos, como fala o Wady.

Flavinha é a Flávia Canzi Biondi, filha de Pedro Biondi e Margarida Canzi Biondi, residentes em São Bernardo do Campo. Flavinha faleceu em Santos com 2 anos de idade, no dia 6 de junho de 1972.

Querida Mãezinha, meu querido pai e querida Axima, com o nosso caro Wilson.

Um pensamento de respeitoso amor para Jesus, rogando a bênção d'Ele, nosso Divino Mestre, para nós todos.

Perdoarão os corações amigos presentes se tomo o lugar de tantos. Nosso amigo doutor Bezerra fez a escala no time da fraternidade e da paz e sou eu, embora sem mérito, quem deve escrever com as notícias do nosso campo de ação.

Venho, queridos pais, agradecer como sempre o carinho com que fomos recebidos. Reportamo-nos às páginas que começam a funcionar com o jornal do Além que a Bênção do Senhor nos per-

mitiu veicular, conjugando esforços. É a mensagem que nos foi possível divulgar — a certeza de que prosseguimos em outras faixas de trabalho no reino vibratório em que todos existimos.

Diz o nosso caro doutor Bezerra: — “Fale, Wady, temos conosco muitos pais que viram os filhos desaparecer da visão física e que se encontram conosco, pedindo consolação. Fale e diga que a morte não existe. Repita isso, porque a verdade reclama semelhante operação. Trabalhem para que a dor não fira assim tanto . . .”

E obedeço, rogando aos corações queridos aqui intimamente associados para que nos elevemos todos ao Alto, suplicando a Deus nos fortaleça e nos abençoe. Estamos interpretando a lição do samaritano. E penso, Mãezinha querida, que Jesus teria refletido no futuro em que hoje nos surpreendemos, observando tantos acidentes nas estradas do mundo. O homem que viajava se via fora dos seus. Experimentou a queda no pó e foi socorrido por alguém que nem mesmo o conhecia.

E presentemente encontramos semelhantes quadros, em tantos lugares, que efetivamente poderíamos definir essa provação como sendo uma luta

PALAVRAS AOS PAIS

em toda parte. E temos os corações dilapidados de pais e mães, de esposas e companheiros, de irmãos e amigos, que se observam ralados de angústia, aguardando a calma e a fé por remédios providenciais que os arrebate à febre do desespero. É por isso que agradecemos a Jesus a possibilidade de haver enderado as nossas páginas especialmente aos que sofrem separação e tristeza à frente da morte.

Meu pai, minha mãe, é tão difícil levantar criaturas do mergulho no desânimo! Entretanto, estamos todos juntos para essa campanha de esperança. Aos poucos me integro mais profundamente nessa caravana bendita de irmãos empenhados no cultivo da fé. Entendemos que a imortalidade é o comunicado central de Cristo, que não se esqueceu de laurear a Sua Obra com a bendita demonstração da vida eterna. E, em torno de Jesus, formamos fileiras, condensando propósitos e pensamentos nas tarefas a que nos consagramos para o reavivamento da convicção nos ensinamentos inolvidáveis do Evangelho.

Compreendo que trouxe minhas bases da nossa querida Comunidade Unida a Cristo. Mas tudo o que vou aprendendo agora sobre comunicação, intercâmbio espiritual, mediunidade e reencarnação, pode se ajustar aos alicerces do Cristianismo que a todos nos reúne no mesmo esquema de paz e segurança. Por isso mesmo, rogamos aos pais e mães, presentes conosco, para que continuem pensando nos filhos que vieram para cá, na condição

de ausentes e não de afetos extintos. A vida remanesce da vida. O trabalho prossegue e o aperfeiçoamento continua...

Pudéssemos e quebraríamos todas as barreiras de separação que encharcamos de lágrimas, a fim de que somente a alegria permaneça em nós, na fé serena e perfeita. Entretanto, é indispensável aceitar as Leis Divinas que estabelecem tempo e lugar para cada um de nós, no que tange aos assuntos da ausência compulsória.

Todos temos provas e inquietações para burilamento. Não fazemos a promoção da dor, como se a dor devesse ser aplaudida por indução ao aniquilamento; no entanto, agradecemos a presença da dor, em nossas vidas, simbolizando educadora que nos corrige os impulsos. Sem ela, seria realmente difícil a compreensão que nos patrocine a aquisição de luz para a Vida Maior.

Assim, meu pai e minha mãe, conversando com os familiares, falamos a todos e a todos nos dirigimos, solicitando esperança e paz. O caminho se desdobra à nossa frente. Saibamos trilhá-lo na posição de samaritanos uns dos outros. Quis Jesus, com expressiva lição, personalizar na parábola a presença do irmão anônimo que devemos ser cada um de nós, nas estradas do cotidiano, porque todos teremos o instante da necessidade de braços fraternos que nos arranquem à sombra do desalento.

Na fala de hoje, em que buscamos exprimir com segurança o nosso intercâmbio, em todos os

tons de entendimento, acrescentaremos que, no mundo, todos temos o dia da fossa em que não dispensaremos o concurso amigo das mãos que venham sacar-nos da aflição para o retorno à paz de espírito. As tarefas são nossas. Os anjos nos auxiliam, mas não nos substituem. O Senhor é o Senhor, de cuja Bondade Infinita recebemos tudo em nosso favor, mas recolhemos da misericórdia d'Ele o privilégio de ser o apoio mútuo, no domínio de nossas relações no dia-a-dia de nossa existência.

Muitos amigos se acham ao nosso lado. E amparam-nos. Nosso caro Jair Presente traz com ele uma irmã — a nossa irmã Anita⁽¹⁾ — que esclarece à filha estarem amparados os pequeninos Marcelo e Eduardo, transferidos para a Vida Maior. E o jovem Carlos Eduardo pede à nossa irmã Leticia serenidade e coragem para seguir à frente, porque vem colhendo os melhores benefícios dos novos caminhos a que foi chamado e promete escrever, logo que isso lhe seja possível, conquanto, em diversas ocasiões, já se tenha manifestado, indiretamente, de modo a confortá-la.

Nossa irmã tia Clotilde pede ao nosso querido Wilson continuar valoroso na jornada adiante. E tantos companheiros outros aqui se reúnem junto de nós, desejando expressar reconhecimento e ternura! Ainda assim, estamos subordinados às nossas limitações e não temos outro recurso senão conformar-nos. Nosso amigo Paulinho⁽²⁾ agradece aos pais queridos o amor e a confiança com que lhe receberam as notícias de paz e reconforto e

declara-se decidido a avançar na senda do progresso.

E aqui, meus queridos pais e queridos irmãos, devo terminar este noticiário do coração. Abraço a todos os amigos e agradeço aos pais queridos a contribuição com que prestigiam as nossas tarefas de sempre. É muito a dizer e curto é o prazo de que dispomos.

Pai querido, você felizmente, está melhorando nas forças gerais. É isso, querido benfeitor e amado companheiro que Deus me concedeu para viver. O corpo é um barco sumamente precioso que nos exige na Terra a maior das atenções para estar viajando e agindo com segurança ou ancorado com a bênção de Deus para o fortalecimento preciso.

E agora, um abraço que não é de despedida e sim um abraço de alegria e reconhecimento em serviço.

Meus queridos pais, Axima e Wilson, irmãos abençoados de sempre, com todos os nossos afetos presentes e ausentes, recebam o carinho e a gratidão, com as muitas saudades e lembranças do filho e irmão reconhecido, sempre e cada vez mais reconhecido,

WADYZINHO

26 outubro 1975

SAMARITANOS DO ALÉM

Muitos dos nomes mencionados por Wady já foram identificados no decorrer destas páginas. Lembremos, ainda, que Carlos Eduardo é o Carlos Eduardo Arias de que fala Carlos Alberto anteriormente e que D. Clotilde é a mãe do cunhado do Wadyzinho, o Wilson; D. Clotilde Brigante de Oliveira, desencarnada em 1973, é nossa conhecida de JOVENS NO ALÉM, quando numa das mensagens puxa os orelhas do filho, pelo seu amor à velocidade nas estradas.

Dois nomes surgem pela primeira vez:

- 1 — Irmã Anita — Anita Lobato Franco, mãe de D. Elizabeth de quem fala Jair anteriormente.

Faleceu em Campinas a 23 de outubro de 1970, com 56 anos.

- 2 — Nosso amigo Paulinho — Paulo Guimarães Barreto, carioca de nascimento, mas que encontrou a morte aos 17 anos em São Luiz do Maranhão, no dia 6 de agosto de 1975. Seus pais, Francisca de Assis Guimarães Barreto e Antônio Lucena Barreto, residem em Santos.

Cremos que a nova interpretação aqui dada pelo Wady à Parábola do Samaritano é o ponto alto do conteúdo doutrinário da mensagem. Muitas são as colocações exegéticas a respeito da parábola, todas buscando destacar o amor ao próximo, o segundo mandamento que Jesus nos legou, como o fermento essencial em nossas vidas. O Espírito de Emmanuel em imagem muito feliz, adverte-nos de que o samaritano não procurou saber quem era aquele homem caído, qual sua condição social ou pensamento religioso: socorreu-o, sim, por estar diante de um filho de Deus, credor de todo o nosso respeito.

Já Wadyzinho traz, sem dúvida, outra contribuição ao estudo da parábola, comparando as páginas que os jovens desencarnados nos têm trazido do Além, como o lenitivo do samaritano aos pais aflitos e em desespero que na estrada de Jericó esperam ansiosos pelo bálsamo de reconforto, fulminados que foram pela perda dos filhos queridos.

E com que carinho os rapazes do Além voltam para abraçar os pais, falar da vida além da morte, conclamando aos corações generosos que aqui ficaram a prosseguir na estrada que invariavelmente no futuro unirá pais e filhos, no infinito amor de Jesus, distantes do fantasma da morte.

Querida Mãezinha, meu querido Papai. Peço a bênção com que me fortalecem.

Festa dos vinte anos de chegada à Terra. E a casa de nosso afeto continua iluminada de alegria. Parece-nos impossível entrar no domínio das recordações em que se nos vê a memória, quando os primeiros dias da infância no Plano Físico se desdobram. Realmente, os detalhes se esfumam à distância, mas a luz do amor com que somos recebidos em casa permanece brilhando nos recessos da alma. É por isso que me ajoelho, em espírito, diante dos pais queridos, para dizer "obrigado".

Os dias como que se desfazem na máquina do tempo; no entanto, as construções espirituais a que nos entregamos, no curso das horas resistem

à força dos minutos que se assemelham às gotas d'água que terminam por varar a pedra ou edificar novas formas de vida e de encantamento, nas áreas da Natureza.

Estou emocionado, Papai, ao registrar-lhe a renovação e o seu carinho. Suas forças são outras. As bênçãos de sua paz nos alcançam a todos. E até mesmo o vovô Abrahão⁽¹⁾ aqui comigo nos afirma que tem conseguido oportunidades mais amplas para trabalhar nas tarefas que o vinculam a Sumaré.

Mãezinha, a nossa festa é de tal modo significativa, que a nossa irmã Laís⁽²⁾ nos trouxe flores, as flores que retratam a revoada de pétalas em que nos sentimos imersos, em nossa celebração. Amigos da Vida Superior quiseram que a nossa alegria fosse abençoada pelas preciosidades de nossos jardins do mundo e as rosas se fizeram visíveis aqui também. Celebramos vinte anos de existência física do seu Wadyzinho e sei que a sua ternura estará recordando até o próximo 16⁽³⁾ todos aqueles sonhos com que as suas mãos me esperaram, e não permita, Mamãe, que as lágrimas de tristeza interfiram em nossa festa de corações.

JESUS É O NOSSO PROGRAMA

Estou mais vivo, agora que renasci em outras faixas de trabalho. Os horizontes se ampliam. Ontem, éramos alguns apenas. Hoje somos muitos. E amanhã seremos muitos mais. Trabalhar pelo mundo renovado em Jesus é o nosso programa. Meus pais queridos foram para mim os anjos protetores para que em pouco mais de quinze fevereiros pudesse começar a mensagem.

A nossa Comunidade Unida a Cristo está crescendo, do lado de cá⁽⁴⁾. E não esmoreceremos. O amor de Jesus é traço de união para sempre, entre os homens. E, além disso, Ele, Nosso Senhor, veio aos que se perdiam, principalmente. Aos que se perdiam no tempo perdido, porque para Deus ninguém se perde. A criatura dispõe de liberdade para se estragar como quiser ou para contrair débitos, como queira, mas não pode livrar-se da obrigação de viver, porque a vida é também Deus em nós.

Depois que as nossas modestas palavras se xeroquizaram, nas páginas que receberam a dedicatória de "JOVENS NO ALÉM", os nossos compromissos se alargaram. Temos um gabinete de chamados a receber. E nesses chamados a receber tenho tido o ensejo de entrar em contato com centenas de companheiros e lares que se nos descerram à colaboração. Aquilo que aprendi em nossa casa da Água Rasa e os princípios que me atingiram nas vivências de Sumaré formam a base das tarefas a que me dedico.

Jesus para nós todos é compreensão para cada um daqueles amigos da Humanidade que

suportam a carga dos problemas e obstáculos mais dolorosos. Então, nessa empresa benemérita, a cada instante, encontro as aflições e as lágrimas de tantas almas queridas que se iluminam de repente na prece e criam para nós outros campos de trabalho que resultam em felicidade maior para cada um de nós.'

Obrigado, papai, pela sua tranqüilidade que me asserenou o coração. De sua paz, consegui partir para o levantamento da paz em outros pais que clamam pelo socorro do Senhor. É verdade que as suas mãos operosas resolveram diminuir, um tanto, o ritmo das indústrias, criadas por seu gênio de obreiro do progresso, mas os nossos empreendimentos de elevação espiritual se fizeram maiores.

Agradeço ao nosso caro Wilson o apoio de sempre. Ele é o irmão que a Bondade de Deus me trouxe para fazer por mim o que não era de meu alcance. Peço digam a ele e à nossa querida Axima de meu reconhecimento. Sei que o irmão regressou ao lar para seguir de perto a saúde de nossa Axima⁽⁵⁾ e com eles permanece a tia Clotilde, velando e abençoando as nossas preces.

De minha parte, venho solicitando o auxílio de médicos amigos da Espiritualidade, com o nosso amigo Doutor Bezerra à frente, para que nos ajudem na assistência à nossa querida Axima. A oração tem sido o recanto a que me entrego, todas as vezes em que os nossos desejos no tocante à irmãzinha se nos misturam nos corações. Peçamos a Deus para que a vejamos fortalecida nas mais íntimas energias. A ela e ao nosso caro Wilson

agradeço o esforço constante na cooperação fraterna, em auxílio às nossas realizações.

Nossa querida irmã Guiomar⁽⁶⁾ está erguendo com devotamento e carinho incessantes o núcleo de jovens e crianças que serão os companheiros amadurecidos do futuro. Deus a sustentará, a fim de que em nosso templo do Perseverança possa Jesus encontrar clima sempre mais amplo, a fim de manifestar-se nas boas obras. Se eu pudesse, traria todos os amigos, com os nossos queridos Walmir, Wellington, Claudio, Jaime⁽⁷⁾ e tantos outros às nossas vanguardas, de modo a promovermos a união cristã de quantos pudessem consagrar ao Evangelho o melhor das próprias forças, sem distinção de limites ideológicos; no entanto, as tarefas religiosas são institutos de ensino, cada qual em determinado currículo de lições, e tão-somente os mensageiros do Eterno Bem saberão efetuar as ligações que almejamos de maneira definitiva.

Conforta-me reconhecer que na dimensão a que fui trazido já conseguimos reunir muitos elos da corrente cristã que, um dia, com a Bênção de Jesus, estará plenamente encadeada no amor irreversível, desde o último dos sofrendores da Terra até à Luz de Deus. Até lá, é preciso aquecer o coração na fé, olvidar disposições pessoais, abraçar as criaturas e, em seguida, situar nossas mãos e pensamentos na atividade constante, para que o bem de todos se faça.

Tudo é grande e tudo é belo nas menores expressões de bondade humana, ante o Reino de

Deus. O mais ligeiro toque de auxílio fraterno é uma bênção. Todos somos filhos do Misericordioso Pai e tudo o que fizemos de bom, no amparo e na alegria do próximo, é amor à Providência Divina.

Papai e Mãezinha, mais uma vez, beijo-lhes as mãos e, em nome de quantos foram beneficiados em meu pobre nome, trago-lhes a minha gratidão enternecida. Fui eu quem recebi tudo isso: o bendito dinheiro às nossas instituições, sejam elas dessa ou daquela nuance da caridade, as visitas que fizeram para o reconforto dos que nos cercam, os pacotes de socorro⁽⁸⁾ doados com tanto desprendimento dos bens humanos, as flores e as orações, em louvor dos outros, são bênçãos para mim. Peço a Jesus para que, um dia, possa responder aos meus pais queridos e aos irmãos abençoados, oferecendo-lhes o carinho com que me alegram tanto e que ainda não tenho para dar.

Deus que levantou o céu em quadros de estrelas e que desenhou mensagens de flores no chão da Terra para todos os seus filhos e filhas, recompensará aos meus benfeitores que tomaram no mundo a feição de luzes para mim. Meu pai e minha mãezinha, querida Axima e querido Wilson, muito obrigado. Deus os recompense. Recebam todo o amor e toda a gratidão do filho e irmão cada vez mais reconhecido,

WADYZINHO
14 fevereiro 1976

O FILHO RECONHECIDO

Empolgado pela melhora do pai, mais animado, reintegrado aos misteres profissionais, e dedicado a atividades beneficentes no grupo espírita a que se ligou, Wadyzinho não disfarça a alegria e desabafa: “Estou emocionado, papai, ao registrar-lhe a renovação e o seu carinho”.

Mencionemos as citações que vão surgindo no desdobrar dessa conversa, já mais tranqüila do jovem com a família:

- 1 — Vovô Abrahão — avô paterno Jorge Abrahão, desencarnado há 30 anos, em Sumaré — SP. Segundo o Wady, também o avô desencarnado, dada a maior tranqüilidade do filho, passou a dedicar-se mais às suas responsabilidades espirituais, em Sumaré.

- 2 — Nossa irmã Laís — Sra. Laís Aguvivo, de São Paulo, presente à reunião em Uberaba e que horas antes havia levado ao Chico algumas rosas, transferidas pelo querido médium à família do Wady. Estava próximo o aniversário de nascimento deste valoroso jovem — 16 de fevereiro.
- 3 — Aniversário de nascimento do Wadyzinho.
- 4 — A nossa Comunidade Unida a Cristo — Wady fala nela também na mensagem anterior. Em JOVENS NO ALÉM tecemos comentários da instituição de inspiração católica que Wadyzinho coordenava, quando na Terra, com a finalidade de levar aos jovens a palavra de Jesus. Wady transportou o nome para o grupo de jovens do Plano Espiritual.
- 5 — Antes da reunião em que Chico recebeu a mensagem, o cunhado do Wadyzinho voltou para São Paulo, para cuidar da esposa, sob repouso médico.
- 6 — Guiomar — Guiomar de Oliveira Albanese, dirigente do Centro Espírita Perseverança, da capital paulista.
- 7 — Nossos queridos . . . — Apenas o Jaime não fora citado na mensagem anterior. Jaime da Silva, também colega de estudos, como os outros, já aparece em JOVENS NO ALÉM.
- 8 — Os pacotes de socorro — gêneros que seus pais haviam levado e distribuído a famílias carentes, visitadas pelos companheiros de ideal cristão.

WILSON WILLIAM GARCIA

— São Paulo — 07 de fevereiro de 1949

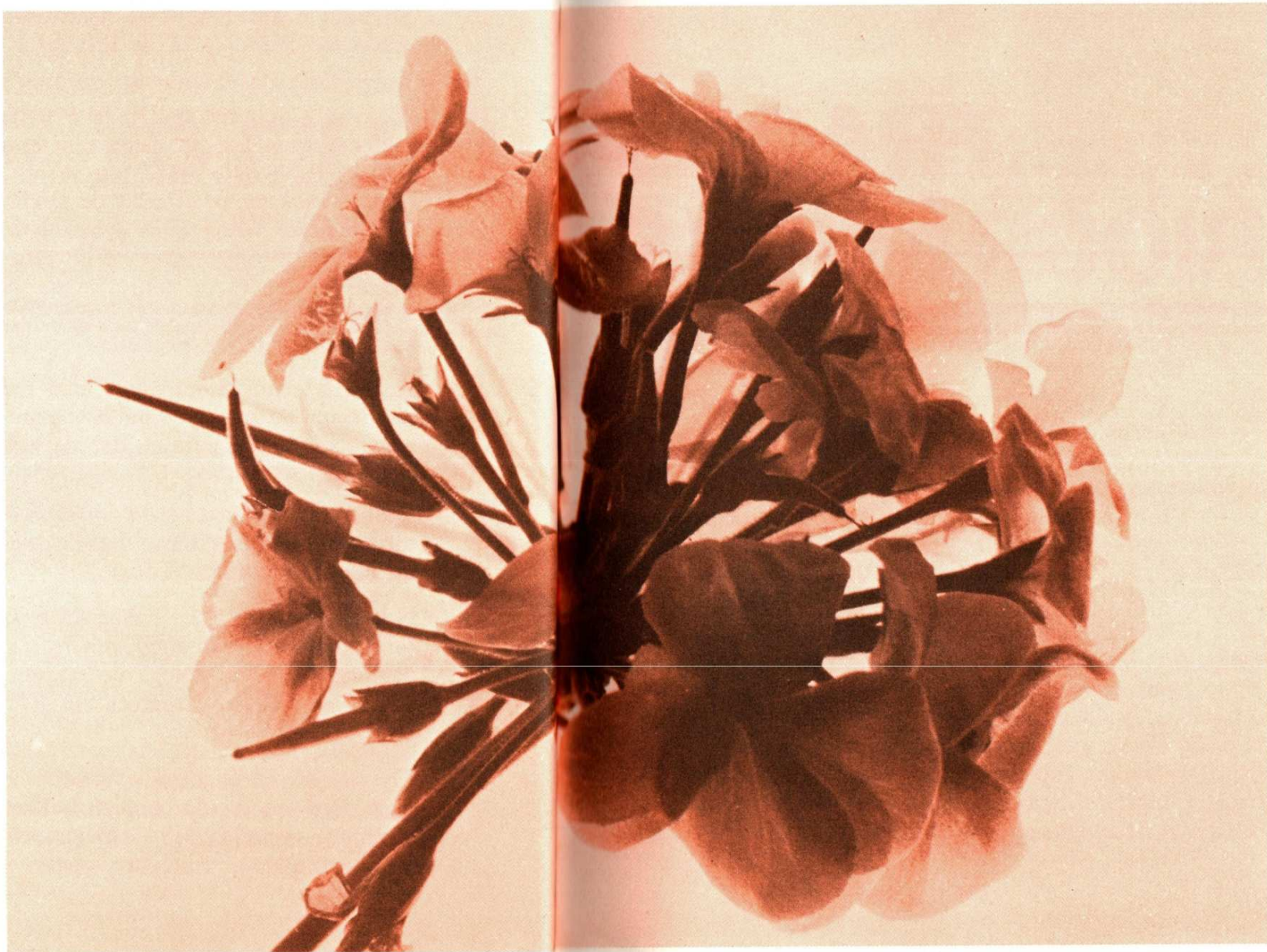
— São Paulo — 1.º de fevereiro de 1974

Casado com a Sra. Maria Cristina Bueno Ribeiro Garcia

Filho de Armando Garcia e Hilda Arbulu Garcia

Irmão: Armando Garcia Filho

Todos residentes em São Paulo — Capital



TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Daphne Du Maurier inicia um de seus romances com a inesperada e indesejada informação que uma carta traz à idosa Madame Duval. Entre as alegrias do reencontro epistolar, a filha lhe fala do conhecimento que travara em Paris com um jovem, cujas reminiscências voltariam a memória de Mme. Duval a um passado que gostaria de esquecer. A carta é o ponto de partida do romance biográfico desenvolvido no interior da França, à época da Revolução Francesa.

Igualmente, um convite de casamento, entregue à sua porta, naquela manhã de sexta-feira, 1.º de fevereiro de 1974, abriria para D. Hilda as portas de uma vida nova de que também não poderia fugir. Começava para a Família Garcia um romance tão real como o de Du Maurier, mas vivido nos nossos dias, na capital paulista.

Às 10 horas daquela manhã, uma vizinha bateu-lhe à porta para entregar o convite de casamento da filha: como a amiga estivesse com os olhos vermelhos, D. Hilda observou que aquele momento era de alegria, pois se anunciava o casamento da filha: mas a senhora vizinha respondeu que estava chorando, porque o marido quase morrera num incêndio recém-irrompido na cidade, em um prédio da Avenida 9 de Julho.

Buscando maiores informações, D. Hilda veio a saber que o Edifício, que se incendiava, era o Joelma, exatamente onde seu filho Wilson trabalhava.

Como essas notícias correm, ao sabor da rapidez com que nos solidarizamos nas horas difíceis, simultaneamente, o pai de Wilson, Sr. Armando, e a esposa do jovem funcionário da Crefisul, Maria Cristina, também tomavam conhecimento do incêndio fatal.

A despeito do pai e do irmão Armandinho o esperarem na entrada do Edifício e da esposa o procurar nos postos de atendimento, pronto socorros e hospitais da cidade, onde eventualmente pudesse estar, Wilson William Garcia somente foi encontrado na madrugada de domingo, quase dois dias depois, no Instituto Médico Legal, identificado por amigos da família. Não apresentava sinais evidentes de queimadura, sugerindo que sua morte tenha sido por intoxicação e asfixia, conforme o Wilson nos faz entender na mensagem psicografada pelo Chico.

Natural de São Paulo — Capital, no dia 7 de fevereiro, uma semana após o incêndio, Wilson completaria 25 anos. Casado há um ano apenas com Maria Cristina Bueno Ribeiro Garcia, era filho de Armando Garcia e Hilda Arbulu Garcia, deixando um irmão, o Armando Garcia Filho.

Fez o curso primário no Colégio São Bento, o secundário no Ginásio Estadual Roldão Lopes de Barros e formou-se em Contabilidade no Colégio 7 de Setembro, todos em São Paulo.

Programador Bourroughs, fazia o curso para analista de sistemas em computação eletrônica, enquanto ocupava o cargo de assessor do Departamento de Planejamento da Crefisul.

Segundo informações de um seu colega de trabalho, que conseguiu salvar-se, Wilson procurou avisar a todos os seus companheiros da irrupção do incêndio, reduzindo naturalmente suas próprias chances de sobrevivência, naquela dura luta contra o tempo.

A FAMÍLIA GARCIA E CHICO XAVIER

O leitor pode imaginar que não foram fáceis para a jovem esposa, para os pais e irmão, os momentos difíceis que se sucederam à morte do Wilson. É a dor sem descrição, a separação irreversível, a ausência definitiva que sulca de rugas os rostos sofridos e desenha os primeiros brancos nos cabelos, em nome da saudade.

Palavra de profundo significado intuitivo, intrínseco, saudade é contudo difícil de definir-se, pois que não é fácil materializar sentimentos ou padronizar a dor. Duas figuras há, entretanto, que se aproximam do que todos nós entendemos por saudade, sem reduzir o vocábulo a um sentido mais concreto. Essas figuras encontramos em Silveira Bueno, quando diz que “saudade é a presença dos ausentes queridos” e, no poeta piauiense, Da Costa e Silva, o poeta da saudade, ao lembrar-se do olhar materno e do velho Rio Parnaíba de sua infância distante:

*Saudade, o olhar de minha mãe rezando
E o pranto lento, deslizando em fio.
Saudade — minha terra e o rio,
Cantigas d'águas claras soluçando.*

Quatro meses após a morte do filho, D. Hilda e o Sr. Armando começaram a freqüentar a Casa da Passagem, entidade espírita do Itaim, levados pelo amigo da família Paulo Pitta, companheiro das horas amargas, e que tomou para si o encargo de localizar o corpo do Wilson no Instituto Médico Legal.

Posteriormente, através de D. Yolanda, mãe do Augusto, que vieram a conhecer nessa época, passaram a visitar regularmente o Lar do Amor Cristão, no Ipiranga, onde sobretudo senhoras, vitimadas pela perda dos filhos, vão buscar o consolo e o esclarecimento.

Também por esse tempo, D. Hilda, que não conhecia Francisco Cândido Xavier, passou a visitá-lo em Uberaba e na 5.^a viagem, no dia 20 de dezembro de 1975, quase dois anos após a morte do filho, recebeu a mensagem Renasci das Chamas.

Maria Cristina, a esposa do Wilson, como os demais familiares, também de formação católica, encontrou nas palavras do marido, psicografadas por Chico Xavier, a confirmação de sua sobrevivência. E, somente então, após os dois penosos anos de sofrimento pela separação compulsória, começou a apresentar sinais mais efetivos de recuperação, embora muito traumatizada ainda, a ponto de interromper a entrevista que nos concedia, para a obtenção de dados referentes ao marido, envolvida que foi nos quadros do passado próximo, quando se viu, inesperadamente, sozinha.

Certamente nas telas de seu pensamento voltavam os quadros da juventude, quando durante quatro anos, após um despretencioso trote telefônico, ela e o Wilson passaram a manter regular intercâmbio, sempre pelo telefone, sem se conhecerem.

Mas o telefone do Além não permitiu que Wilson e a esposa deixassem de comunicar-se e foi esse reencontro que reacendeu na jovem Maria Cristina a chama da vida e os anseios de lutar, perseguindo a felicidade com as forças vivas da fé.

Querida Mãezinha, abençoe seu filho como sempre.

Aqui me parece reencontrar um segredo da Providência Divina: o retorno ao coração materno para renascer entre as criaturas humanas. Importante pensar: no mundo chegamos pelo regaço dos anjos a quem Deus confiou o lar e creio que, em meu caso, torno a me fazer sentir por suas preces, mãe querida.

Tenho a idéia de que obedeço a uma compulsão: suas orações me envolvem, desde muito tempo, levando-me a recordar os panos do berço com que a senhora um dia aí na Terra me esperou com tanto carinho. Mas o segredo continua: porque se alcancei os seus braços, chorando de alegria e de dor, na imagem de uma criança recém-nascida, regresso ao seu carinho com as lágrimas da felicidade e do sofrimento para surgir na forma desta carta em que trago notícias.

RENASCI DAS CHAMAS

Se me sensibilizo tanto, perdoem-me. A senhora e meu pai desculpem o que me ocorre. Não posso estancar o pranto de júbilo e saudade, em que se misturam os nossos corações no vaso da família.

Mãe, não se aflija tanto. Poderia afirmar como num telegrama: cheguei bem. No entanto, de que modo não extravasar o sentimento quando a ansiedade do rever foi tão amargurada e tão sofrida?

Tenho procurado consolá-los, fortalecê-los, mas não é fácil vencer os muros de vibrações, através dos quais ouvimos as vozes inarticuladas uns dos outros. O pensamento fala sem palavras e a mente escuta sem ouvidos.

Você sabe, mamãe, que seu filho está vencendo as lutas novas. Em nossas orações, o nosso diálogo é sempre repetido, sempre constante, mas você aguardava que esse tipo de ondas espirituais em que nos comunicamos tivesse um registro: o registro através das letras escritas. E estou aqui, rogando à senhora conduza minhas informações aos nossos entes queridos.

Cessem nossas lágrimas, porque o pesado aguaceiro de nossas inquietações vai sendo amainado. Peça à nossa querida Maria Cristina para que se refaça no coração. O amor é uma luz que brilha sempre. Um perfume que pode transferir-se de frasco, persistindo sempre o mesmo.

Não quero dizer que sou agora simplesmente o irmão da esposa querida que deixei. Sou ainda o

homem, o companheiro, o amigo, a metade do par feliz que nós fomos; entretanto, as lições daí são semelhantes às nossas neste mundo novo, em que nos modificamos pouco a pouco.

Por que o exclusivismo, não é Mamãe? quando devemos entender as necessidades que ficam na Terra? por que prender os corações amados, acorrentando-os a nós, quando o amor é a felicidade que podemos distribuir em seu nome? Amor é paz que se dá para receber, luz que se acende em alguém, para que a luz desse alguém nos clareie os caminhos.

Deixei Maria Cristina por menina que precisa de proteção para reconstituir as próprias tarefas. Precisamos auxiliá-la a reencontrar-se, realizar-se. Diga para ela, Mãezinha, que foi bom para nós não haveremos encomendado o bebê com que sonhávamos . . . A promoção que esperávamos em meu trabalho para isso era importante demais para que marcássemos a existência com esse compromisso.

Não peço a ela para esquecer-me, porque isso eu também não posso fazer, mas que nossa querida Cristina se lembre de que a compreensão mora conosco e, pela compreensão, devemos contar com as renovações com que Deus, por Seus Mensageiros, nos queira favorecer. O que ela escolher, escolhi; o que ela desejar, também desejo para ela, desde que nisso ela se faça feliz. Os caminhos dela serão os nossos, porque a leguei à nossa casa; ela é sua filha, Mãezinha, filha de meu pai também e nós todos estaremos com ela em todas as circunstâncias.

Meu avô Ângelo⁽¹⁾ e meu amigo o tio Ernesto Arbulu⁽²⁾ me informaram que ela procurou viajar para refazer energias⁽³⁾, a pedido deles mesmos, a fim de que melhorássemos, mas sei que ela não se sente feliz fora de nossos horizontes. Mamãe, rogue a ela e ao nosso caro Armandinho⁽⁴⁾ para não se rebelarem e não esmorecerem na fé. A oração é um fio de intercâmbio entre nós, ante a Providência Divina.

Aqui, vejo que a religião é uma lâmpada que brilha em qualquer lugar. As interpretações são apenas cores sobre o foco, imprimindo maneiras e reflexos diferentes da chama que é única. Seja qual for a manifestação de fé em que os nossos procurem viver, essa fé será sempre benéfica, embora deva considerar de minha parte que, neste mundo novo em que me vejo, trazem grande bem ao coração os textos que nos ensinam a necessidade do bem e de conhecimentos maiores, em nosso próprio auxílio. Mas, não tenho autoridade para tocar nisso; apenas anseio ver a paz em nossos familiares queridos, a paz que surge da certeza de que a vida não termina com a morte.

E por falar em morte, os quadros do incêndio já estão longe. Passaram. O nosso admirável Joelma para nós agora funcionou como um templo em que nos transformamos para as leis de Deus. Não creiam que o sofrimento para mim fosse muito. A princípio, o tumulto, o desejo natural de escapar à provação, a luta pela sobrevivência sem agressões⁽⁵⁾ à frente dos companheiros e colegas que

experimentavam como nós o desequilíbrio nos conflitos inesperados . . . Depois, foi a tosse, o cérebro toldado, como se houvesse sorvido uma bebida forte e, em seguida, um sono com pesadelos⁽⁶⁾ . . . Os pesadelos das telas em derredor que vocês podem imaginar como tenham sido . . .

Posso dizer a você, Mamãe, que pensávamos em helicópteros que nos retirassem das partes altas do edifício e com espanto, quando acordei ainda estremunhado, fui transportado para um aparelho semelhante, junto de outros amigos. Era assim tão perfeita a situação do salvamento que fui alojado num hospital, como se estivéssemos num hospital da cidade para recuperação, antes do regresso à nossa casa.

Mantive essa expectativa até que meu avô Ângelo me fizesse recordar os tempos de criança e, logo que me vi novamente menino, na memória, compreendi que ele era o meu avô na Vida Espiritual e que estávamos juntos. O hospital não era mais daqueles que conhecemos no mundo.

Meu avô e o meu tio, nosso irmão José Garcia⁽⁷⁾, me apresentaram aos benfeitores que nos acolhiam. Tantas surpresas tive ao abraçar antigos mestres do São Bento⁽⁸⁾ que chorei muito, sem saber se eu estava alegre ou triste, renovado ou vencido, como se algum pesadelo ou sonho feliz daquela hora fosse repentinamente materializado para meus olhos.

Um benfeitor dos meus benfeitores, preciso nomear — nosso amparo na Terra e aqui mesmo:

Dom Lourenço Zeller. Os que acreditam aí no mundo que a morte seja uma cortina de sombra e esquecimento, saibam que das cinzas do mundo surgem os nossos agradecimentos e os grandes benfeitores delas renascem para ajudar aos que caminham em passos vacilantes para as verdades maiores.

Os que sofreram nos claustros, os que desapareceram em louvor da fé, os que trabalharam para socorrer as criaturas que lutam na Terra, os que amaram um ideal superior, em nome de Deus, são aqui mais vivos. Todos vivemos, porque todos somos filhos de Deus e espíritos imortais; no entanto, os que se doaram pelos outros, os que se trocaram pela felicidade e pela paz dos seus semelhantes, aqui encontram mais vida, somando vida e amor a si mesmos, na medida do amor e da vida que distribuíram com os outros. Isso me vem à lembrança porque os amados professores do nosso colégio não estão mortos.

Mãe, querida Mãezinha, agora despede seu filho em paz, e lembre-me aos nossos. A todos, muito carinho e muito amor. Não posso escrever mais. À Maria Cristina e ao nosso Armandinho, o meu abraço de imensa confiança. Ao papai, a certeza de que prosseguimos juntos. Não tenham receio pelo amanhã. O verdadeiro seguro — o seguro que nunca falha — é o trabalho que Deus nos concede. Trabalhando no bem, tudo teremos de bom.

Querida Mãezinha, agradeço as orações e os pensamentos. Não chore com aflição que isso dói muito em nós aqui. Confiemos em Deus.

Receba todo amor e toda gratidão, com as saudades e as esperanças do filho que lhe traz o espírito agradecido, sempre seu filho e companheiro, carinho de seu carinho e coração de seu coração.

WILSON

20 dezembro 1975

A EMOÇÃO DO RETORNO

Conta-nos, D. Hilda, mãe do Wilson, que o próprio Chico chorava copiosamente, enquanto sua mão corria rápido o papel, escrevendo essa página de singular simplicidade.

De fato, acompanhando a leitura da mensagem, senti-lá-emos impregnada de um realismo nostálgico que difícil se nos torna conter a emoção maior. Entendemos o Wilson pelas suas palavras, como alguém que superando as próprias lutas, vencendo os embates íntimos, volta resolutivo para convidar os pais e a esposa querida a um novo entendimento. Daí dizer firme: “cessem nossas lágrimas, porque o aguaceiro de nossas inquietações, vai sendo amainado. Peça à nossa Cristina para que se refaça no coração”.

Não é fácil para nós, apreendermos toda a problemática afetiva que envolve dois corações jovens, ligados de modo aparentemente fortuito, qual sucedeu com Wilson e Cristina, como vimos, que se conheceram e mantiveram a ilusão dos sonhos de juventude, através de um aparelho telefônico, impotente, contudo, para separar as almas afins, que acabaram por se unir, ainda que por tão pouco tempo.

Ocorre-nos uma série de perguntas, quando seguindo na leitura da mensagem, surpreendemos o coração magnânimo do marido ausente pedir à esposa jovem que não se resigne à possibilidade de solidão. Muita coisa bonita o Wilson nos diz nessa mensagem, como alguém que havendo suportado o fogo do incêndio devastador por fora, alimentado pelas chamas incontroláveis do Joelma, passou a trazer mais intenso calor afetivo por dentro da própria alma, de tal forma sublimado em novas luzes de compreensão, que as expressões do comunicante nos comovem a todos.

Da página mediúnica, como revelação, cremos ser desnecessário falar. No desdobramento da leitura deste livro, como ocorre com JOVENS NO ALÉM, o leitor aprendeu a ver nas tarefas de Chico Xavier qualquer coisa de extraordinário, em que revelações incontestáveis se misturam a conceitos de brilho raro, poemas do céu em forma de prosa.

Também o Wilson não fugiu a citações surpreendentes. Senão vejamos:

- 1** — Meu avô Ângelo — avô materno Ângelo Arbulu, muito ligado ao Wilson. Faleceu há 12 anos, em São Paulo.
- 2** — Tio Ernesto Arbulu — ainda não identificado. Pelo que conhecemos do Chico, não temos dúvida de que nos arquivos familiares o Tio Ernesto será logo localizado.
- 3** — Ela procurou viajar — Realmente confirmado pela esposa do Wilson que buscou, em viagem para os Estados Unidos, no ano passado, o esquecimento da dor inseparável.
- 4** — Nosso caro Armandinho — irmão do Wilson, assim chamado pelos familiares.
- 5** — Luta pela sobrevivência sem agressões — um companheiro de serviço contou que durante o incêndio o Wilson, tão-logo teve ciência do ocorrido, foi de sala em sala avisar os outros funcionários da secção em que trabalhava.
- 6** — Tosse, cérebro toldado — confirma que a morte ocorreu presumivelmente por asfixia, pois que seu corpo estava

praticamente intacto, sem sinais de queimaduras importantes.

- 7** — José Garcia — tio paterno, desencarnado há cerca de 30 anos. O Sr. Armando Garcia nos contou que eram irmãos por parte de pai, sendo, José Garcia, filho do primeiro casamento. Sempre viveram distantes um do outro, sem maiores aproximações afetivas, desconhecendo mesmo o pai do Wilson, a data mais aproximada e o local de falecimento do irmão.
- 8** — Antigos mestres — Wilson cursou o primário no Colégio São Bento, tendo sido aluno de D. Lourenço Zeller, conforme lembra na mensagem, além de falar genericamente em outros mestres. O jovem reconhece em D. Lourenço Zeller o devotado benfeitor da Causa do Bem, homenageando-o com formosos conceitos a respeito dos abnegados heróis que passam pela Terra, distantes de nosso conhecimento maior, escondidos na própria humildade.

ENTREVISTANDO CHICO XAVIER

A morte de crianças e de jovens tem nos últimos anos merecido a atenção dos Espíritos que pela psicografia de Francisco Cândido Xavier nos oferecem páginas maravilhosas de revelação e conforto.

Dezenas e dezenas de mensagens do Além têm sido recebidas por Chico Xavier ultimamente, de modo particular de jovens recém-falecidos, em evidente destaque que os Benfeitores Espirituais, em nome de Jesus, dão à necessidade crescente de consolo aos familiares saudosos e de esclarecimento aos outros jovens da Terra, quanto à compreensão de suas responsabilidades.

Realmente a marcha do progresso, carrega em seu bojo, o preço doloroso de acidentes de toda sorte, que somados às enfermidades naturais, têm aumentado os números das estatísticas que anotam falecimentos em faixas etárias menos avançadas.

Neste livro, dois jovens pereceram em incêndio de grandes proporções, outros dois, imersos nas águas de nossas praias, enquanto que apenas dois de morte natural.

Muitos dos rapazes e moças, citados nas mensagens dos seis jovens, partiram da Terra, vitimados por acidentes de trânsito, assim nas vias urbanas como nas estradas, sendo a morte colhida nas rodas dos veículos, das causas que mais preocupam, pela sua elevada incidência, tendo merecido de nossas autoridades a maior das atenções, no sentido de que vidas não sejam ceifadas pela imprudência e pela invigilância na obediência às leis que disciplinam o trânsito.

Sobre tema tão atual, como a morte de crianças e jovens, e sobre comentários feitos pelos autores espirituais deste livro, a respeito de aspectos que nos chamaram particularmente a atenção, oferecemos a

Francisco Cândido Xavier, e o nosso querido amigo aquiesceu em responder, algumas perguntas que apresentamos a seguir:

1) — Por que morrem os jovens?

— *Dizem os Benfeitores Espirituais que a maioria dos jovens desencarnados são companheiros complementando determinados resgates na lei de causa e efeito.*

2) — Um dos autores deste livro, o Wilson William Garcia, falecido no Joelma, fala em máquinas semelhantes a helicópteros, no Além. É válida essa informação de que do outro lado da Vida existem máquinas de voar semelhantes à nossa? Você pessoalmente já viu algum desses aparelhos?

— *Sim, já vi por mim mesmo. Existem máquinas preciosas e para nós, na Terra, muito complexas no Plano de Vida próximo a nós.*

3) — A Volquimar fala em suas duas mensagens que alguns jovens mortos no incêndio do Joelma ainda se encontram em fase de recuperação na Espiritualidade, submetendo-se mesmo a plásticas para cura de seus corpos espirituais ainda enfermos. O incêndio não lesou apenas o corpo físico?

— *O corpo espiritual submete-se no Além a tratamentos determinados, conforme os imperativos de sua reestruturação e recuperação na Vida Maior.*

4) — Qual a explicação que o Espiritismo oferece, face à Reencarnação, às mortes ocorridas no Andrauss e no Joelma?

— *Diversas mensagens e instruções se referem a provas escolhidas pelos próprios amigos que lhes deram causa.*

5) — Há uma mensagem de Augusto no livro que de modo particular aborda o problema dos tóxicos entre os jovens. É grande a preocupação dos Espíritos pelo envolvimento de jovens na névoa densa do tóxico?

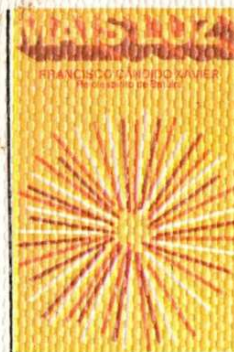
— *Sim, muitos Benfeitores Espirituais se empenham no auxílio a nós todos para que aprendamos a valorizar a vida.*

6) — Os jovens, em especial o Augusto e o Jair, explicam para você o porquê de utilizarem a gíria em suas mensagens?

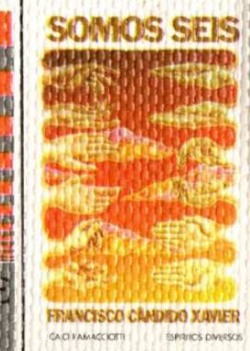
— *Para eles, segundo dizem, é o melhor meio de comunicação nas faixas etárias a que ainda se vinculam.*

7) — Você teria alguma mensagem pessoal para os pais e familiares que amargam a dor da separação pela morte de seus filhos queridos, retirados ao seu convívio, tão jovens ainda?

— *Deus nos auxilie a todos na sustentação de nossa fé na imortalidade da alma, porque essa fé na continuidade da vida além da morte do corpo, é o sustentáculo em que nos escoramos para vencer nas provas e tarefas que trazemos ao mundo.*



Escolha entre estes
clássicos da literatura espírita
os assuntos de seu interesse.



GEEM Grupo Espírita
Emmanuel ^{S/C} Editora

Av. Humberto Alencar Castelo Branco, 1666 - Tel. 443-5888 (PBX) - C.P. 888 - 09700 - São Bernardo do Campo - SP

A Editora GEEM coloca ao seu alcance algumas das obras mais representativas do conhecimento espírita, através do reembolso postal - uma maneira cômoda e econômica de formar sua biblioteca, ao mesmo tempo em que você ajuda a manter o "Nosso Lar".
Livros psicografados pelo médium Francisco Cândido Xavier.
